

CACADOR DE FANTASMAS

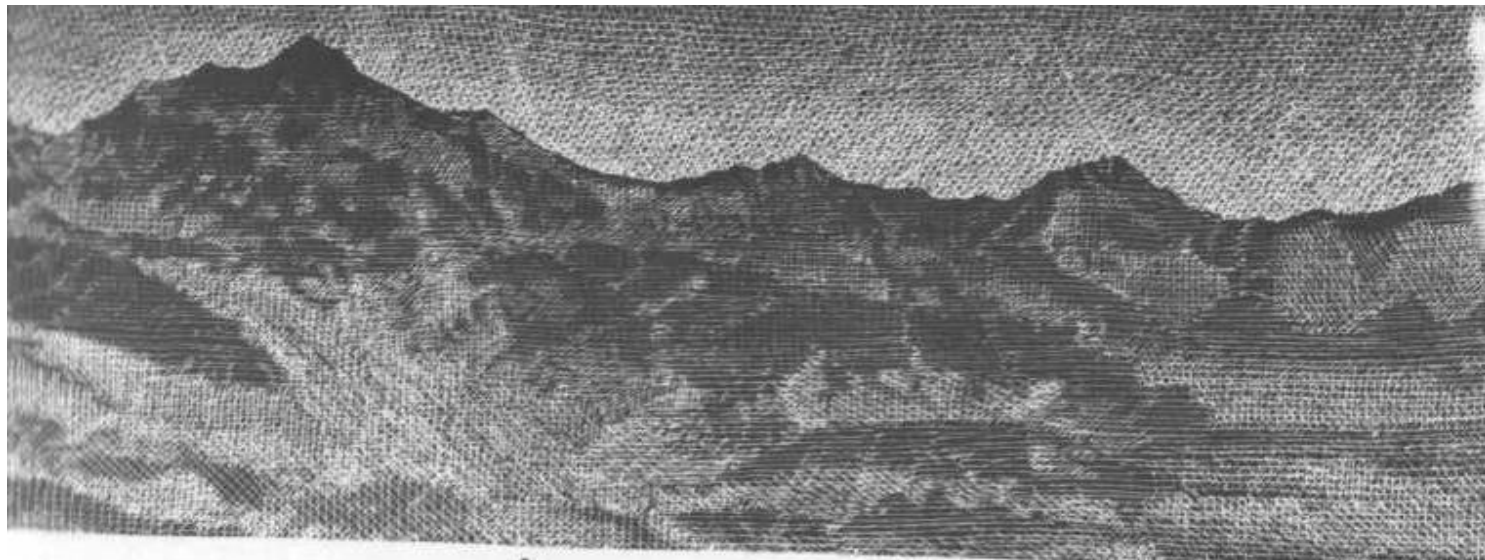
MICHELLE PAVER



ROCCO
JOVENS LEITORES







A
MONTANHA DE
FANTASMAS

CAMPO DAS
PEDRAS
"GRANDES"

GARGANTA DO
POVO OCULTO

COLINAS DAS
LÂMINAS

FORTES

AS
MONTANHAS
ALTAS

CRônicas DAS
TREVAS ANTIGAS

CAÇADOR DE FANTASMAS

MICHELLE PAVER

ILUSTRAÇÕES
GEOFF TAYLOR

TRADUÇÃO
DOMINGOS DEMASI

ROCCO
JOVENS LEITORES

Titulo original

CHRONICLES OF ANCIENT DARKNESS GHOST HUNTER

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2009

pela Orion Children's Books,

uma divisão da Orion Publishing Group Ltd

5 Upper St Martin's Lane

London WC2H 9EA

Copyright do texto © Michelle Paver, 2009 *Copyright* das ilustrações © Geoff Taylor, 2009

O direito de Michele Paver a ser identificada

como autora desta obra e de Geoff Taylor ilustrador foi assegurado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar 20030-021 — Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3 525-2000-Fax: (21) 3525-2001 rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais FRIDA LANDSBERG

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P365c Paver, Michelle, 1960-

Caçador de fantasmas / Michelle Paver; ilustrações Geoff Taylor; tradução Domingos Demasi; preparação de originais Frida Landsberg. — Primeira edição. — Rio de Janeiro; Rocco Jovens Leitores, 2011.

il. — (Crônicas das trevas antigas) (Trem da história)

Tradução de: *Chronicles of ancient darkness: Ghost hunter* ISBN 978-85-7980-087-0

1. Homem pré-histórico — Literatura infantojuvenil.

2. Possessão demoníaca — Literatura infantojuvenil.

3. Bem e mal — Literatura infantojuvenil.

4. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Taylor, Geoff.

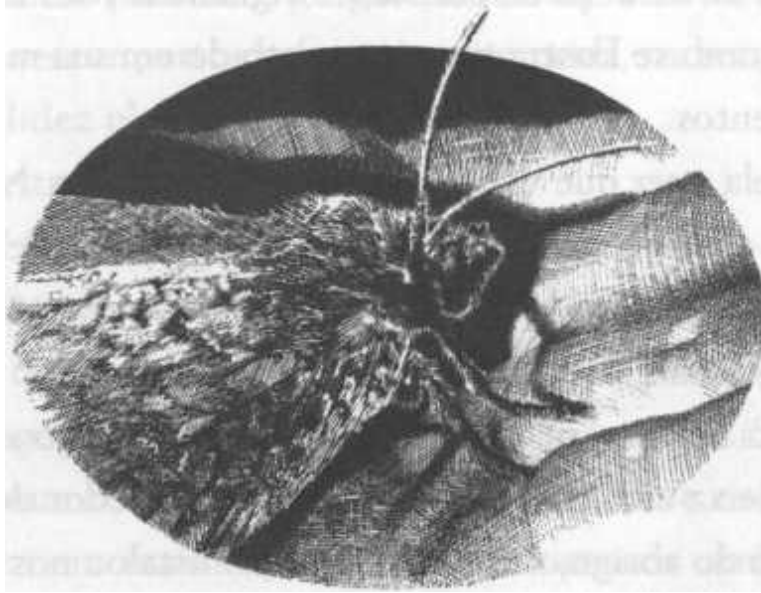
II. Demasi, Domingos, 1944-. III. Título. IV Série.

11-4851 CDD-028. 5 CDU— 087. 5

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Digitalização e Revisão: Yuna

UM



Torak não quer entrar no acampamento silencioso.

A fogueira está morta. A machadinha de Fin-Kedinn repousa nas cinzas. O arco de Renn fora pisoteado na lama. O único vestígio de Lobo é uma porção de marcas de patas espalhadas.

Machadinha, arco e marcas estão polvilhados com o que parece neve suja. Quando Torak se aproxima, mariposas erguem-se num enxame. Fazendo uma careta, ele sacode a mão para afugentá-las. Mas, ao se afastar, elas pousam novamente para se alimentar.

No abrigo, ele para. O batente da porta está pegajoso. Ele capta aquele cheiro adocicado, nauseante. Não ousa entrar.

Está escuro lá dentro, mas vislumbra uma multidão de mariposas — e sob elas há formas imóveis. Sua mente rejeita o que ele vê, mas seu coração já sabe.

Recua. Cai. A escuridão se fecha sobre ele...

Com um ofego, Torak se senta.

Ele estava no abrigo, aninhado no seu saco de dormir. O coração martelava contra as costelas. Sua mandíbula doía por causa do trincar de dentes. Torak não havia adormecido. Seus músculos estavam tensos por causa do esforço da constante vigilância. Mas ele vira aqueles corpos. Era como se Eostra tivesse penetrado em sua mente e torcido seus pensamentos.

É o que ela quer que você veja, disse a si mesmo. Não é verdade. Aqui está Fin-Kedinn, dormindo no abrigo. E Lobo e Pelo-Escuro e os filhotes estão a salvo no local de descanso. E Renn está em segurança com o Clã do Javali. *Não é verdade.*

Uma coisa rastejou pela sua clavícula. Ele a esmagou com o punho. A mariposa deixa uma mancha polvorenta e um fedor de podre.

No fundo do abrigo, outra mariposase instalou nos lábios separados de Fin-Kedinn.

Torak se livrou de seu saco de dormir agitando os pés e rastejou até seu pai adotivo. A mariposa ergueu-se, esvoaçou e desapareceu na noite.

Fin-Kedinn gemeu no sono. Pesadelos já se infiltravam em seus sonhos. Mas Torak sabia que não devia acordá-lo. Se o fizesse, as imagens nocivas assombrariam durante dias o Líder Corvo.

A própria visão de Torak grudava nele como o pó imundo da mariposa. Vestindo perneiras, gibão e botas, ele deixou o abrigo.

A Lua de Abrunheiro projetava compridas sombras azuis através da clareira. Ao redor, o hálito da Floresta flutuava por entre os pinheiros.

Alguns cães ergueram a cabeça quando Torak passou, mas o acampamento estava silencioso. Era preciso conhecer o Clã do Corvo tão bem quanto ele para perceber como as coisas estavam erradas. Os abrigos, como auroques amedrontados, se amontoavam ao longo da fogueira comprida que queimava durante a noite. Saeunn cercara a clareira com tições fumegantes de juníperos montados sobre estacas, numa tentativa de repelir as mariposas.

Na forquilha de um pé de vidoeiro, Rip e Rek estavam empoleirados com a cabeça enfiada debaixo das asas. Dormiam tranquilamente. Até então, as mariposas tinham incomodado apenas as pessoas.

Ignorando os protestos gorgolejantes dos corvos, Torak os recolheu e foi se sentar perto da fogueira comprida, os braços repletos de sonolenta calidez plumosa.

Na Floresta, um veado bramiu.

Quando era pequeno, Torak adorava ouvir o urro do veado-vermelho nas nevoentas noites de outono. Instalado confortavelmente em seu saco de dormir, ele fitava as brasas e imaginava ver minúsculos veados de fogo colidindo galhadas em um vale ígneo. Sentia-se seguro, sabendo que Pa manteria distantes a escuridão e os demônios.

Ele agora era mais experiente. Três outonos atrás, numa noite como aquela, Torak se agachara sobre os destroços de um abrigo e observara seu pai sangrar até a morte.

O veado silenciou. Árvores rangeram e gemeram em seu sono. Torak desejava que alguém acordasse.

Ansiou por Lobo, mas uivar atrás dele seria perturbar o acampamento inteiro. E não conseguiria enfrentar a longa caminhada para encontrar a alcateia.

Como chegara àquela situação?, imaginou. Eu receio entrar sozinho na Floresta.

"É assim que começa", dissera-lhe Renn meia lua atrás. "Ela manda uma coisinha pequena, que vem na noite. Uma coisa da qual você não consegue se livrar.

E as mariposas são apenas o começo. O medo vai aumentar. É disso que ela se alimenta. É isso que a deixa forte. "

A distância, um bufo-real piou: uu-hu, uu-hu.

Torak apanhou um graveto e estocou selvagememente a fogueira. Não conseguia mais aguentar aquilo. Ele estava pronto: tinha uma aljava cheia de flechas, e as pontas de seus dedos doíam de tanto cerzir suas roupas de inverno. E havia amolado tanto as lâminas de sua machadinha e de sua faca que elas eram capazes de dividir um fio de cabelo.

Se ao menos ele soubesse onde encontrá-la. Mas Eostra a escondera em seu covil da Montanha. Como uma aranha, ela lançara sua teia pela Floresta. Como uma aranha, ela sentia o menor tremor em seus fios mais distantes. Ela sabia que ele a caçaria. Ela queria que ele tentasse. Mas ainda não.

Fechando a cara, Torak tentou se perder nas brasas incandescentes.

Despertou diante de uma voz chamando seu nome.

As toras desabaram. Os corvos estavam de volta à sua árvore.

Ele não havia sonhado essa voz. Ele a tinha ouvido. Era familiar — insuportavelmente familiar. E também era impossível.

Pondo-se de pé, Torak sacou sua faca. Ele parou, quando chegou ao círculo de tições de juníperos que protegiam o acampamento. Em seguida encolheu os ombros, passou por eles e penetrou na Floresta.

A lua brilhava. Os pinheiros flutuavam num mar branco de névoa.

Acima dele, na encosta, algo saiu de vista.

A respiração de Torak saía rápida e curta. Não ousava ir atrás. Mas tinha de ir. Subiu, esfolando a mão à medida que avançava pela vegetação rasteira.

Na metade da subida, ele parou para escutar. Nada, a não ser o furtivo gotejar de névoa.

Algo roçou sua mão com a faca.

Na base de seu polegar, uma mariposa se alimentava de uma gota de sangue.

"*Torak...* " Um sussurro suplicante das árvores.

O medo alcançou o peito de Torak e apertou seu coração. Aquilo não era possível.

Subiu mais alto.

Em meio à neblina rodopiante, ele vislumbrou uma figura alta parada perto de uma grande pedra.

"*Ajude-me...* ", sussurrou ela.

Ele avançou desajeitado em sua direção.

A figura se fundiu com as sombras.

Ela não deixara rastros; apenas um galho, balançando ligeiramente. Mas, atrás da pedra, Torak encontrou os restos de uma fogueira. As toras estavam frias,

cobertas de cinzas. Olhou para elas. Estavam dispostas como uma estrela. Não era possível. Somente ele e uma outra pessoa faziam suas fogueiras daquele modo.

Olhe atrás de você, Torak.

Ele girou.

A dois passos de distância, uma flecha fora enfiada na terra.

Torak reconheceu de imediato o emplumado. Ele conhecia quem fizera aquela flecha. Queria desesperadamente tocar nela.

Tentou umedecer os lábios com a língua, mas sua boca estava seca.

— É você? — perguntou, a voz dissonante de medo e ansiedade.

— *É você?... Pa?*

DOIS



Não deve ter sido ele — disse Fin-Kedinn.

— Era Pa — afirmou Torak, enrolando seu saco de dormir. — Sua flecha, sua fogueira, sua voz. Seu espírito.

Fin-Kedinn cutucou com seu cajado a terra defronte ao abrigo.

— Vozes podem ser imitadas. Quem o conheceu se lembra de como ele despertava suas fogueiras. Em relação à flecha...

— Eu sei — interrompeu Torak —, qualquer um poderia tê-la encontrado. Porque eu o deixei na Floresta. Sem galhos de sorveira, sem cânticos. Apenas uma grosseira tentativa de Marcas de Morte. Não admira que ele não tivesse encontrado paz.

Apanhando das traves tiras de carne seca, ele encheu sua bolsa de comida com elas. A *carne seca de veado*, seu pai arfara, enquanto jazia moribundo. *Leve toda*. Mas, na pressa, Torak a deixara para trás.

— Você tinha doze verões de idade — disse baixinho Fin-Kedinn. — Fez o melhor que pôde.

— Não foi o bastante. Agora ele implora a minha ajuda.

— Ou Eostra quer que você pense assim.

Torak entesou-se. Naqueles dias, poucos ousavam pronunciar esse nome em voz alta.

— É isso o que ela faz — disse o Líder Corvo. — Penetra furtivamente em pensamentos e sonhos. Ela origina medo.

— Eu sei.

— Sabe? Faz ideia do quanto é poderosa? Ela tem tokoroths sob suas ordens. Possui a opala de fogo. Todos os outros Devoradores de Almas a temiam. E você quer ir atrás dela sozinho.

Torak fez uma pausa. A névoa engrossara para uma cerração, e, no acampamento que despertava, as pessoas assomavam e sumiam como fantasmas. Ele via rostos atormentados, aterrorizados. Ficou imaginando se a cerração teria sido enviada por Eostra.

Abrindo a bolsa de remédios, encontrou o pedaço de raiz-preta que pedira a Saeunn, para o caso de precisar agir como espírito errante. Mas de que isso adiantaria contra a Maga Bufo-Real?

— Talvez você tenha razão — disse ele. — Talvez o que eu vi ontem à noite foi coisa feita por ela. Pa foi um Devorador de Almas por algum tempo. Talvez ela exerça alguma influência sobre seu espírito. Mas eu preciso fazer alguma coisa.

— Ainda não. Faz poucos dias desde que as mariposas chegaram. Nem mesmo Saeunn já tinha visto algo igual a elas. Recebi um recado de Durrain, dos Veados-Vermelhos, ela concorda comigo. Precisamos juntar os clãs. Se não fizermos isso... se cedermos ao medo... cairemos nas mãos de Eostra.

— Não posso esperar mais — explodiu Torak. — Por várias e várias vezes, eu quis partir, e você sempre disse não! As Montanhas são vastas, você disse, alguém poderia procurar durante a vida inteira e não a encontrar. Mas agora estamos sob ataque. Quem sabe o que ela enviará a seguir? É meu destino enfrentá-la, Fin-Kedinn. Devo esperar até ela ter a Floresta inteira sob seu domínio?

— E o que você vai fazer, seguir para as Montanhas e confiar na sorte?

— Não precisarei! Ela quer o meu poder. Quando estiver pronta, ela me dirá onde está.

— Quando ela estiver pronta, Torak! Quando ela o pegar sozinho. Quando for tarde demais. Não. Não deixarei você ir.

— Você não pode me deter.

Eles se encararam. Fin-Kedinn era maior e mais forte, porém Torak não precisava mais erguer a vista para olhá-lo.

Apanhando sua bolsa de remédios, Torak deu um puxão no cordão de fechar e o apertou bem apertado.

— Quando Renn voltar, diga-lhe que sinto muito. É perigoso demais ela vir comigo. Pelo menos essa é uma decisão que você aprovará — acrescentou com certa mágoa. Desde que ele fizera quinze anos, a idade na qual a lei do clã permite a um rapaz procurar uma companheira, a impressão era a de que Fin-Kedinn tentava mantê-los separados.

Jogando fora seu cajado, Fin-Kedinn deu alguns passos, mas retornou.

— Eu entendo o desejo de contatar os mortos. Acredite em mim; quando sua mãe morreu... Mas, Torak, isso precisa ser *impedido*. Os vivos e os mortos não podem ficar juntos. Isso causa uma influência maligna nos vivos e os arrasta à loucura!

Ele falou com uma surpreendente veemência, e, por um momento, Torak estremeceu. Depois colocou sua aljava e seu arco a tiracolo e apanhou a machadinha.

— Ele é meu pai — disse.

— *Seu* pai. *Seu* destino. Mas essa não é apenas *sua* batalha! Isso ameaça todos nós!

— É por isso que devo ir. Não há mais nada que eu possa fazer.



Torak deixou o acampamento Corvo logo depois. A cerração oprimia seu espírito, mas não viu mais mariposas, e não sentiu qualquer ameaça imediata, ao seguir para leste.

Perto do meio-dia, a cerração se dissipou e o sol saiu. Gotas de umidade cintilavam nas samambaias amarelo-âmbar e nas barbas-de-velho verde-prateado. O restante do epilóbio lampejava roxo embaixo do Videiro dourado e da fulgurante sorveira: a eclosão final de esplendor da Floresta antes de ela adormecer para o inverno. Tinha sido um bom outono para nozes e bagas, e a vegetação rasteira farfalhava com pequenas criaturas que desfrutavam o banquete. Gaios brigavam por bolotas. Esquilos enterravam avelãs no húmus.

Rip e Rek passaram voando, fazendo ruídos de pica-pau e fingindo ignorar Torak. Estavam de mau humor por terem deixado o acampamento Corvo, onde engordaram com tantas oferendas, principalmente Rip. Este havia perdido uma pena de asa, na primavera, ao lutar com o Mago Carvalho, e ela nascera de novo com a cor branca. Isso significava que ele era reverenciado pelos clãs.

Torak mal notou os corvos. Detestava ter deixado Renn para trás. Ela nunca o perdoaria. Mesmo assim, ele sabia que tinha de fazê-lo. Sua visão do acampamento massacrado poderia se tornar realidade. Quando ele enfrentasse a Maga Bufo-Real teria de ser sem Renn.

E sem Lobo.

Era por isso que decidira por uma rota indireta em direção às Montanhas. O caminho mais rápido seria atravessar o Água Cinzenta e ir para sudeste, seguindo rio acima o Água Ligeira, e depois pelos outeiros. Em vez disso, ele seguiu para nordeste, subindo o Salto do Cavalo, em direção à elevação mais adiante do rio, para onde Lobo e Pelo-Escuro haviam mudado recentemente os filhotes.

Para dar adeus.



O local de descanso era um pedaço de terreno plano no topo do rochedo, limitado de um lado por um freixo caído, e, do outro, por um trecho com arbustos espinhosos. Era fim de tarde, quando Torak o alcançou, e Pelo-Escuro e os filhotes lhe deram boas-vindas extáticas; mas Lobo estava fora, caçando.

Torak ficou aliviado. Agora ele faria um abrigo e esperaria seu irmão de alcateia. Poderia retardar sua partida para o dia seguinte.

Quando a escuridão baixou, ele despertou uma fogueira e construiu um telhado inclinado com galhos de abeto apoiados no freixo e pendurou suas coisas fora do alcance de focinhos curiosos. Havia apenas dois filhotes em seu caminho. O tal com orelhas marrom-avermelhadas, a quem Renn batizara de Click, morrera de doença na lua anterior.

Quando o abrigo ficou pronto, Torak foi colher amoras-pretas, e os filhotes também foram: Sombra, a de cor preta com predileção para roer botas, e Seixo, que, no verão, fora o primeiro a emergir do Covil e saudar Torak.

As amoras estavam tão maduras que se despedaçavam nas mãos de Torak, e os filhotes as cheiravam curiosamente em sua palma. Sombra colocou as patas dianteiras sobre o joelho dele e se ergueu nas patas traseiras para lhe dar um grudento beijo de lobo, enquanto Seixo, o focinho manchado de roxo, saiu correndo para ir atacar o abrigo. Agarrando um galho com as mandíbulas, deu um tal puxão que fez a coisa toda estremecer, o que o atirou violentamente de volta para sua mãe.

Enquanto observava Pelo-Escuro lambe seus filhotes, Torak sabia que fazia a coisa certa. Eles tinham apenas três luas: eram pequenos demais para fazer a viagem às Montanhas. E Lobo jamais os deixaria para trás.

Pensando nisso, Torak rastejou para seu saco de dormir.

Era uma noite muito fria, e ele ficou grato pelas suas roupas de inverno: um gibão e subperneiras de pele de pato, com uma parca e sobreperneiras de uma quente pele de rena, e botas de pele de castor.

Ele não tinha dormido muito tempo, quando foi acordado por ganidos nervosos.

Lobo havia retornado. Pelo-Escuro e os filhotes sacudiam o rabo, enquanto engoliam a carne que o pai vomitava para eles, ao mesmo tempo que Rip e Rek circulavam por ali à procura de restos. Pelo— Escuro era esperta demais para eles, e os filhotes tinham aprendido, pelo modo mais difícil, sobre o furto dos corvos, e os repeliavam com grunhidos e batidas com o corpo.

Ao luar, o lugar de descanso foi decorado com geada, e os olhos da alcateia luziam prateado. Lobo pulou em cima de Torak e eles rolaram no chão, cutucando narizes e lambendo o focinho um do outro. *A caça é boa, os filhotes estão fortes!*, disse Lobo.

Erguendo a vista, Torak viu que o céu negro estava pontilhado de fofos flocos brancos.

Era a primeira neve dos filhotes, e eles a adoraram. Perseguiram e abocanharam e espreitaram aquela estranha, silenciosa presa, golpeando-a com as patas e lambendo-a das pelagens um do outro. Torak ajoelhou-se e treparam nele, assaltando-o com focinhos gelados. Lobo e Pelo-Escuro se juntaram a eles e todos caçaram uns aos outros pelo cume e em volta do local de descanso, escorregando tão perto da beirada que enviavam seixos que salpicavam no Salto do Cavalo bem lá embaixo.

Finalmente, Torak acocorou-se junto à fogueira, e os lobos ergueram o focinho e uivaram para a lua. Torak ouviu os urros vacilantes dos filhotes e as vozes fortes, seguras de seus pais. Não parecia possível que ele pudesse se forçar a partir. E o pior de tudo era que não podia contar a Lobo, o que apenas o forçaria a fazer uma angustiante escolha: seguir Torak e desertar de sua família, ou ficar com ela e abandonar seu irmão de alcateia.

Sentindo a infelicidade de Torak, Lobo parou de uivar e trotou em sua direção. Sua abundante pelagem de inverno reluzia com a neve, mas sua língua era quente, quando ele lambeu o rosto de Torak.

Você está triste, disse ele.

Não, mentiu Torak.

Lobo não perguntou novamente, mas se encostou nele, consolando-o com sua presença.

Em segurança com a alcateia, Torak dormiu sem medo das mariposas de Eostra, e acordou ao amanhecer. Os filhotes formavam um amontoado salpicado de neve, com Pelo-Escuro e Lobo enroscados ali perto.

Silenciosamente, Torak pôs a fogueira para dormir e colocou seu equipamento a tiracolo.

As patas de Lobo se contraíram durante o sonho, mas, quando Torak se ajoelhou a seu lado, ele abriu os olhos e agitou o rabo.

Você vai caçar?, perguntou, com uma inclinação da orelha.

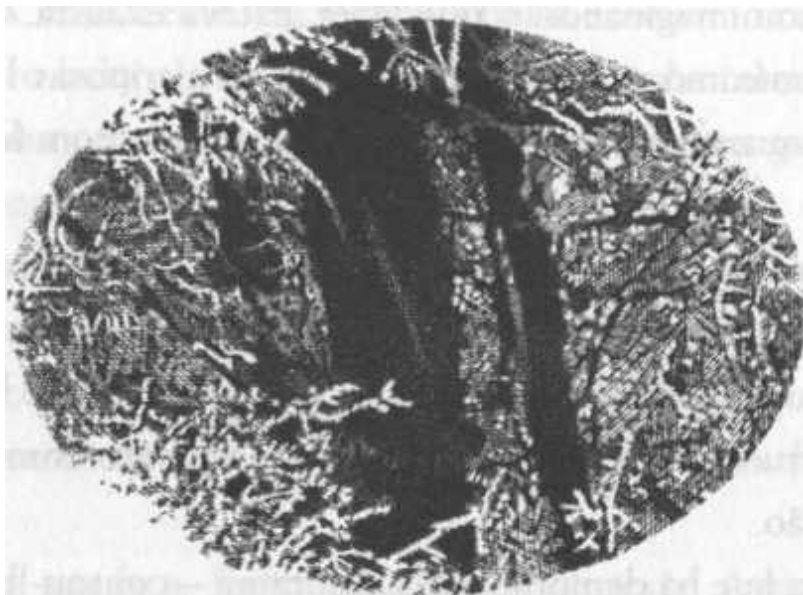
Vou, respondeu Torak em fala de lobo. Enterrando o rosto no cangote de seu irmão de alcateia, ele inalou profundamente várias vezes aquele cheiro adorado. Em seguida separou-se dele e foi embora.

Era uma manhã implacavelmente fria, e as crostas de gelo crepitavam debaixo de suas botas. No terreno alto, o vento havia exposto pedaços de moitas achatadas de uva-ursina: o alarmante vermelho de sangue derramado. Num dos pedaços, Torak encontrou uma mariposa. Tocou-a com sua bota, e ela se desfez em pó.

Enquanto prosseguia, encontrou mais mariposas mortas sujando a vegetação rasteira. A camada de gelo dera um fim nelas.

Ou talvez, pensou receosamente, Eostra não precisasse mais delas. Talvez já tivessem feito seu trabalho.

TRÊS



— Não consegue ouvi-los? — sussurrou o garoto doente.

— Ouvir quem? — perguntou Renn.

— Os *demônios*...

Renn pegou um tição na fogueira e lhe mostrou todos os cantos do abrigo do Clã do Javali.

— Aki, olhe. Não há demônios aqui.

— As mariposas os atraíram — murmurou, balançando-se para a frente e para trás. — Agora, eles nunca me deixarão.

— Mas não há nada...

Agarrando seu braço, ele cochichou em seu ouvido.

— *Eles estão na minha sombra!*

Renn deu um tranco para trás.

Aki fitou à sua volta com olhos assombrados.

— Eu os ouço o tempo todo. O estalido de suas mandíbulas. Sua respiração raivosa. Pela manhã, quando a minha sombra é comprida, eu os vejo. Na metade do dia, quando minha sombra se arrasta mais para perto, eles estão dentro de mim. Debaixo da minha pele, roendo minhas almas. Ai! Vão embora! — Ele arranhou sua sombra.

Renn ficou imaginando o que fazer. Estava exausta. Durante dias ela fizera o máximo possível para manter as mariposas longe do Clã do Javali, enquanto o Mago deles estava prostrado com febre. E agora aquilo.

Os dedos de Aki sangravam à medida que ele arranhava a esteira. Renn tentou detê-lo, mas ele era muito forte. Ela pediu ajuda. O pai de Aki entrou correndo e envolveu o filho nos braços. Um segundo homem, perturbado pela febre, ergueu um amuleto com espiral e fez o sinal da mão.

— Ele diz que há demônio em sua sombra — contou-lhe Renn.

O Mago Javali confirmou com a cabeça.

— Acabei de ver mais dois com a mesma doença, Renn. Se isso está aqui, também vai estar com os Corvos. Eu já estou bem. Volte para o seu clã.

Os Javalis tinham acampado junto ao Rio Pedra Rolada, a menos de um dia de caminhada ao norte dos Corvos, mas a neblina tornava mais lento o avanço de Renn. Ao cambalear em meio à névoa, ela pensava nas mariposas e em Eostra, a Mascarada. Cada folha que caía fazia com que ela desse um pulo. Arrependia-se de ter recusado a oferta do Líder do Clã do Javali para acompanhá-la.

Sua mente cansada rodopiava. Como deter as mariposas? Como combater a doença da sombra? E se Saeunn estivesse velha demais e fraca demais para estar à altura de tudo que a atacasse?

E, como uma corrente por baixo de tudo, estava a corrosiva ansiedade em relação a Torak.

Por dias, ela tinha lido as brasas, e, na noite anterior, colocara um rompe-sonho debaixo de seu saco de dormir: um graveto de sorveira enrolado com um cacho de seu cabelo. Tudo apontava para o mesmo caminho. Ela rezou para que tivesse entendido errado.

A neblina sumiu no meio da tarde, e ela fez uma pausa para um bolo de salmão debaixo de um pé de faia. Estava abrindo a bolsa de comida, quando as tatuagens em zigue-zague de seus punhos começaram a formigar. Calmamente, ela fechou a bolsa e examinou a árvore.

Do outro lado, alguém entalhara uma estranha marca pontuda no tronco. Tinha cerca de um palmo de largura, e fora golpeada — não entalhada, mas *golpeada* — na lisa casca prateada.

Renn nunca vira nada parecido. Parecia uma enorme ave com as asas abertas. Ou uma montanha.

E era recente. Sangue de árvore escorria dos ferimentos. Quem quer que tivesse feito aquilo agira com ódio e com o desejo de provocar dor.

Sacando sua faca, Renn vasculhou a Floresta. A luz começava a decair. Sombras se reuniam debaixo das árvores.

Ela conhecia apenas uma criatura capaz de tratar outra com tanta selvageria. Um tokoroth. Um demônio no corpo de uma criança.

Tocou a cicatriz nas costas de sua mão, onde um deles havia mordido dois verões atrás. Lembrou-se do cabelo imundo, desgrenhado. Dentes e garras cruéis. Imaginou ver galhos balançarem, ouvir uma gargalhada cacarejante, enquanto a criatura pulava de árvore em árvore.

Não há nada aqui, disse a si mesma.

Mas correu encosta acima.

Agora não está muito longe. Basta eu ultrapassar o cume, e voltarei para o vale do Água Cinzenta, e é o tempo todo descida.

A noite estava gelada, quando ela chegou ao acampamento Corvo. Seu clã, acorado ao longo da fogueira comprida, saudou-a com rápidos movimentos de cabeça. Ninguém perguntou por que ela estava apavorada. O Medo estava suspenso no ar. O Mago Javali tinha razão: as coisas ali também estavam ruins.

Dois jovens caçadores, Sialot e Poi, tinham adoecido; diziam que havia demônios em suas sombras. Passaram o dia todo entalhando estranhas marcas pontudas em tudo: terra, madeira, até mesmo em sua própria carne. Fin-Kedinn estava no rio, fazendo uma oferenda. E Torak não estava. Tinha partido naquela manhã para as Montanhas.

Quando soube disso, Renn soltou um estranho berro e correu para seu abrigo.

Lá dentro, a Maga Corvo lia as brasas.

— Por que você não o impediu? — gritou Renn.

Saeunn não ergueu a vista. Estava sentada debaixo de seu manto de pele de alce, alimentando a fogueira com lascas de casca de amieiro, observando como elas se retorciam, esforçando-se para captar o silvo dos espíritos.

— A Montanha de Fantasma — murmurou. — Ah... Sim...

Renn largou suas coisas no chão e arrastou-se para mais perto.

— A Montanha de Fantasma. É disso aquela marca que encontrei na árvore?

— Ela montou seu covil na Montanha. Ela procurava poder sobre os mortos. Sim... Esse sempre foi o seu desejo.

Renn pensou em Torak seguindo seu caminho através da Floresta, sem saber para o que estava se dirigindo. Ela passou a encher sua bolsa de comida com bolos de salmão.

— Você partiria durante a noite? — zombou Saeunn. — Com as mariposas e a doença da sombra, e tokoroths esperando na Floresta?

Renn parou.

— Então, assim que amanhecer.

— Você não pode ir. Você é uma Maga. Precisa ficar e ajudar o seu clã.

— Ajude você — retrucou Renn.

— Estou velha — disse Saeunn. — Em breve, procurarei a minha morte.

Alarmada, Renn fez contato com seu olhar insensível. Enquanto ela estivera fora, a Maga Corvo definhara. Por baixo de seu couro cabeludo sarapintado, seu crânio parecia tão frágil quanto uma bufa-de— lobo: um toque, e ele se desfaria em pó.

Sua mente, porém, continuava tão aguçada quanto as garras de um corvo.

— Quando eu morrer — declarou —, você será a Maga Corvo.

— Não — disse Renn.

— Não há escolha.

— Eles podem encontrar outro. Isso acontece. As pessoas escolhem Magos de outros clãs.

— Garota tola — proferiu Saeunn. — Eu sei por que você se esquia do seu dever! Mas você acha que, mesmo se ele sobreviver a essa batalha final... se derrotar a Devoradora de Alma e sobreviver para contar... você acha que permanecerá com os Corvos? Ele é um errante, está na sua medula! Você ficará, ele irá embora. É assim que será!

Nesse momento, Renn odiou Saeunn. Quis sacudir com toda a sua força aqueles frágeis ombros.

Saeunn leu seus pensamentos e ladrou uma gargalhada.

— Você me odeia porque eu falo a verdade! Mas você também a conhece. Você leu os sinais.

— Não — sussurrou Renn.

Saeunn agarrou seu pulso.

— Diga a Saeunn o que você viu.

As garras da Maga eram tão fracas e frias quanto as de um pássaro, mas Renn não conseguia se livrar.

— A... a Floresta de cristal se despedaça — hesitou.

— A sombra retorna — acrescentou Saeunn.

— O guardião branco circula pelas estrelas...

— ... mas não consegue salvar o Ouvinte.

Renn engoliu em seco.

— O Ouvinte, frio, está caído na Montanha.

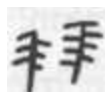
— Ah... — murmurou a Maga Corvo. — As brasas nunca mentem.

— Elas devem estar erradas! — bradou Renn. — Eu provarei que estão erradas!

— As brasas nunca mentem. Eostra vai pegá-lo sozinho. Sem você. Sem o lobo.

— Não vai, *não!* — explodiu Renn. — Ela não conseguirá nos separar, ele não a enfrentará sozinho!

— Ah, ele vai, sim. Já vi isso nas brasas, já vi isso nos ossos, e eles me dizem... sim, e você sabe disso em seu coração... eles me dizem que o espírito errante morrerá!



Após uma noite terrível, Renn deslizou para um sono sem sonho. Quando acordou, ficou horrorizada ao descobrir que metade da manhã já se passara.

A primeira neve tinha caído, e o brilho branco a fez pestanejar, ao sair, com a cabeça pesada e os membros doloridos. O acampamento estava movimentado. O clã derrubava os abrigos e usava os rebentos e as peles de rena para fazer trenós, enquanto os cães — que sabiam o que isso significava — corriam de um lado a outro, ansiosos para entrar nos arreios. Os Corvos levantavam acampamento.

Renn encontrou Fin-Kedinn desmontando seu abrigo.

— Para onde? — perguntou ela. — E por que agora?

— Ao leste, para as colinas. Os clãs se reunirão lá. Eles estarão mais seguros na Floresta Profunda. — Ele viu sua expressão e parou.

— Você vai atrás dele.

— Vou. — Renn esperava que Fin-Kedinn a impedisse, mas ele prosseguiu com o seu trabalho. O rosto dele estava cinzento. Ela podia perceber que ele não dormira.

— Por que vocês estão levantando acampamento agora? — perguntou novamente.

— Já lhe disse. Eles estarão mais seguros perto da Floresta Profunda.

— Eles? Mas... você não vai?

— Não. Thull vai liderá-los na minha ausência. Saeunn trocará ideias com ele, quando os clãs se reunirem.

— O *quê*? — Renn o encarou. — Mas... eles precisam de você mais do que nunca! Não pode partir agora!

Fin-Kedinn a encarou.

— Você acha que eu deixaria o meu povo, se não estivesse convencido de que era a única maneira? Tenho pensado nisso há dias. Agora tenho certeza.

— Por *quê*? Aonde você vai?

Ele hesitou.

— Preciso encontrar a única pessoa que pode ajudar Torak. Que pode ajudar a todos nós.

— Quem é?

— Não posso lhe dizer, Renn.

Ela vacilou.

— Não pode? Ou não quer?

Ele não respondeu.

Com um berro, Renn deu-lhe as costas. Tudo acontecia muito depressa. Primeiro Torak. Agora Fin-Kedinn.

Ela sentiu nos ombros as mãos de seu tio, virando-a delicadamente. Viu a neve polvilhando a pele branca de sua parca; os cabelos brancos listrando sua barba vermelho-escura.

— Renn. Olhe para mim. *Olhe para mim*. Não posso lhe dizer. Porque jurei pelas minhas almas, jurei que nunca diria.



Flores de gelo cresciam nas margens do Rio Salto do Cavalo. As árvores cintilavam com o gelo. Estava frio demais para uma Lua de Abrunheiro. Não parecia certo.

Renn supôs que, quando Torak decidira que era perigoso demais ir com ela, ele também tentaria deixar Lobo para trás, o que significava que ele deveria ter ido primeiro ao local de descanso, para se despedir. Para poupar tempo, ela atravessou o rio e seguiu acima pela sua mais suave margem sul. Não parecia que Torak fizera a mesma coisa. Pelo menos, ela não encontrara rastros.

Renn estava preocupada demais para ficar zangada com ele. Por três invernos, Torak vivera com o fardo do seu destino, e, durante todo o verão passado, ela vira a apreensão aumentar. Ele nunca falava a respeito disso, mas, às vezes, quando estavam sentados perto do fogo ou brincando com os filhotes, ela via uma contração em volta de seus, olhos e da boca, e sabia que ele estava pensando no que havia adiante.

Se ao menos ele não achasse que tinha de fazer tudo sozinho.

Ela havia partido tão tarde que não estava nem perto do local de descanso, quando passou a procurar um lugar para acampar. Trincou os dentes em sinal de frustração. Torak tinha um dia de dianteira sobre ela, e ele caminhava rápido.

Um dia de dianteira era tudo o que bastava.

QUATRO



Torak gastara a manhã inteira à procura de um lugar para atravessar o Salto do Cavalo. A margem norte ficava cada vez mais íngreme à medida que ele seguia rio acima, até ser forçado a voltar pelo mesmo caminho.

Estava exasperado. Tinha crescido naqueles vales. Como podia tê-los esquecido tão depressa?

E já sentia falta de Lobo. Eles haviam se separado antes, mas aquilo era diferente. Ele quase torcia para que Lobo fosse procurá-lo, e via através das árvores aquela sombra cinzenta assomando em sua direção.

Durante a noite, a Floresta se tornara branca. Torak viu marcas de coisa arrastada onde um texugo ajuntara samambaias para um leito de inverno; e trechos de terreno onde uma rena pateara a neve para alcançar o líquen que havia abaixo.

A marca no pé de teixo chamou sua atenção a dez passos de distância.

Não tinha certeza de seu significado — talvez uma montanha com uma grande ave mergulhando em sua direção — mas percebia sua intenção. *Eu estou aqui*, dizia a Maga Bufo-Real. *Eu estou esperando*.

Torak arrepiou-se com o ultraje. O sinal fora golpeado através da casca até a entrecasca. Era como se Eostra ameaçasse a própria Floresta.

Num impulso, ele sacudiu na palma um pouco de sangue da terra do chifre de remédios de sua mãe e o esfregou nos ferimentos da árvore. Pronto. O chifre era especial, feito de galhada de Espírito do Mundo; talvez o ocre que ele continha ajudasse o teixo a sarar.

Era também um gesto de desafio à Devoradora de Almas. *Foi Torak quem fez isso*.

Ao se afastar, ouviu os distantes latidos de Pelo-Escuro, questionando: *Onde você está?* E, bem longe, o uivo de Lobo em resposta: *Aqui!* Os dois pareciam

felizes. Torak disse a si mesmo que fizera a coisa certa em deixá-los.

Mas continuava sentindo falta de Lobo.

Lobo dormiu durante todo o Claro, mas, quando o Escuro chegou, ele saiu para caçar. Deixou sua companheira ensinando aos filhotes que evitassem os chifres dos auroques. Ela encontrara um chifre velho e o sacudia para cima e para baixo; os filhotes faziam o resto, saltando para ele e levando pancadinhas nos focinhos.

Ao trotar pela Floresta, Lobo captou os cheiros de presa devorando nozes e cogumelos. Em um pé de abeto, onde uma rena coçara sua nascente galhada, ele se ergueu nas patas traseiras e mastigou os deliciosos pedacinhos ensanguentados.

Algumas coisas, porém, o perturbavam.

Estava tão frio que o chão era uma pedra debaixo de suas almofadas, e até mesmo as árvores tremiam. Esse frio parecia estranho. Perigoso.



E Alto Sem-Rabo estava escondendo alguma coisa. Ele disse a Lobo que ia caçar, mas Lobo sentiu que ele não estava atrás de presa. Por que então Alto Sem-Rabo não lhe contou? Como podia ele esconder coisas de seu próprio irmão de alcateia?

O pior de tudo, a Cara de Pedra aparecera para Lobo em seu sono. Ela tinha vindo através do Escuro sibilante e o agarrara pelo cangote. O uivo dela havia arranhado os ouvidos dele como um osso lascado. O cheiro dela era como o cheiro de Sem-Bafo. Sua cara terrível era dura: seus olhos não eram olhos, mas buracos, e o focinho dela nunca se mexia. Enquanto Lobo se curvava de medo diante de sua presença, ela enfiava a pata dianteira na Brilhante Besta-Que-Morde-Quente — *e a tirava de lá sem estar mordida*.

Quando Lobo acordou, ela tinha ido embora. Mas agora, enquanto seguia o faro de um corço através do epilóbio, Lobo pensava se não havia sido *aquele* o motivo pelo qual Alto Sem-Rabo partira. Estaria ele caçando a Cara de Pedra?

Se fosse verdade, ele não conseguiria fazer isso sem seu irmão de alcateia. Mas como Lobo poderia ir com ele, se tinha de cuidar dos filhotes?

Enquanto Lobo tentava abocanhar essa questão, um cheiro ruim atingiu suas narinas. Captou os odores da Cara de Pedra, e uma ardente fome de matar. E o cheiro de coruja.

A pelagem de Lobo se eriçou.

Esqueceu o corço e saiu em perseguição.



Era o momento quando a luz começa a mudar: os clãs a chamam de tempo do demônio.

Rip e Rek tinham ficado agitados por algum tempo, mas Torak não conseguiu imaginar o motivo. Talvez, assim como ele, os dois sentissem a falta de Renn e de Lobo. Talvez fosse aquele frio estranho, sem vento.

Sentindo fome, ele parou nos rochedos acima do rio, acordou um pequeno fogo e mastigou uma tira de carne seca de cavalo. As ribanceiras ainda eram muito íngremes para ele descer, e Torak teve de caminhar de volta quase dois terços do caminho a partir do local de descanso. Não ficou orgulhoso de si mesmo.

Jogou algumas migalhas nas samambaias para Rip e Rek, mas, para sua surpresa, eles as ignoraram. Em vez disso, voaram até o topo de um pinheiro e deram longos e penetrantes gritos: rap-rap-rap. *Intruso*.

Torak fez uma busca rápida, mas nada encontrou.

Com grasnidos agitados, Rip e Rek voaram para longe.

Quando se tem corvos por companhia é prudente escutar seus avisos. Sacando a faca, Torak fez uma segunda busca, mais cuidadosa.

Ao pé de um afloramento rochoso à curta distância de sua fogueira, ele encontrou uma pelota de coruja. Era enorme: mais comprida do que sua mão e tinha a grossura de três vezes seu polegar. Observando, mas sem querer tocar nela, ele viu que era feita de pelo e ossos prensados, na maioria de doninha e lebre. Não admirava que os corvos tivessem ido embora. Como muitas criaturas, eles também temiam o bufo-real.

Torak imaginou a grande ave pousando com sua presa sobre rochas acima de sua cabeça: rasgando a carcaça, fazendo-a em pedaços, engolindo-a e, depois, regurgitando a pelota de ossos.

Pondo-se de pé, ele esquadrinhou as rochas acima.

Num momento, ele olhava o granito mosqueado; no momento seguinte, o bufo-real ergueu seus tufo de penas semelhantes a orelhas e sibilou para ele.

Estava tão perto que poderia tocá-lo. No espaço de tempo congelado de uma batida cardíaca, Torak se deu conta das garras poderosas e do cruel bico curvado. Encarou os olhos de cor laranja que não piscavam. Ele recuou. As pupilas da ave eram buracos negros de nada. Nada exceto a ânsia de matar.

A coruja deu um grito lancinante, abriu suas enormes asas e voou para longe, forçando Torak a se agachar.

Ele observou a coruja desaparecer na Floresta. Suas palmas estavam pegajosas de suor.

Rapidamente, colocou o fogo para dormir e recolheu suas coisas.

Mais adiante, encontrou os restos dilacerados de uma marta. A coruja não comera. Matara por prazer.

Avistou uma das penas de sua asa, amarelo-escuro e preto, coberta com um pó imundo que cheirava a podre. Torak encontrara uma parecida no dia em que os

Devoradores de Almas tinham levado Lobo.

Foi então que ele se deu conta.

A coruja tinha voado para oeste.

Em direção ao local de descanso.

Em direção aos filhotes.

CINCO



Torak não conseguia alcançar o local de descanso por causa dos arbustos espinhosos.

Ele cortava-os com sua faca, arrancava-os com as mãos. Não conseguia ver o que acontecia, mas ouvia os gritos estridentes dos corvos e os rosnados de um lobo furioso. Pelo-Escuro defendia sozinha os filhotes. Lobo continuava fora, caçando.

Finalmente, Torak se libertou e cambaleou para o local de descanso. Viu Seixo escondido debaixo de um arbusto de junípero na beira do rochedo; Sombra estava deitada junto ao pé de freixo na extremidade mais distante: um monte enrugado de pelo preto. Torak viu Rip e Rek cercando o bufo-real, enquanto este mergulhava para agarrar o filhote caído. E viu Pelo-Escuro saltar em defesa.

Puxando a machadinha do cinto, Torak correu para ajudá-la. A coruja inclinou as asas e elevou-se para ficar fora de alcance. Torak colheu uma rajada de ar fétido, quando a ave varreu de volta em sua direção. Ele arremessou o braço para cima. A coruja lhe desferiu uma atordoante pancada na testa. Quando caiu de joelhos, ele a viu baixar com as garras estendidas para o esconderijo de Seixo.

Limpando o sangue dos olhos, Torak pelejou para se pôr de pé e correu para rechaçar a coruja. Estava quase chegando, quando Pelo-Escuro deu um salto desesperado para salvar seu filhote. A coruja desviou-se com ofuscante rapidez, e as mandíbulas da loba se fecharam ruidosamente no ar vazio. Para horror de Torak, Pelo-Escuro pousou na beira do despenhadeiro. Desvairadamente, ela se arrastou. Suas garras deslizaram na terra gelada. E caiu.

Torak viu-a atingir a distante água lá embaixo. Afundou, emergiu se debatendo. O rio era forte demais. Afundou novamente.

A coruja atacava o junípero de Seixo, e os corvos a combatiam. Aos gritos e brandindo sua machadinha, Torak partiu para o ataque. Com o canto do olho, viu Lobo irromper da Floresta e saltar para a saqueadora. A coruja rodou, escapando de

machadinha, de caninos e de garras. E voltou novamente. Ela havia matado antes e pretendia matar outra vez.

Torak vislumbrou Seixo tremer aterrorizado debaixo do junípero. Se ele continuasse escondido, teria uma chance, mas, a céu aberto...

Torak ladrrou uma ordem, *fique!*, mas, nesse momento, a coragem de Seixo cedeu. Disparou de seu esconderijo em direção aos arbustos espinhosos. A coruja o apanhou com suas garras e ergueu-se para o céu.

Torak largou a machadinha e apanhou sua aljava e o arco. Seus dedos estavam escorregadios, por causa do sangue, e não conseguiu encaixar uma flecha.

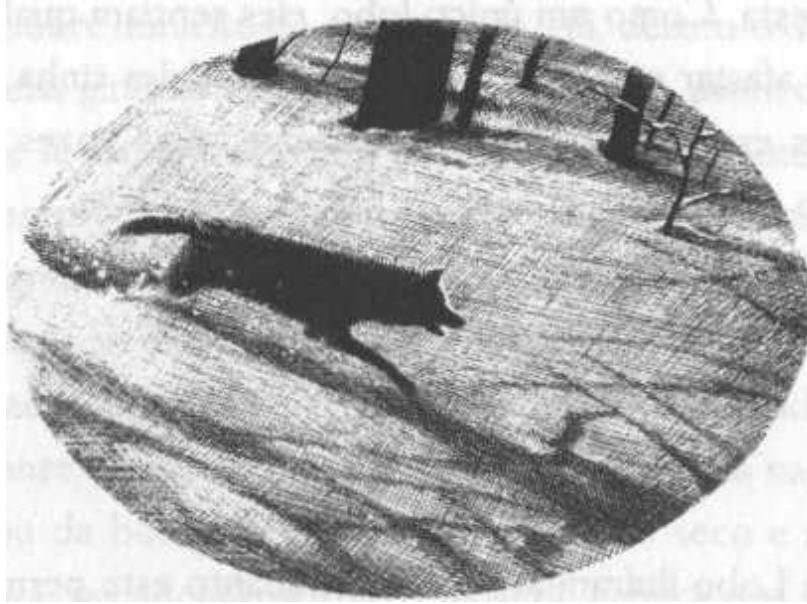
Com uma força espantosa, a coruja ergueu-se para fora do raio de ação, Seixo pendurado em suas garras. Zombeteiramente, ela voou num círculo. Em seguida, num arco largo e preguiçoso, ela virou-se e seguiu para o sul.

Rip e Rek dispararam atrás dela, com gritos roucos.

Lobo desapareceu na beira do despenhadeiro.

Enquanto se agitava, Torak viu seu irmão de alcateia escorregar pelas pedras abaixo, correr ao longo da ribanceira, farejando nervosamente atrás de sua companheira. Então, sem encontrar qualquer cheiro, Lobo correu até um pinheiro caído que se estendia sobre o rio, e desapareceu na Floresta, numa fútil tentativa de salvar seu filhote.

SEIS



O bufo-real zombava de Lobo.

Com o filhote pendurado em suas garras, voou de volta para se certificar de que era seguido, depois planou fora de alcance. As patas de Lobo mal tocavam no chão, enquanto corria atrás dele.

Trotou até o cume da elevação, e desceu para o vale, onde ele tivera o seu Começo. Suas patas retumbavam, enquanto corria através do Frio Duro Brilhante que outrora tinha sido o Molhado Ligeiro.

A coruja voava tão baixo que ele ouvia o silvo de suas asas. Então ergueu-se acima das árvores e desapareceu.

Incansavelmente, Lobo corria como somente um lobo é capaz de correr. Mas, finalmente, ele parou. O vento estava em seu rabo, e ele não conseguia captar o cheiro, e, por causa das árvores, não podia ver o Alto. Não conseguia mais ouvir os gritos dos corvos.

Lobo sentiu na pelagem que, dessa vez, a coruja não voltaria.

Um grande vazio se abriu dentro dele.

Pelo-Escuro sumiu. Os filhotes sumiram. *Aquilo não podia ser.*

Os filhotes eram parte dele. Perdê-los era como perder uma pata. E ele e Pelo-Escuro eram um só bafo. Como um único lobo, eles caçavam na Floresta. Como um único lobo, eles sentiam qual dos filhotes planejava se afastar para muito longe, e qual deles tinha ficado preso nos arbustos espinhosos. Quando uivavam, suas vozes se elevavam juntas para o Alto.

Aquilo não podia ser.

Lobo ergueu o focinho e uivou.

Os uivos de Lobo fluíram até Torak, enquanto este permanecia ajoelhado no topo da colina. Que desolação. Uma dor sem fim.

Torak decidiu que seu irmão de alcateia não a suportaria sozinho. Iria atrás dele e acharia algum meio de o consolar.

Entretanto, ao se pôr de pé, o local de descanso girou e girou. Tocou na testa. Seus dedos vieram vermelhos.

É melhor cuidar disso, pensou, desnortado. Mas não fez qualquer menção de apanhar sua bolsa de remédios.

O local de descanso era uma sinistra bagunça de neve devastada. Sombra estava caída junto ao freixo, como se dormisse. Não havia sangue. O bufo-real devia tê-la apanhado e depois a largara de uma grande altura. A queda a matara instantaneamente.

Ajoelhando-se junto ao corpo, Torak imaginou suas pequeninas almas caminhando ali em volta, à procura de Lobo e Pelo-Escuro e seu irmão de alcateia. Quis ajudá-la, mas não achava que lobos tivessem ritos fúnebres ou Marcas de Morte. Certa vez, ele perguntara isso a Renn, e ela dissera que lobos não precisam disso. Os ouvidos e o focinho deles são tão acurados que suas almas sempre permanecem juntas, e nunca se tornam demônios. Portanto, em vez disso, Torak simplesmente rezou para que o guardião de todos os lobos viesse buscar logo o espírito de Sombra, antes que ela ficasse com medo.

Quanto ao corpo, ele o carregou até a beira dos arbustos espinhosos e o pousou sobre um leito de samambaias. Ali, deixou-o deitado, com a lua e as estrelas girando sobre ele; e, com o tempo, assim como todas as criaturas, ele se tornaria alimento para os outros habitantes da Floresta.

Estava escuro. Havia um anel em volta da lua, o que significava que ficaria ainda mais frio. Ele não poderia ir atrás de Lobo naquela noite. Teria de dormir ali e partir com a alvorada.

Atordado, juntou suas coisas que estavam espalhadas e acordou um fogo diante do abrigo que ele havia deixado ainda naquela manhã. Depois tirou da bolsa de remédios o milefólio seco e o pressionou contra a testa, prendendo-o com a faixa de cabeça que usara quando estava desterrado.

O cheiro bolorento do milefólio lembrou-lhe de quando batera a cabeça, ao descer a cachoeira, e Renn tratara seu ferimento. Sentia sua falta. Ficou imaginando se errara em ter deixado o acampamento sem ela. Na ocasião, ele tinha se convencido de que deveria agir sozinho. Mas talvez isso tivesse sido um truque de Eostra. Ela o queria sozinho. E agora, brutalmente, ela se certificara de que ele permanecia sozinho, ao enviar sua criatura para massacrar a alcateia e atrair Lobo para longe.

Do sul, vieram os uivos de seu irmão de alcateia. Torak não uivou de volta. Sabia que os únicos uivos que Lobo queria ouvir eram aqueles que ele jamais voltaria a ouvir.



Ao amanhecer, Torak encontrou uma trilha íngreme pela face do rochedo e meio que escalou e meio que caiu para a ribanceira lá embaixo.

O rastro de Lobo levava pelo tronco de pinheiro que se estendia através do rio, mas Torak não o seguiu. Primeiro dirigiu-se rio abaixo, procurando pelo terreno abaixo do rochedo. Talvez — *talvez* — Pelo-Escuro não tivesse morrido na queda. Talvez ela tivesse voltado para terra firme, exaurida, mas viva...

A neve estava inalterada, o raso estava coberto de gelo intacto.

Torak atravessou o Salto do Cavalo pelo tronco de pinheiro e checkou a outra margem. Novamente, nada. Pelo-Escuro tinha sumido.

Sumido, sumido, ecoaram os uivos solitários de Lobo.

Torak passou a seguir o rastro de seu irmão de alcateia. Quando as crostas de gelo são duras demais para deixar marcas de patas, um lobo quase não deixa vestígios — alguns flocos de neve sacudidos para fora de um galho, uma fronde de samambaia curvada ligeiramente fora de lugar —, mas Torak seguia Lobo quase sem ter de pensar. Seu rastro seguia para o sul, subindo pelo flanco do vale e descendo para o seguinte: um sulco rochoso com a lateral íngreme.

Torak o reconheceu de imediato: o vale do Água Ligeira. Quando era pequeno, ele e Pa costumavam acampar ali, no início do verão, para colher casca de tília a fim de fazer corda.

O rio agora estava congelado, mas três verões atrás era uma correnteza. Torak reconheceu a grande pedra vermelha na forma de um auroque adormecido. Abaixo dela, naquela ocasião, ele encontrara uma alcateia de lobos afogados caídos na lama. E um pequeno filhote, molhado, tremendo.

Atravessando o rio congelado, ele começou a escalar.

E prosseguiu muito calmamente.

Uma flecha fora amarrada ao tronco de um Vidoeiro com um trançado de plantas rasteiras, cerca de dez passos acima da rocha do auroque. Apontava para leste, em direção às Montanhas Altas.

Prendendo a respiração, Torak subiu mais. Examinou o emplumado, mas não ousou tocá-lo. A flecha pertencera a Pa.

E, como se seu pai falasse alto, Torak ouviu a voz dele em sua mente. *Ajude-me. Liberte o meu espírito.*

Talvez Fin-Kedinn tivesse razão, talvez Eostra estivesse usando a flecha de Pa. Torak, porém, não podia esquecer que espíritos perdidos chamavam durante a noite. Se Eostra o estava atraindo ao seu covil na montanha, então Pa devia estar fazendo a mesma coisa.

Ainda assim — se seguisse para leste, como a flecha de Pa implorava que fizesse, ele abandonaria Lobo.

Torak parou, irresoluto, os punhos cerrados dentro de suas mitenes. Deveria seguir o morto ou procurar o vivo?

Ele sabia o que Fin-Kedinn teria feito.

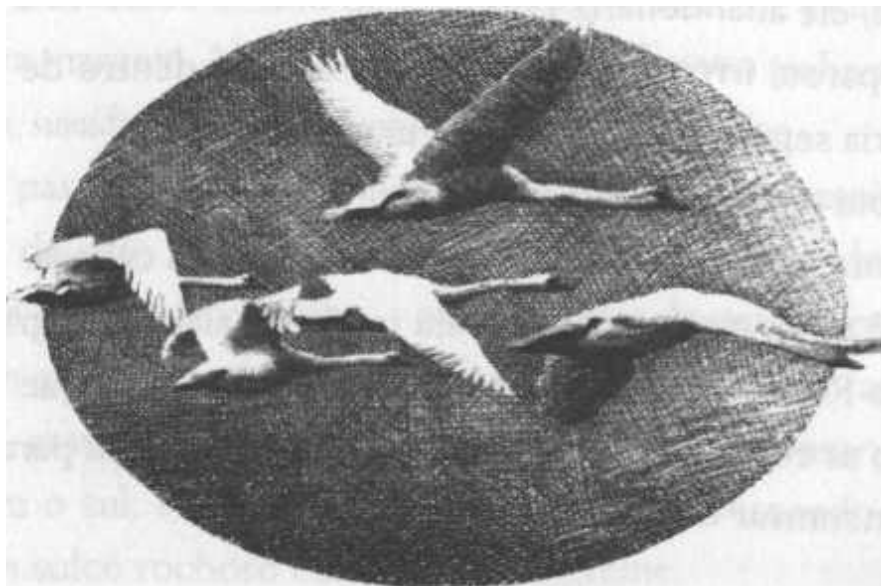
Defronte às Montanhas invisíveis, ele ergueu a cabeça.

— Você tenta me separar de meu irmão de alcateia — gritou para a Maga Bufo-Real. — Pois não terá sucesso. Não deixarei que tenha!

Dando as costas para a flecha de seu pai, ele seguiu para o sul.

Para encontrar Lobo.

SETE



Fazia cada vez mais e mais frio, à medida que Fin-Kedinn seguia para o norte.

Na noite anterior, houvera um anel em volta da lua e as estrelas haviam cintilado com uma intensidade que ele raramente tinha visto. Tempestade a caminho. O clã teria de montar acampamento mais cedo. Ele precisava fazer o mesmo.

Atravessou o Pedra Rolante no acampamento do Clã do Javali, e em seguida seguiu para o vale do Água Agitada. Estava agora a menos de um dia de caminhada do Rio Sinuoso, onde os Corvos haviam acampado na época do urso demônio. Lembrou-se do dia em que Renn e o irmão dela tinham levado dois prisioneiros: um filhote de lobo se debatendo num saco de couro de gamo e um garoto molhado e furioso.

O vale do Água Agitada ecoava ruidosamente entre suas margens sufocadas de gelo, mas a Floresta tinha uma calma peculiar, expectante. Fin-Kedinn se deu conta de que não vira qualquer ave durante todo o dia, exceto por alguns poucos cisnes solitários voando para o sul.

E nenhuma pessoa. O gelo matara as mariposas, mas as vítimas da doença da sombra continuavam apavoradas, e seu terror contaminava outros. A maior parte das pessoas permanecia perto do acampamento, apenas se aventurando na Floresta quando a fome as impelia.

Por isso foi bom encontrar um pequeno grupo de caça Víbora: três homens e um menino, apressando-se em direção a oeste para se reunir com seu clã. Eles haviam apanhado dois esquilos e três pombos-torcazes. Não era muita coisa, mas insistiram para que Fin-Kedinn fosse com eles e compartilhasse.

— Tempo ruim a caminho — disse um deles. — Perigoso ficar sozinho na Floresta. — Por respeito, ele não perguntou o que o Líder dos Corvos fazia tão

distante de seu clã.

Fin-Kedinn rejeitou delicadamente a oferta e ignorou a pergunta não proferida. Em vez disso, lhes falou sobre a reunião dos clãs.

— Os Corvos já partiram, e comuniquei ao Clã Javali, quando passei pelo acampamento deles, portanto já devem ter ido também; e Durrain enviou um aviso por toda a Floresta Profunda. Voltem para seu povo e falem com seu Líder. Se os clãs permanecerem juntos, continuaremos fortes. Mesmo contra Eostra.

O fato de ele pronunciar o nome dela em voz alta lhes deu coragem. Mas o caçador que havia falado agarrou o braço de Fin-Kedinn.

— Venha com a gente, Fin-Kedinn. Precisamos de você. Não pode nos deixar agora.

— Outros podem liderar — disse Fin-Kedinn. — Preciso procurar aquele capaz de derrubar a Devoradora de Almas. Aquele que conhece os locais escuros debaixo da terra.

— Quem? Aonde você está indo?

— Norte — foi tudo o que disse Fin-Kedinn.

Antes que pudessem perguntar mais, ele já estava a caminho. O tempo estava contra Fin-Kedinn. E, para encontrar quem procurava, ele precisava se fiar no conhecimento de muitos invernos de idade.

Não tinha ido muito longe, quando o menino chegou correndo atrás dele.

— Meu pai mandou lhe entregar isto — ofegou ele, estendendo um esquilo.

Fin-Kedinn agradeceu e disse-lhe que ficasse com ele. O menino olhou-o acanhadamente de relance.

— Posso ir com você? Eu conheço a terra do norte. Podia lhe ajudar a encontrar o caminho.

O Líder Corvo conteve um sorriso. Ele caçava naquelas bandas da Floresta desde antes de aquele menino ter nascido.

Ele tinha uns doze verões, membros relaxados e um rosto perspicaz, inteligente; um pouco como Torak naquela idade.

— Dizem que você já viajou para mais longe do que qualquer um — arriscou. — Até o Distante Norte, as Ilhas das Focas e as Montanhas Altas. Posso ir também?

— Não — disse Fin-Kedinn. — Volte para seu pai.

Enquanto observava o menino caminhar lentamente de volta, Fin— Kedinn ficou subitamente alerta. O esmagar das botas do menino tinha um estranho som quebradiço, que ressoava agudamente através das árvores. A neve parecia errada. Tinha uma cor quase esverdeada.

A mão de Fin-Kedinn apertou seu cajado. Não admirava que a Floresta estivesse se segurando.

— Diga a seu pai para ele se apressar — gritou para o menino. — Voltem ao acampamento o mais depressa possível!

O menino se virou.

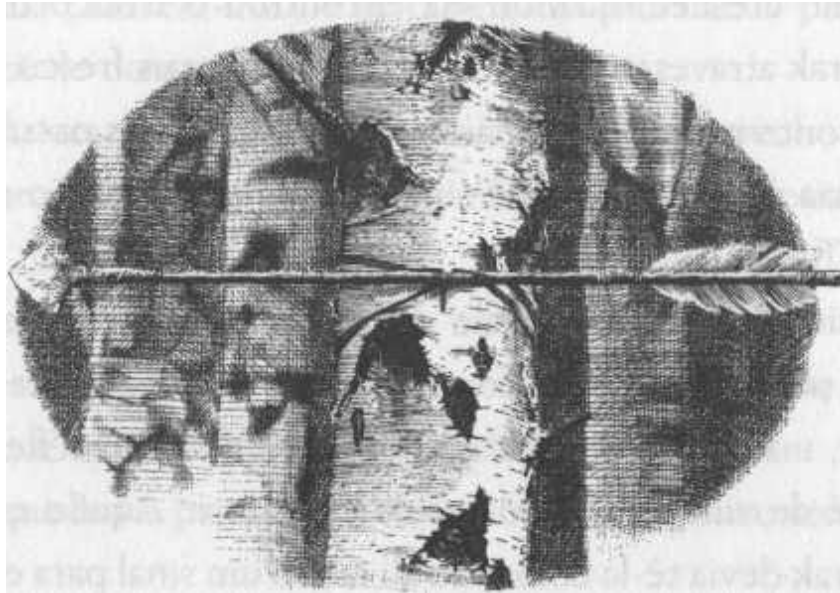
— Eu sei! Uma tempestade de neve está a caminho!

— Não! *Tempestade de gelo!* Muito pior! Diga a seu pai! Corra!

Fin-Kedinn ficou observando até o menino estar em segurança junto com os outros. Depois começou a procurar um lugar para construir um abrigo.

Enquanto fazia isso, rezou para o Espírito do Mundo para que Torak e Renn — onde quer que se encontrassem — também tivessem visto os sinais e procurado abrigo.

OITO



Um pressentimento vinha crescendo dentro de Renn desde que ela acordara.

Fazia frio. Frio demais para nevar. Na noite anterior, havia um anel em volta da lua. Tanugeak, o Mago Raposa Branca, certa vez lhe dissera que isso significava que a lua estava puxando o rufo de sua parca para mais perto, em volta do rosto, pois se aproximava um mau tempo.

E, para piorar as coisas, Renn ouvira Lobo uivar durante a noite. Ela nunca o ouvira uivar daquele modo.

O Rio Salto do Cavalo começava a congelar, o raso congelava em frágeis espirais verde-claras. Numa baía, Renn encontrou gelo lascado e o vestígio de uma marca de pata; mais adiante, marcas de botas, inconfundivelmente de Torak. Ela ficou intrigada. Ele seguira *rio abaixo*, e depois fizera o caminho de volta. Por quê?

Pouco depois, ficou no mesmo nível do local de descanso, do outro lado do rio, e esticou o pescoço para o rochedo. Uivou, mas nenhum lobo apareceu na beirada para olhar. Disse a si mesma que eles deviam ter levado os filhotes para explorar em volta. Entretanto, sua preocupação aumentou.

Seu ânimo cresceu, quando ela encontrou o tronco de pinheiro por onde Torak atravessara o rio. Seu rastro era mais fresco do que ela supunha encontrar, e ele caminhara com suas habituais passadas largas, portanto devia estar bem, o que significava que Lobo não deveria ter uivado para Torak.

Ela seguiu o rastro até o vale do Água Ligeira. Não o conhecia bem, exceto pela descrição de Torak de onde ele encontrara Lobo pela primeira vez, mas, no meio do caminho, ela avistou uma flecha, amarrada a um pé de Videiro e apontando para leste. Aquilo era desconcertante. Torak devia tê-la colocado ali como um sinal para ela. Mas, se ele queria que ela o seguisse, por que simplesmente não esperou?

Por algum motivo, ela passou pela flecha sem examiná-la, e seguiu adiante, apressadamente. Mas, para sua surpresa, não encontrou mais rastros. Torak *não* tinha ido por aquele caminho.

Voltou ao Videiro e ficou imóvel. A flecha fora amarrada com beladona: uma planta mortal, adorada pelos Devoradores de Almas — principalmente Seshru, sua mãe. Torak nunca a usaria. Aquilo não era um sinal dele. Não era sua flecha.

Uma lufada de vento jogou seu capuz para trás. Ela tremeu. Enquanto estivera caminhando, o vento ficara mais forte, e o céu escurecera horrendamente. Tempestade a caminho. Ela deveria acampar imediatamente.

Mas, se acampasse, ficaria ainda mais para trás.

Combatendo uma crescente onda de pânico, decidiu desconsiderar tudo que já havia aprendido, e foi em frente.

Enquanto o vento ficava mais forte, ela encontrou o rastro de Torak e o seguiu ao vale seguinte. Parou para recuperar o fôlego debaixo de um enorme, vigilante azevinho. A sensação de que estava errada aumentou. Ainda não era metade da tarde, mas estava tão escuro como no crepúsculo. A neve tinha uma estranha coloração esverdeada. O dia todo ela não vira uma só criatura viva.

Fin-Kedinn já teria parado havia muito tempo. "A primeira regra da sobrevivência", dissera-lhe ele certa vez, "*é nunca* deixar para construir um abrigo tarde demais. "

E aquele era um bom lugar para acampar: um trecho de terreno nivelado perto do pé de azevinho, embora ficasse um pouco distante do rio.

Renn mordeu o lábio. "Torak? ", chamou. "Torak! "

Furiosamente, largou suas coisas no chão. *Por que* ele partiu sem ela? E por que ela não o tinha alcançado?

Agora que havia parado, ela se deu conta do pouco tempo que lhe restava.

Vamos lá, Renn, você sabe o que fazer. Primeiro, o fogo. Acorde-o *agora*, antes que fique cansada de cortar lenha, e construa o abrigo em volta dela. Há muita isca de fazer fogo em sua bolsa, mantida aquecida no interior do gibão; e você tem um pedaço de cogumelo casco-de-cavalo, queimando lentamente, sem chama, num rolo de casca de árvore, portanto, não precisa usar um trisca-fogo.

O que seria muito bom. As árvores gemiam e o vento puxava suas roupas e açoitava seu rosto com os galhos. Ele era maldoso. Queria que ela falhasse.

Trincando os dentes, ela acordou o fogo, depois arrancou a machadinha de seu cinturão. Agora, o abrigo. Curvou rebentos e os amarrou com varas de salgueiro, deixando no topo um buraco para fumaça. A construção era comprida e baixa para resistir à tempestade, e ela cortou as cabeças dos rebentos para que o vento não conseguisse arrancá-los — sinto muito, espíritos das árvores, é melhor procurarem

um novo lar. Encheu as laterais com galhos de abeto, tapou os buracos com samambaias e aumentou o peso com mais rebentos, o máximo que conseguiu.

Apesar do frio, escorria suor pelas suas laterais. Havia muito a fazer, e as árvores agitavam-se e rangiam. Elas pareciam amedrontadas.

Firmando-se contra o vento, ela teceu uma porta tosca com galhos de aveleira e samambaias, depois rastejou para o interior, arrastando lenha, além de mais galhos de samambaias para o leito. O abrigo estava cheio de fumaça, que rodopiava próximo do chão, amedrontada demais para sair. Tossindo, Renn puxou a porta para fechá-la. O buraco para fumaça sugou a névoa para cima, e o abrigo desanuviou.

Renn o fizera grande o bastante para duas pessoas, no caso de Torak também precisar dele. Ela agora reconhecia que fora uma ilusão. Já fazia muito tempo que Torak tinha sumido.

"Água", disse em voz alta, tentando expulsar seus temores. O rio estava muito longe, e ela teria de derreter neve. Puxando a parca e o gibão por cima da cabeça, ela usou os cordões do gibão para fechar sua gola e suas mangas, a fim de formar um saco improvisado. Em seguida puxou a parca de volta e rastejou para fora, para as mandíbulas da tempestade.

O vento lhe arremessou galhos voadores e ferrou seu rosto com agulhas de gelo. Rapidamente, ela abarrotou o gibão com neve e rastejou de volta para dentro. Com o cordão extra do arco, ela pendurou o saco de neve num rebento que servia de suporte, e colocou embaixo dele um balde, feito rapidamente com casca de Videeiro, para colher o gotejar.

O vento gritou. O abrigo estremeceu. De repente, o Espírito do Mundo lanceou as nuvens e enviou abaixo o martelante granizo. Renn abraçou os joelhos e rezou por Torak e por Lobo.

Uma pancada surda sacudiu o abrigo.

Ela sobressaltou-se. Não era um galho.

Colocando o capuz, ela deslocou a porta e bisbilhotou lá fora.

Granizo golpeou seu rosto.

Só que não é granizo, pensou ela, é *chuva* — e esta vira gelo em tudo que toca.

Protegendo o rosto contra o ataque furioso, Renn viu a chuva congelante atingir gravetos, galhos, árvores — aprisionando tudo o que atingia num pesado manto de gelo. Ramos dobravam debaixo de seu peso. O gelo *já* se formava em suas roupas.

Ela tateou no escuro para descobrir o que tinha caído sobre o abrigo. Sua mitene atingiu um calombo que não parecia ser um galho. Ela o apertou.

O calombo grasniou.



As asas de Rek estavam cobertas de gelo, mas, assim que Renn a levou para dentro do abrigo e limpou-a, o corvo fêmea começou a se aquecer lentamente no calor.

Tremendo de pavor, ela se escondeu no colo de Renn. Quando esta olhou nos profundos olhos da ave, percebeu neles mais do que medo da tempestade. De onde Rek tinha vindo? Onde estava Torak?

Um trovão rasgou o céu. A Floresta rugiu de um modo como Renn nunca escutara antes. Ela ouviu estalos ensurdecedores e tremendos estrondos estilhaçantes.

E depois, com bastante clareza, Renn ouviu uma voz na tempestade. Esforçou-se para prestar atenção. Era... poderia ser Torak chamando seu nome?

Seria loucura sair novamente.

Mesmo assim — haveria a possibilidade de Torak precisar de ajuda.

Pegou um tição na fogueira.

A fúria da tempestade desabou sobre ela. A Floresta estava sob ataque. Ela viu árvores açoitando violentamente, desesperadas para se livrarem de seu fardo de gelo. Galhos rompiam-se. Um pinheiro quebrou como se fosse um rebento. Até mesmo os ramos do grande azevinho curvaram-se tão baixo que ameaçavam dividir a árvore ao meio.

"Torak!", gritou Renn. A tempestade de gelo carregou seu nome como uma folha. "Torak! "

Era inútil.

O clarão de um raio, e do azevinho um rosto olhou abaixo para ela. Cabelos de pingentes de gelo. Olhos brilhando com maldade.

Renn gritou.

O trovão estrondou.

O tokoroth saltou na escuridão.

O azevinho soltou um gemido — e se dilacerou em pedaços.

Renn pulou para fora do caminho com uma batida de coração atrasada. Um dos membros do azevinho atingiu fortemente sua panturrilha, derrubando-a no chão.

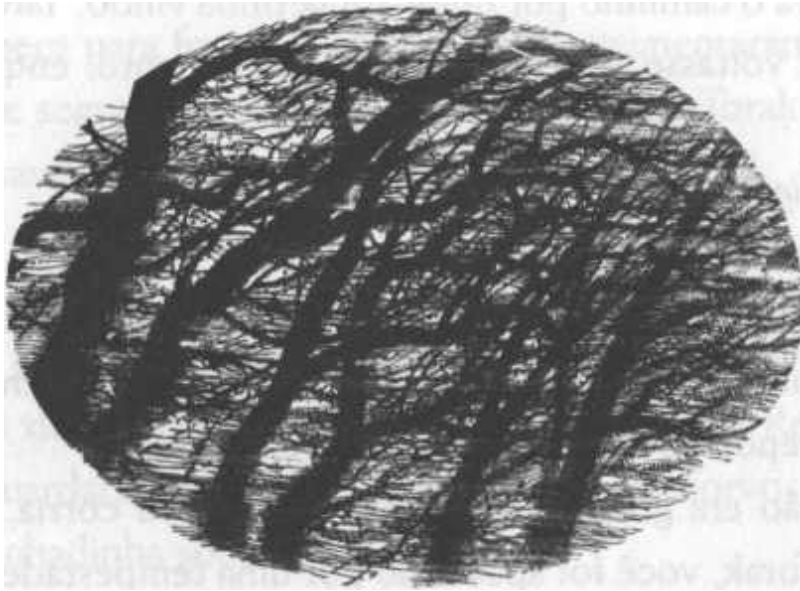
Ela pelejou ferozmente, mas a árvore a prendeu com firmeza. Sua machadinha tinha ficado no abrigo. Com a faca, atacou o galho. A madeira era como granito, a lâmina quicava. Nervosamente, cavou a terra embaixo de sua perna. Dura de gelo.

O gelo já pesava sobre ela, mantendo-a no chão, sugando a vida de sua medula.

"Torak! ", gritou. "Lobo! "

O vento arremessou sua voz para o meio da noite.

NOVE



A colina abaixo de Torak era uma precária mixórdia de troncos carregados pela inundação.

Ele perdera muito tempo procurando em vão algum vestígio de seu irmão de alcateia. E agora nem mesmo conseguia descer. Sua suposição fora a de que Lobo havia corrido ligeiramente por cima dos troncos; mas, se ele tentasse isso, provocaria um deslizamento de troncos.

"Idiota! ", murmurou. Um pouco antes, ele havia passado por um ótimo local de acampamento em um trecho de terreno nivelado perto de um grande pé de azevinho, mas estava tão concentrado em encontrar Lobo que o ignorara. O estranho era que, na ocasião, ele sabia que cometia um erro, mas, mesmo assim, o cometeu.

O vento arrancara seu capuz e golpeará seu rosto com galhos. As árvores rugiram um alerta: *Procure abrigo, depressa!*

Rip desceu com um som surdo sobre seu ombro, fazendo-o cambalear.

Quork!, grasniu o corvo. Ele parecia sujo. Torak ficou imaginando até que distância ele e Rek tinham perseguido o bufo-real.

O corvo levantou voo e foi colina acima.

Aquele era o caminho por onde Torak tinha vindo. Talvez Rip quisesse que ele voltasse àquele local de acampamento, enquanto tinha chance.

Quork! *Siga!*

Torak seguiu.

A luz era tão ruim que ele mal conseguia enxergar. Enquanto seguia ruidosamente pela vegetação rasteira, ele olhava a pena branca da asa de Rip. Depois as nuvens despejaram o granizo.

Só que não era granizo, ele pensou enquanto corria, mas chuva congelante. Torak, você foi apanhado por uma tempestade de gelo!

Curvado ao máximo, ele pelejou encosta acima. Não conseguiria ir mais longe. Tinha de encontrar algum buraco debaixo de uma pedra grande, ou qualquer coisa, e esperar a tempestade passar.

Ele não teria notado completamente o abrigo, se Rip não estivesse empoleirado em cima.

Um abrigo? Torak não conseguia acreditar. Reconheceu o trecho de terreno nivelado, embora parecesse diferente: o azevinho tinha desabado. E, antes, não havia nenhum abrigo ali, ele tinha certeza.

A luz de um relâmpago mostrou-lhe a porta de hastes fechada com o apoio de uma pedra. Empurrando-a para abri-la, jogou Rip para dentro e rastejou atrás dele.

Com a porta fechada atrás dos dois, os gritos do vento diminuíram um pouco, mas o martelar do gelo nas paredes era ensurdecedor. O abrigo estava vazio, no entanto, pela aparência da fogueira, quem a tinha feito não fora muito longe.

E sabia que eles estavam por perto. Enquanto batia o gelo de suas roupas, Torak notou que a fogueira fora montada sobre uma plataforma de gravetos para mantê-la distante da terra fria, e cercada com pedras para evitar que se espalhasse. Havia lenha estocada em um lado, enquanto uma aljava e um arco estavam pendurados para secar — mas não muito perto das chamas — e um saco de neve, improvisado com um gibão, pingava água num balde cheio pela metade.

Rip bicava ansiosamente o saco de dormir. Este se mexeu. Rek botou a cabeça para fora. Os corvos se cumprimentaram com muitos gorgolejos e seguradas de bicos. O estômago de Torak revirava. Por que Rek estava ali?

Aquele arco. Aquele gibão.

Renn.

Aquele era o abrigo dela. Sua aljava, suas flechas. Bem ali estavam as migalhas de bolo de salmão que ela deixara para Rek. E, por ser Renn, ela guardara o resto da comida, à prova de corvos, colocando o peso da machadinha sobre a bolsa.

Ela deixara suas armas, o que significava que não devia ter ido longe.

O medo formigou a espinha de Torak. No inverno, não é *preciso* ir muito longe para morrer numa tempestade. Cada clã tem suas histórias de pessoas perdidas em nevascas, cujos corpos congelados são encontrados posteriormente a poucos passos do acampamento.

Junto à pilha de lenha, Renn juntara alguns tocos para usar como tochas. Torak enfiou um deles nas brasas, para despertá-las. Em seguida, deixando suas coisas e os corvos lá dentro, apanhou sua machadinha e foi enfrentar a tempestade.

"Renn! ", gritou.

Ela poderia estar bem a seu lado, e ele não a ouviria.

Galhos voavam contra ele, enquanto começava a busca. Com o corpo curvado para se proteger do massacre, ele deu a volta no abrigo. Sua tocha morreu. Mal conseguia enxergar um passo adiante.

Fez outra volta, ampliando a busca. Nada ainda.

Na terceira passagem, a luz de um relâmpago tremeluziu sobre o azevinho caído, e, em meio aos galhos, ele vislumbrou um lampejo vermelho.

Caindo de joelhos, removeu todos os galhos. “*Renn!* ”

DEZ



Renn não parecia respirar. Seus olhos estavam fechados, os lábios coloridos de azul. Somente quando a levou para o abrigo e sentiu sua garganta, Torak detectou um tremor de vida.

Ele gritou seu nome. Ela não reagiu. O frio a tinha enviado para muito dentro de si mesma. E a mataria, se ele não conseguisse aquecê-la.

Suas roupas estavam duras de gelo. Torak puxou a parca por cima da cabeça dela, depois arrancou sua própria parca e o gibão. A pele de ave tinha o calor de seu corpo, e, rapidamente, ele a enfiou em sua roupa. Retirando as perneiras externas de Renn, desajeitadamente, Torak a enfiou no saco de dormir, verificando seu rosto, sua mão e seus pés, à procura de pele cerosa da ulceração causada pelo frio, mas nada encontrou.

Com um graveto, rolou uma pedra quente da beira do fogo e a envolveu na sua pele de água vazia. Em seguida, enfiou a mão no saco de dormir e colocou a pele com a pedra sobre a barriga dela. Depois disso, desenrolou seu próprio saco de dormir e o colocou sobre os ombros dela, esfregando suas costas, torcendo para que ela acordasse.

Os olhos de Renn pestanejaram. Ela olhou para ele sem o reconhecer.

Ele jogou outra pedra quente no balde de água, que produziu um chiado de vapor. Então esvaziou sua bolsa de remédios, apanhou um pouco de ulmária seca e jogou na água. Gotejando em seu copo um pouco da infusão fumegante, ele segurou a cabeça de Renn e pingou algumas gotas entre seus lábios. Ela cuspiu. Ele a fez beber mais. Ela começou a ter calafrios. O temor dele diminuiu um pouco. Ter calafrios era bom.

O abrigo agora estava atulhado, e ele teve de se sentar corcovado, com um braço em volta dela. À medida que a fazia beber, uma leve cor surgia furtivamente

nas faces dela, e sua boca perdia aquela terrível cor azul. Agora, ao olhar para Torak, Renn sabia quem ele era.

— Você vai ficar boa — disse-lhe. Ele precisou falar isso em voz alta. Para torná-lo verdadeiro.

O olhar dela parou em sua cabeça enfaixada.

— Você me encontrou — murmurou ela.

— E você construiu o abrigo. Rip me conduziu até ele.

Ao ouvir seu nome, o corvo esticou o pescoço e afofou as penas do queixo.

Torak fez o possível para raspar o gelo das parcas, deixando a de Renn do outro lado da fogueira, para secar, e vestiu a dele, gelada e desagradável em contato com a pele nua. Depois, repartiu alguns bolos de salmão.

Renn deu uma ponta para os corvos e, solenemente, agradeceu a Rip por guiar Torak até ela. Em seguida, começou a comer, segurando o bolo com ambas as mãos, como um esquilo. Ela agora estava sentada, com as folgadas mangas do gibão de Torak cobrindo suas mãos. O rosto estava afogueado, o cabelo era um amontoado de cachos ardentes. Torak sentia que era capaz de se aquecer simplesmente com a proximidade dela.

A fogueira estava baixa. Ele a alimentou com mais lenha. Lá fora, a tempestade de gelo malhava a Floresta. Ele começou a tremer. A tempestade quase matou Renn. Ela quase matou Renn.

Torak lhe disse que sentia muito por tê-la deixado, e Renn lançou— lhe um olhar ilegível. Então ela lhe contou como tinham sido as coisas depois que ele se fora: sobre a doença da sombra, e a solitária viagem secreta de Fin-Kedinn. Quando não conseguiu mais se conter, Torak lhe contou sobre o ataque da coruja, e as mortes de Pelo-Escuro, Sombra e Seixo.

Renn ouviu aquilo num silêncio horrorizado.

— Todos três? — disse ela, finalmente.

Ele confirmou com a cabeça.

— Não sei como Lobo vai suportar isso.

— Todos três — repetiu Renn.

Renn, porém, não era à toa parente de Fin-Kedinn, e Torak percebeu que ela ponderava o significado daquilo.

— A coruja — disse ela. — Deve haver algo errado com ela.

— Eu vi os olhos dela. Estavam... vazios.

— Ah. Então não é um demônio.

— Não creio que seja.

— Que será que Eostra fez com ela? — Seu tom era de uma Maga avaliando o ofício de outra, e Torak admirou a rapidez com que ela havia se recuperado.

— Você disse que ela voou para o sul? — perguntou.

— Disse. Levou Seixo, creio que para enganar Lobo e afastá-lo daqui. Ele está lá fora, na tempestade. Se ainda estiver vivo.

Renn fez contato visual com ele, e agora era mais uma garota do que uma Maga.

— Ele está vivo — disse ela. — Lobo sabe se cuidar.

Torak não respondeu. Em sua mente, ouviu os uivos de seu irmão de alcateia. Lobo não parecia se importar se vivesse ou morresse.

Enquanto se acorava na escuridão bruxuleante, Torak imaginou que, em meio ao rugir do vento e do temporal, ouviu uma gargalhada enlouquecida.

— Esta tempestade — disse ele. — Eostra mandou. Não foi?

Os olhos de corvo de Renn brilharam.

— Ela mantém a Floresta numa garra de gelo.

Juntos, ouviam as árvores desabarem.

— Depois que você saiu — disse Renn —, ela enviou sinais.

— Creio que vi um. Era uma espécie de ave pontuda, entalhada num teixo.

Renn hesitou, e Torak sentiu que ela decidia o que dizer a ele e o que devia guardar para si. Ela disse:

— O sinal significa que Eostra fez seu covil na Montanha de Fantasma.

A Montanha de Fantasma. Torak nunca ouvira falar nela, mas o nome fez com que gelasse por dentro.

— Fin-Kedinn me disse que é sagrada para os clãs da Montanha — prosseguiu Renn. — Ele disse que, se conseguirmos encontrá-los, talvez eles nos ajudem a encontrar a Montanha.

Com parte de sua mente, Torak ouvia a voz dela; mas outra parte pensava: haverá cavernas. A compreensão caiu dentro de seu coração como uma pedra. Duas vezes em sua vida ele se aventurara no interior de cavernas: a primeira, na época do urso, para encontrar o dente de pedra; a outra, no Distante Norte, para resgatar Lobo. Ambas as vezes, o Caminhante o havia alertado. "Uma vez que você sumir lá dentro", dissera o velho, "jamais voltará a ser inteiro." O Caminhante era louco, mas, de vez em quando, demonstrava sinais de sanidade. Seus alertas tinham força. Torak teve um súbito pressentimento de que, se os ignorasse — se voltasse a se aventurar numa caverna —, as mandíbulas da terra se fechariam com um estalo sobre ele para sempre.

Renn falou seu nome, e ele estava de volta ao abrigo.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou — mentiu.

Ela segurou sua mão. Os dedos de Renn eram finos e estavam quentes. Ele extraiu força deles.

— Torak — disse ela. — Não sei o que Eostra pretende fazer na Montanha. Mas sei de uma coisa: ela quer manter você afastado de mim e de Lobo. Quer que você fique sozinho. Não vai conseguir.

Eles permaneceram sentados lado a lado, enquanto a Floresta de gelo combatia a Floresta com uma fúria irredutível. Por enquanto, ele e Renn estavam a salvo. Lobo não estava. Parecia a Torak que o laço entre eles era um fio frágil que se esticava através da noite — e que a mão gelada de Eostra o alcançava para cortá-lo.

ONZE



O Frio Duro Brilhante tratava brutalmente a Floresta. Esmagava árvores e atirava pássaros para o Alto. Atacava Lobo com garras congelantes.

Que atacasse. Lobo não ligava para o que lhe acontecia.

Estivera correndo uma eternidade, procurando o cheiro do bufo— real, tentando captar o menor choramingar do seu filhote. Nada. O Frio Duro Brilhante tinha comido a esperança.

Chegou a uma colina de pinheiros rugidores onde uma grande pedra ocultava um pequeno Covil. Sem parar para farejar atrás de ursos, ele correu para o interior e desabou sobre ossos quebrados e fezes velhas.

Ele sabia que Alto Sem-Rabo estava à sua procura, mas nem mesmo o pensamento em seu irmão de alcateia o conseguia estimular. Pelo-Escuro e os filhotes tinham sumido. Lobo ansiava estar com eles, mas eles eram Sem-Bafo. Lobo não entendia como aquilo era possível. Pelo-Escuro e os filhotes eram... *não*.

Lobo fechou os olhos. Ele também queria ser *não*.



Torak foi despertado pelo silêncio.

Sentia frio — o fogo estava semiadormecido — e o abrigo havia cedido até ficar logo acima dele. Sua respiração era ruidosa em meio à tranquilidade, e gelada em seu rosto.

A porta fechada estava congelada. Ele a golpeou com a machadinha para abri-la, e acordou Renn, que se sentou antes que ele pudesse avisá-la, e bateu com a cabeça.

Abraçando-se para se proteger do frio, Torak rastejou para fora — para uma claridade perfurante e uma Floresta transformada em gelo.

A tempestade degolara árvores e havia transformado as que restaram em espigões reluzentes. Achatara bosques inteiros e os transformara em montes de cristais retorcidos. Árvores, galhos, folhas: tudo fora colhido firmemente na prisão de gelo de Eostra.

Lentamente, Torak se pôs de pé. Deu alguns passos. O gelo debaixo de suas botas era duro como pedra. O frio queimava seus pulmões e estalava em seu nariz. O clarão era uma faca em seu cérebro. Para onde quer que se virasse, árvores destruídas reluziam e cintilavam. A Floresta despedaçada possuía uma terrível beleza.

— Você consegue sentir as almas delas? — perguntou-lhe Renn atrás dele.

Torak fez que sim. O ar tremia com os espíritos das árvores mortas à procura de novos lares.

— Elas não podem entrar nos rebentos — disse Renn. — O gelo as mantém do lado de fora.

— O que elas farão?

— Não sei. Vamos torcer para que venha logo o derretimento.

Torak não achava que viria. Um frio mortal, sem vento, pairava sobre a terra. A mão de Eostra.

Protegendo os olhos com a mão, ele avistou um filhote de rena na encosta abaixo. O animal cambaleava com suas pernas espigadas, amedrontado com aquele traiçoeiro novo mundo, enquanto sua mãe, faminta por líquen, golpeava o chão com seus afiados cascos frontais. Não conseguia rompê-lo.

Torak pensou em lemingues presos em tocas congeladas; em castores vedados em seus covis.

Pensou em Lobo.

Rip e Rek voaram do abrigo e pousaram num galho, desprendendo uma ressoante cascata de cacos. Os ecos demoravam muito tempo para se dissipar.

Renn gritou o nome de Torak, sua voz um guincho de alarme.

Ela estava agachada a dez passos de distância, a sotavento de uma grande pedra, olhando por entre o emaranhado de samambaias que haviam caído sobre ela. Quando Torak se aproximou, ela o alertou para que voltasse.

— Espere. Não olhe...

Ele a afastou para o lado. Entre os galhos, ele vislumbrou um pedaço de pelagem cinzenta pontilhada de preto. Pelo de Lobo.

Renn puxou seu braço. Torak a empurrou. Ele cortou os galhos, desesperado para alcançar — alcançar o que estava sepultado debaixo do gelo.

Renn insinuou-se mais adiante dele e chegou primeiro.

O mundo de Torak encolheu e ficou reduzido àquela pelagem cinzenta debaixo da pedra.

A distante voz de Renn chegou até ele.

— Não é Lobo.

Ela rastejou de volta, segurando na mitene um pedaço de couro de lobo.

Tinha cerca da largura de uma mão: enrolado, duro de gelo.

— Estava estaqueado no lugar — disse. — A intenção era que nós o encontrássemos. É curtido, as bordas furadas de costura. Parece a pele da criatura de clã de alguém.

— E é. — Torak pegou-a de sua mão e tentou desenrolá-la. A pele congelada estalou e algo caiu. O mundo balançou, quando Torak apanhou o pequeno amuleto de foca. Ele conhecia o girar de sua cabeça lustrosa. Quantas vezes havia contado as pequeninas unhas de suas nadadeiras. Ele disse:

— Pertencia a meu pai.

Renn o encarou.

— A mãe dele era do Clã da Foca, ele sempre usou isso. — Engoliu em seco. — Deixou-o como um sinal. Ele tem implorado a minha ajuda. E eu lhe dei as costas para procurar Lobo.

— Você teve de fazer isso — disse Renn. — Lobo precisa de você.

— Dei as costas para Pa. Foi o motivo para ele me deixar isso.

— Não. — Seu tom era duro. — Isso foi deixado pelos tokoroths.

— Você não pode saber disso — berrou ele. — Como é possível que saiba disso?

— Não sei como, não com certeza. Mas sei disso. Eostra mandou seus tokoroths e seu bufo-real e a tempestade de gelo para nos separar... mas ela *fracassou*. E vai fracassar em nos manter separados de Lobo.

— E Pa? — indagou. — E Pa?

Ela se voltou para a Floresta arrasada, e depois para ele.

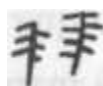
— Pode não ser ele.

— E se for? E aí?

— E se for — disse ela, sem pestanejar —, você *ainda* estaria certo em seguir Lobo. Porque Lobo está vivo. Seu pai está morto. Você não pode lidar com os mortos.

Torak olhou-a, mas ela não recuou.

— Ele está morto, Torak. Nada pode trazê-lo de volta. Lobo precisa mais de você.



Num silêncio pungente, eles voltaram ao abrigo, onde juntaram o máximo de lenha que conseguiam carregar, e Renn fez máscaras de couro de gamo com um corte na altura dos olhos para protegê-los da claridade. Torak verificou as provisões: um saco de avelãs, alguns bolos de salmão, carne seca de cavalo e mirtilos. Ele quis levar a pele de criatura de clã de seu pai, mas Renn sacudiu a cabeça.

— Não, Torak. Você não pode levar coisas de um morto.

Ele cedeu a isso, mas estava determinado a ficar com o amuleto de foca. Quando viu seu rosto, ela não protestou, apenas insistiu para que ele o enrolasse numa entrecasca de sorveira, antes de colocá-lo em sua bolsa de remédios.

Torak podia sentir o desejo dela em tornar as coisas melhores entre os dois, mas ele permanecia obstinadamente calado. Renn não ouvira o espírito do pai dele chamando durante a noite. Como ela podia entender?

A tempestade de gelo apagara toda a esperança de haver um rastro, mas, no dia anterior, Lobo seguira para o sul, então foi nessa direção que seguiram.

Isso se mostrou quase impossível. O gelo era a irmã má da neve. Quando eles irrompiam através de galhos congelados, o gelo enviava cacos para seus olhos. O que fazia com que caíssem, e ele os castigava, quando isso acontecia. Em pouco tempo, os dois estavam cobertos de hematomas.

De vez em quando, Torak parava para uivar. *Estou procurando você, irmão de alcateia!* A Floresta devolvia seus uivos, sem resposta.

Finalmente, chegaram ao rio congelado. Torak viu o corpo de um pato-selvagem preso nos juncos, sua reluzente cabeça verde com uma carapaça de gelo. Ele levou as mãos aos lábios e uivou.

Nenhuma resposta.

O rio estava tão escorregadio que tiveram de atravessá-lo engatinhando, mas, quando chegaram à margem oposta, encontraram o caminho bloqueado por um renque de faias caídas. Não tiveram escolha, a não ser seguir rio acima.

Torak uivou até ficar rouco.

— Não pare — disse Renn. — Ele vai ouvir você. Ele vai uivar de volta.

Lobo, porém, não uivou de volta, e Torak temeu que ele nunca o fizesse. Aquele era o vale do Água Vermelha, onde o urso demônio matara seu pai. Talvez fosse onde Lobo, também, encontrara a morte.

Por volta do meio da tarde, as árvores ficaram mais esparsas e um vento áspero sacolejava as folhas. Era o vento que vinha das colinas. Eles estavam se aproximando da beira da Floresta.

Chegaram a um bosque de pinheiros esmagados, e uma enorme pedra pendia com pingentes de gelo mais compridos do que lanças.

Debaixo da pedra, eles encontraram Lobo.

DOZE



Lobo estava vivo — mas por pouco.

O gelo endurecia seu pelo, e seu focinho estava branco com bafo congelado. Quando Torak brandiu a machadinha e, com um tinido, arrancou os pingentes da pedra, Lobo abriu os olhos. Renn ficou chocada. Seu olhar estava embaciado. Não se iluminou, quando ele viu seu irmão de alcateia.

Renn observou Torak rastejar para o lado dele, tentando animá-lo com olhares e toques e ganidos. O rabo de Lobo mal se mexeu.

— Precisamos aquecê-lo — disse Torak, arrancando gelo da pelagem de Lobo.

— Vou acordar um fogo — afirmou Renn —, e você constrói um abrigo em nossa volta.

Trabalharam em silêncio, Torak arrastando samambaias caídas, arrancando o gelo, e apoiando-as na pedra para fechar o espaço; Renn produziu umas fumacentas labaredas relutantes. No calor, o pelo de

Lobo começou a soltar vapor, mas os olhos continuavam desinteressados, sua luminosidade âmbar extinta.

Renn colocou um bolo de salmão diante de seu focinho. Ele o ignorou. Alarmada, ela experimentou seduzi-lo com um pouco de mirtilos secos. Ele também os ignorou. Quando Rip e Rek se aproximaram furtivamente e os roubaram, ele nem sequer tremeu o bigode.

— Graças ao Espírito, nós o encontramos a tempo — disse Torak, arrastando a porta para fechá-la atrás de si. — Ele ficará bem, assim que se aquecer.

Renn mordeu o lábio.

— Dê-me seu chifre de remédios. Vou tentar um ritual de cura.

Sentindo que Torak a observava, Renn despejou sangue da terra na palma e passou um pouco na testa de Lobo, murmurando um encanto.

— Ele agora vai melhorar — disse Torak. — Não vai? Renn?

Ela não respondeu. Lobo estava doente da alma, por causa da tristeza. E disso se podia morrer.

Quando a lua se elevou, eles entraram em seus sacos de dormir. Torak deitou com o braço por cima de Lobo, tentando confortá-lo com sua proximidade, como, no passado, Lobo o havia confortado. De vez em quando, o rabo de Lobo se mexia com indiferença, mas Renn podia ver que ele estava cedendo.

O dia seguinte amanheceu gelidamente claro, sem qualquer sinal de derretimento. Quando a luz penetrou furtivamente no abrigo, Renn notou, com uma pontada de terror, que Lobo não estava melhor.

Torak também notou, mas nada disse. Renn adivinhou que ele olhava para o abismo de um futuro sem Lobo.

Preocupada com os suprimentos, ela anunciou que ia preparar algumas armadilhas. Torak não deixaria Lobo, portanto ela saiu sozinha, mas não foi muito longe por medo de tokoroths. Quando voltou, tentou todos os rituais de cura que conhecia. Lobo submeteu-se sem ao menos uma contração de orelhas. Ele não ligava.

— Fiz tudo que podia — disse Renn, finalmente.

— Tem de haver algo mais — disse Torak.

— Se há, eu não conheço.

— Mas está melhor do que quando o encontramos. Ele mal podia se mexer, e agora está mais forte.

— Torak. Você sabe tão bem quanto eu o que está acontecendo.

Ela viu o terror em seu rosto.

— Mas ele ainda tem nós dois — insistiu. — Também somos parte da alcateia.

Ele tinha razão. Mas se isso era o bastante para manter Lobo vivo, Renn não sabia.

Ao anoitecer, ela foi verificar as armadilhas. Sua sorte de caçadora continuava; uma delas continha uma lebre congelada. Renn disse a si mesma que aquele era um bom sinal, mas, no caminho de volta, ela viu pegadas. Pequenas. Humanas. Com garras.

No acampamento, encontrou Torak parado do lado de fora. Seus lábios se movimentavam numa prece silenciosa, e, por um terrível momento, ela pensou que Lobo tivesse morrido. Em seguida viu o cacho de cabelo escuro amarrado em um galho. Torak oferecia parte de si mesmo à Floresta em troca da vida de Lobo.

— Torak — disse ela suavemente. — Não pode fazer isso. — Ela se aproximou para desamarrar a oferenda, mas Torak afastou sua mão.

— O que está fazendo? — berrou ele. — Isso é para Lobo!

— Eu sei, mas *pense!* Seu cabelo contém parte de sua alma-mundo. Há tokoroths por aqui. Se eles se apossarem disso, não há como saber o que podem fazer.

Num silêncio furioso, ele observou-a desamarrar o cabelo e guardar na bolsa de remédios dela.

— Você acha que Lobo vai morrer, não é mesmo? — disse ele. Fez aquilo soar como uma traição.

— Se ele não quiser viver — disse ela em voz baixa —, então não há preces ou oferendas que possam fazer isso.

Com raiva, Torak lhe deu as costas.

Sentindo-se fraca e enjoada, ela guardou sua presa no abrigo, alimentou o fogo, afagou Lobo e pediu a Rip e Rek para que o vigiassem. Em seguida foi desenhar linhas de poder em volta do acampamento. Para manter os tokoroths afastados.



Renn estava certa sobre Lobo, e Torak quase chegou a odiá-la por isso.

Entretanto, o que ele odiava de verdade era o que estava acontecendo com o seu irmão de alcateia. Odiava não poder conseguir parar com aquilo. Odiava o bufo-real. Mais do que tudo, odiava Eostra.

Dormiu espasmodicamente, acordando de vez em quando, e sempre encontrando Lobo fitando o fogo. *Eu estou aqui, irmão de alcateia*, disse-lhe Torak.

Sinto falta deles, respondeu Lobo.

Eu sei. Eu estou aqui.

Torak enfiou os dedos na quente pelagem de seu irmão de alcateia, e sentiu as batidas de seu coração. Desejou que elas continuassem.

Quando Torak acorda, está uma total escuridão. Lobo sumiu. Renn sumiu. Ele está sozinho.

Caminha, mas não consegue sentir o chão debaixo dos pés. Está com frio, mas não consegue sentir o vento no rosto ou ouvir o ranger das árvores. Está tão escuro que não consegue ver sua mão quando a estende adiante.

Isto não era agir como espírito errante: não sente nenhuma dor excruciante. Isto é pior. Ainda é ele mesmo, Torak, mas falta alguma coisa. Dentro dele, um terrível sorvedouro vazio.

"Renn? Lobo? ", chama, mas sua voz continua presa dentro da cabeça. Não há nenhum lugar aonde ir. Está sozinho no nada.

"Renn! ", grita, enquanto gira na escuridão sem fim. "Lobo! "



Lobo despertou com um sobressalto.

Ouviu os grunhidos da Brilhante Besta-Que-Morde-Quente, e a irmã de alcateia bufando levemente durante seu sono. Alto Sem-Rabo tinha sumido.

A preocupação apertou Lobo do focinho ao rabo. Alto Sem-Rabo era esperto, mas mal conseguia farejar ou ouvir, e no Escuro era tão indefeso quanto um filhote.

Girando as orelhas, Lobo captou sons do lado de fora do Covil. Ouviu árvores tremendo debaixo do Frio Duro Brilhante, e ratos silvestres arranhando para conseguir sair de suas tocas. Não conseguia ouvir o irmão de alcateia, mas sentia que Alto Sem-Rabo precisava dele.

Passando silenciosamente por cima da irmã de alcateia, Lobo deixou o Covil. A fome o deixara fraco, mas seus sentidos estavam aguçados.

Erguendo o focinho, captou os odores. Os pelos do cangote se eriçaram, ao sentir o cheiro de demônio.

Posicionando cada pata com cuidado de uma espreita, Lobo avançou silenciosamente pelo solo quebradiço.

Alto Sem-Rabo estava a alguns trotes de distância, debaixo de um pé de abeto. Oscilava. Seus olhos estavam abertos, mas ele não enxergava, e Lobo percebeu que ele dormia.

Numa árvore acima da cabeça de Alto Sem-Rabo, uma sombra se moveu.

De repente, Lobo entendeu tudo. Viu o filhote-demônio sem-rabo acorrido no galho acima de seu irmão de alcateia. Sentiu a fome e o ódio dele, viu a grande pedra em sua pata dianteira, prestes a atacar.

Com um rosnado, Lobo correu pelo Frio Duro Brilhante.



Algo bateu em Torak e o derrubou.

Ele vislumbrou o brilho dos olhos do demônio, o lampejo de uma faca — então Lobo — *Lobo* — estava saltando sobre o tokoroth, e escalando com dificuldade uma árvore na escuridão.

— Você está bem? — berrou Renn, correndo em sua direção.

Tonto, ele pelejou para ficar de pé. Galhos quebraram, enquanto o tokoroth escapava, pulando de árvore em árvore, e Lobo — uma seta prateada ao luar — corria atrás dele.

Torak tentou segui-lo, mas seus joelhos se curvaram.

Volte para dentro — apressou Renn.

— Preciso ajudar Lobo.

— Você não está vestido com a parca. Entre, antes que congele!

Assim que entraram no abrigo, Torak percebeu que estava tremendo, mas não de frio.

— O q-que aconteceu c-comigo?

— Você estava agindo como espírito errante. — À luz da fogueira, o rosto de Renn parecia cinzento. — Eu acordei, você tinha desaparecido. Saí e vi você parado além das linhas de poder. Você olhou através de mim. Foi horrível. Vi o tokoroth na árvore, ele mirava sua cabeça. Então Lobo surgiu do nada. Ele salvou você.

Torak pensou em Lobo perseguindo o demônio.

— Creio que Eostra fez você agir como espírito errante — disse Renn, puxando-o de volta.

— Como?

— Não sei. Mas acho que ela já tentou isso antes, na Floresta Profunda. Lembra-se?

Torak fechou os olhos. Isso trouxe de volta a escuridão, e ele os abriu novamente.

— Por que ela faria isso? — murmurou.

— Eu acho — falou Renn — que ela queria que você fosse para depois do círculo de sangue da terra que eu preparei, para que o tokoroth o pudesse atingir. Mas *por quê?* — disse ela a si mesma. — Não faria sentido ela te matar, pois seus poderes seriam perdidos. Não se encaixa. Nada disso se encaixa.

Torak pousou a testa nos joelhos. Renn tocou seu rosto com as costas da mão e perguntou como ele se sentia, e sua resposta foi que estava bem. Ela perguntou como ele se sentiu, enquanto agia como espírito errante, e Torak respondeu:

— Vazio. Eu estava no nada. Estava perdido.

Renn arfou. Torak perguntou-lhe o que aquilo significava, mas ela não quis dizer. Ele sabia que ela estava escondendo coisas dele. Torak não se importava. Lobo o tinha salvo, e agora estava lá fora, sozinho. Contra o tokoroth.



O demônio desapareceu numa moita, e Lobo perdeu o cheiro. Sacudindo o corpo, contrariado, virou-se e trotou de volta para o Covil.

O Frio Duro Brilhante mordida suas patas, e ele estava extremamente faminto e fraco; mas se sentia melhor do que quando a coruja atacara, e mantinha o rabo erguido. Salvara seu irmão de alcateia do demônio. Era para isso que ele servia.

Ao se aproximar do Covil, os corvos mergulharam e grasnaram para ele, e ele fez um fraco salto de brincadeira para afugentá-los. Os corvos estavam com a matilha e não eram *parte* dela; eles tinham de ficar em seu lugar.

A irmã de alcateia saiu do Covil e disse algo admirada em língua de sem-rabo. Em seguida se agachou lá para dentro e voltou a sair, com as patas dianteiras repletas daqueles pequenos salmões achatados que não tinham olhos. Lobo engoliu todos, e se sentiu muito melhor. Lambia os últimos pedacinhos das patas, quando Alto Sem-Rabo saiu do Covil. Alto Sem-Rabo viu Lobo e ficou parado. Lobo ganiu, pulou para seu irmão de alcateia, e os dois rolaram no chão, ganindo e esfregando o focinho nos deliciosos cheiros um do outro.

O Olho Quente Brilhante se ergueu no Alto, salpicando a Floresta com luz, e Lobo sentiu que aquilo era bom. Pelo-Escuro e os filhotes tinham ido embora, e ele sentiria a falta deles, sempre; mas agora entendia que não poderia ficar com eles. Alto Sem-Rabo e a irmã de alcateia também eram parte da matilha, e os dois precisavam dele.

Um lobo não abandona sua alcateia.

TREZE



O filhote de lobo, *de modo algum*, entendia o que estava acontecendo.

Como ele chegara àquela encosta vazia tão distante do local de descanso? *E onde estava a alcateia?*

Ele se lembrava dos corvos gritando e da terrível coruja atacando sua mãe. Observara os dois lutando debaixo do arbusto de junípero: sua mãe saltando e mordendo, a enorme coruja açoitando com suas garras. Depois sua mãe não estava mais ali, e seu pai lutava contra a coruja e Alto Sem— Rabo latia para o filhote *ficar*, mas ele não conseguiu. Fugiu e, de repente, garras mordiam seus flancos e ele não sentiu o chão, estava *voando*.

Contorceu-se e ganiu, mas ninguém o ouviu. Seu pai e Alto Sem— Rabo encolheram e pareciam pontos, quando a terrível coruja o levou para mais alto ainda. Até mesmo os corvos ficaram para trás. Então não havia mais Floresta, apenas a brancura vazia pontilhada com varas que pareciam árvores.

O filhote choramingara, aterrorizado.

A coruja voou por um tempo interminável. Em seguida, o filhote acordou ouvindo grasnidos furiosos, e os corvos mergulhavam do Alto. Eles atacavam a coruja, que serpeava e se desviava. O filhote tentou morder as pernas dela, mas não conseguiu alcançá-las. Várias e várias vezes, os corvos atacaram. De repente, a coruja largou o filhote e ele estava caindo.

Estatelou-se no Frio Macio Brilhante e ali ficou, tremendo, apavorado demais para se mover.

Quando nada aconteceu, ele pelejou para ficar de pé, botou a cabeça para fora e bisbilhotou em volta.

A terrível coruja havia sumido.

E também tudo o mais. Nada de corvos. Nada de Floresta. Nada de lobos. Apenas o vento e o branco.

Escavando o Frio Macio Brilhante para sair de dentro dele, o filhote foi patinhando colina acima para farejar os cheiros, como vira seu pai fazer. Seus flancos doíam e as pernas tremiam. Estava com fome e com muito, muito medo. Ergueu o focinho e uivou.

Não veio ninguém.



O filhote tinha comido um pouco de Frio Macio Brilhante, mas, embora o tivesse deixado um pouco cheio, aquilo não afugentou a fome.

Exausto, ele seguiu ao longo da encosta. O vento diminuía e o Escuro estava chegando. Suas garras pareciam estranhamente tensas, e ele sentia que tudo — a colina, o Frio Macio Brilhante, até mesmo o Alto — estava à espera de alguma coisa ruim.

Chegou a um mato de pequenos salgueiros retorcidos que se apegavam à encosta. Eles lhe lembraram o local de descanso, portanto decidiu ficar por perto.

Fuçando em volta, encontrou o que parecia um Covil. Vinha dali um cheiro interessante do qual ele não conseguia se lembrar.

Nesse instante, algo o atingiu no focinho. Com um latido, ele saltou para trás — e algo o atingiu na anca. Agora o golpeava por todo o corpo, atingindo suas costas, orelhas, patas. A coisa vinha do Alto. Ergueu a cabeça e a coisa o atingiu no olho. Ele disparou para debaixo de um salgueiro.

A saraivada aumentou para um trovejar. O Frio Duro Brilhante rosnava desde o Alto, rompendo galhos, surrando o filhote.

O Covil. Entre no Covil.

Agarrando a coragem com as mandíbulas, ele disparou para lá.

Ha! O Frio Duro Brilhante não conseguirá pegá-lo aqui! Ele o ouviu rosnar, furioso por não conseguir alcançá-lo.

O Covil era apenas um pouco maior do que ele, mas, nos fundos, aquele cheiro interessante era muito mais forte. O filhote lembrou-se dele agora. *Carcaju.*

Carcajus são extremamente ferozes, mas, felizmente, esse não se mexia. O filhote farejou. Cautelosamente, estendeu uma pata. O carcaju estava Sem-Bafo.

O filhote estava acostumado a comer carne mole, mastigável, que sua mãe e seu pai regurgitavam; ele teve de pelejar para enfiar as mandíbulas em volta de uma parte do carcaju. A carne era tão dura que ele parecia mastigar um pau, mas, após tanta roedura, conseguiu arrancar um naco, que engoliu inteiro.

Ele comeu até suas mandíbulas doerem e sua barriga sentir que estava cheia. Depois, rolou em meio ao odor pútrido e adormeceu.

Quando acordou, o Frio Duro Brilhante ainda martelava a encosta, então ele comeu mais carcaju e voltou a dormir. E acordou. Comeu. Dormiu...

Quando acordou novamente, estava tudo silencioso.

No Agora em que estivera em seu sonho, ele e sua irmã de alcateia tinham subido em sua mãe, mordido seu rabo, enquanto ela focinhava a barriga deles.

Neste Agora, ele estava sozinho.

Choramingou. O ruído que ele provocou no silêncio o amedrontou, então parou, e roeu um pouco mais de carcaju. Depois, foi até a boca do Covil.

A claridade feriu seus olhos. Não havia cheiros. Os únicos sons eram um estranho estalido e o sibilar do vento.

Pestanejando, ele viu que os salgueiros estavam despedaçados debaixo do Frio Duro Brilhante. O mundo todo estava prostrado debaixo do Frio Duro Brilhante.

Aventurou-se a sair. Suas patas dispararam debaixo dele, e ele caiu. Pelejou para ficar de pé, enfiando as garras no chão.

Acima dele, erguia-se a colina branca. Abaixo, ela mergulhava, depois subia novamente. O filhote não ousava se mexer. Não havia para *onde* se movimentar. Ergueu o focinho e uivou.

Foi o mais forte, o menos vacilante uivo que ele já conseguira exprimir — mas nenhum lobo respondeu.

Em vez disso, um corvo baixou e pousou alguns trotes adiante dele. Depois outro.

O filhote sacudiu o rabo e uivou alegremente. Aqueles eram os *seus* corvos, eles pertenciam à alcateia! Achatando as orelhas para trás, saltou na direção deles, escorregando pelo Frio Duro Brilhante.

Os corvos voaram para longe, rindo. O filhote não ligou, estava acostumado com seus truques: eles costumavam bicar seu rabo e roubar sua comida. Correu atrás deles — esquecendo-se de enfiar as garras no chão — e escorregou colina abaixo.

Ainda crocitando de rir, os corvos voaram atrás dele.

Irritado, o filhote levantou-se e se sacudiu.

Os corvos ergueram-se para o céu e voaram para longe.

Ele latiu. *Voltem!*

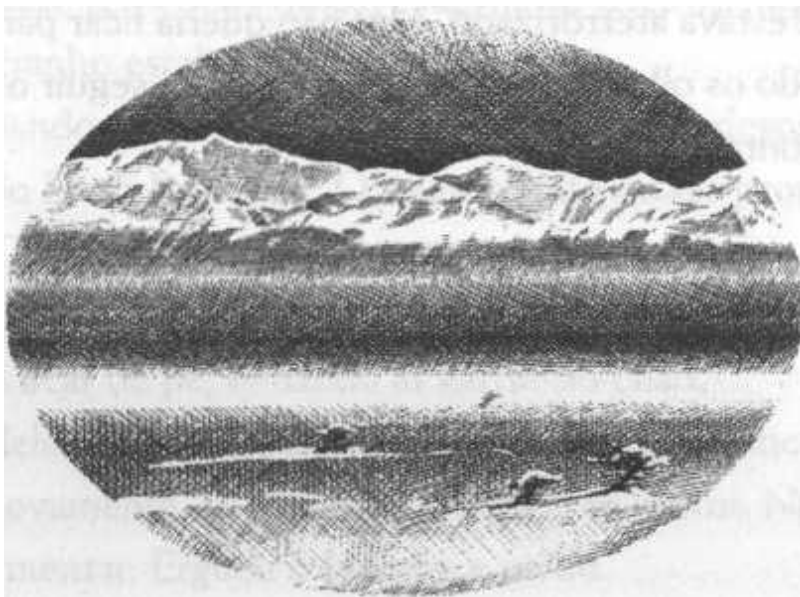
Os corvos circularam acima dele, depois voltaram a se afastar, sacudindo a cauda, enquanto desapareciam além da colina. Quork! *Siga!*

O filhote se esforçou atrás deles. Quando chegou ao topo da colina, o que ele viu fez com que choramingasse aterrorizado.

Acima dele erguia-se a maior pedra que já vira; muito maior até mesmo do que a grande pedra que havia mais além do local de descanso. Quork!, crocitaram os corvos.

O filhote estava aterrorizado. Mas não queria ficar para trás. Estreitando os olhos contra o vento, passou a seguir os corvos em direção às Montanhas.

CATORZE



— Quantos dias de caminhada até as Montanhas? — perguntou Torak.

Renn sacudiu a cabeça.

Eles estavam com a Floresta às suas costas, olhando as ondulantes colinas cobertas de neve. Bem mais distante — porém pavorosamente presente — erguiam-se os picos reluzentes das Montanhas Altas.

O ânimo de Torak baixou. De onde ele estava, distinguia milhares de pequenos pináculos. Qualquer um podia ser a Montanha de Fantasma. E sua única esperança de encontrá-la estava com os clãs da Montanha.

Renn pareceu ouvir seus pensamentos. "As renas seguirão para o abrigo da Floresta. Fin-Kedinn diz que os clãs da Montanha sempre seguem as renas. Se tivermos sorte, nós os encontraremos. "

Torak não respondeu. Sua vontade era rastejar até a Floresta e se esconder.

Lobo veio se encostar nele. Torak despiu a mitene e mergulhou os dedos no seu cangote. Lobo lambeu o pulso dele: um breve lampejo de afeto, arrancado pelo vento.

— E lembre-se — disse Renn —, ela *quer* que você a encontre.

— Mas não você — rebateu Torak. — E nem Lobo, ou Rip e Rek.

— Ela tentou nos separar. E fracassou.

— Mas tentará novamente.

Juntos, começaram a travessia das colinas. Um vento uivante enviava um fluxo de setas de neve em sua direção. *Voltem, voltem!*

Os corvos *adoravam*. Mergulhavam e alçavam voo no céu impetuoso, frio, vazio. Rek dava cambalhotas, enquanto Rip dobrava as asas e mergulhava verticalmente em uma elevação, pousava num monte de neve, virava de costas e

rolava encosta abaixo. No sopé, sacudia as asas, voava até o topo e começava tudo novamente.

Lobo deu um latido e partiu atrás dele, mas Rip saltou para o vento e alçou voo para fora de seu alcance. Lobo ficou na subida, sacudindo o rabo e olhando abaixo para Torak. Sua fofa pelagem estava salpicada de neve, e seus olhos brilhavam. *Vamos!*, latiu.

A ansiedade deles deu coragem a Torak. Ele **Virou-se** para Renn.

— Acho que conseguiremos.

Ela abriu a boca para protestar.

— Tudo o que temos a fazer — disse ele — é encontrar as renas.

Ela apontou para as colinas rochosas.

— Como?

— Temos um lobo, dois corvos, sua Magia e minha habilidade de rastreamento. Nós as encontraremos.



Não encontraram.

Por três dias avançaram com dificuldade pelas colinas rochosas sem ver uma só marca de casco. A luz branca uniforme tornava impossível se estimar as distâncias, e as Montanhas não pareciam mais próximas, ao passo que as colinas se mostravam ainda mais formidáveis do que pareceram. Elas eram marcadas por valas, lagos congelados, e mato coberto de gelo, alguns na altura do peito, outros indo apenas até o tornozelo, mas sempre forçando-os a seguir em zigue-zague. Em alguns lugares, o vento havia soprado a neve, revelando abaixo o gelo seixoso.

Tentaram se manter na direção leste, orientando-se pelo sol e pelas estrelas, mas eram dificultados pelas nuvens, e foram desviados do caminho pelo que parecia ser uma rena, mas que acabou se revelando serem pedras.

Eles sobreviveram por causa do que haviam aprendido no Distante Norte. Usaram máscaras contra a claridade e esfregaram o rosto com o Unguento de tutano de Renn para evitar queimadura pelo vento. Cavaram buracos na neve para abrigo e pegaram uma ptármiga e a comeram crua, economizando o máximo possível de gravetos para fogueiras para derreter gelo. Mantinham suas coisas dentro do buraco na neve, para não perdê-las numa nevasca, e as peles de água no interior dos sacos de dormir, para evitar que congelassem. As noites eram frias. Eles sonhavam com belos montes de lenha seca.

No terceiro dia, avistaram uma pessoa a distância, e correram para encontrá-la — só para descobrir um homem feito de turfa. Sua barba era pingentes de gelo, e os

braços estendidos, galhadas apoiadas por lanças em cada mão. Ele não parecia ameaçador, apenas estranhamente receptivo.

— Algum tipo de guardião? — sugeriu Renn. — Talvez do Clã da Sorva, eles constroem seus abrigos com turfa.

— Então eles o fizeram no outono passado — disse Torak. — Há limo nas galhadas. — Vasculhou as colinas. A Floresta havia muito tempo que desaparecera. Tudo o que ele conseguiu enxergar foram colinas brancas. Debaixo de suas botas, a neve escondia o gelo que vedava a terra. Eostra não relaxara seu controle. E ela o observava.

— Está para anoitecer — disse Renn. — Precisamos parar.

Acamparam sob as vistas do homem de turfa, a sota-vento de uma colina junto a um lago congelado cercado de arbustos. Renn disse que cavaría um buraco na neve e depois tentaria um encanto de localização para os clãs da Montanha. Torak foi colocar linhas de pesca e armadilhas. Os suprimentos deles estavam reduzidos a um punhado de avelãs e, até então, só tinham conseguido pegar uma única ptármiga.

Lobo saiu trotando para caçar, seguido por Rip e Rek, que claramente achavam que ele teria mais chances do que Torak.

No lago, Torak abriu buracos no gelo com sua machadinha, em seguida colocou anzóis de junípero em fios de raiz de pinheiro que ele trouxera da Floresta. Para evitar que os buracos voltassem a congelar durante a noite, ele os tampou com gravetos e os cobriu com neve. Em seguida enfiou sua faca ao lado deles para deter Rip e Rek, que eram bem capazes de puxar as linhas com seus bicos e roubar as presas.

De volta à margem, ele circundou o lago. O solo parecia vazio, mas seus olhos de caçador disseram-lhe que não estava. Localizou marcas oblíquas de asas onde uma grande coruja cinza batera na neve, após pegar um lemingue. Mais adiante, uma série de buracos rasos, cada qual com uma pequenina pilha de excrementos congelados, onde tetrazes se reuniram para se aconchegar. E um emaranhado de pegadas de ptármigas, embora sem qualquer sinal de seus abrigos; ptármigas gostam de voar alto, então mergulham na neve fofa para fazer uma aconchegante toca invisível.

Elas também gostam de gravetos de Vidoeiro, e Torak quebrou alguns galhos de um Vidoeiro raquítico que ficavam na altura do tornozelo, esfregou o gelo com eles e os enfiou num pedaço de neve para criar um cacho tentador, no qual escondeu laços de linha. Fez a mesma coisa com o salgueiro, para a tetraz.

Mais acima da encosta, Torak encontrou o rastro de uma lebre. Seguindo-o até um cume ventoso, instalou sua armadilha pouco antes do ponto onde a lebre teria de

deixar a segurança do mato e atravessar terreno aberto. Ela estaria preocupada e, portanto, seria menos provável que notasse uma armadilha.

Agora Torak estava tonto de fome. Tudo que o esperava no acampamento era sua cota de avelãs. O céu era de um azul frio, escuro, polvilhado de estrelas. A lua ainda não havia saído, mas ele distinguia a escuridão recortada das Montanhas — e, acima delas, tênue e distante, a estrela vermelha do inverno. O olho do Grande Auroque.

Quando o olho vermelho está mais alto no céu, dissera Pa, moribundo, os demônios são mais fortes.

A Maga Bufo-Real e seus subordinados estavam vividos na mente de Torak; mas o rosto de Pa era um borrão. Chocado, Torak se deu conta de que se tornara uma pessoa diferente desde que seu pai havia morrido. Talvez Pa não o reconhecesse. Talvez fosse por isso que seu espírito fugira dele no acampamento Corvo.

— Pa — disse ele no escuro. — Sou eu. Torak. Onde você está? Como eu o encontro?

A única resposta foi um sibilar de neve soprada pelo vento.



Aconchegada em seu saco de dormir, Renn ouvia a neve sussurrante.

Estava com fome e cansada, mas sabia que não devia dormir. O encanto de localização fora pior do que um fracasso. Uma parede de gelo surgira ruidosamente e trancara a sua mente. *Volte*, ordenou a Maga Bufo-Real. *Ninguém consegue impedir Eostra.*

Renn ficara entorpecida, segurando a cabeça martelante. Sentia-se tão mal que, quando Torak voltou, teve de lhe pedir que espalhasse o sangue da terra em volta de seu buraco na neve. Não era uma linha de poder, somente um Mago era capaz de fazer isso, mas era melhor do que nada. E talvez o homem de turfa ajudasse a manter os tokoroths afastados.

Enroscada em seu lado, Renn observava o céu através da estreita abertura no buraco na neve, e tentava perceber a intenção de Eostra.

A Maga Bufo-Real queria o poder de espírito errante de Torak, isso estava perfeitamente claro. Mas como pretendia tomá-lo? E quando?

Torak rastejou para o interior do abrigo, e Renn ouviu-o tirar as botas, dar-lhes uns tapinhas para formar um travesseiro e entrar no saco de dormir. Perguntou a Renn se se sentia melhor, ela respondeu que não, e ele disse que sentia muito. Poucos momentos depois, sua respiração mudou. Como um lobo, ele tinha a aptidão de adormecer num instante.

Por volta do meio da noite, a lua semicomida saiu, e Renn pediu sua ajuda. Ela sempre se sentira próxima da lua. Sentia muito quando o urso do céu a comia, e se fortalecia com o fato de que ela sempre voltava.

A lua.

Um sobressalto deixou Renn alerta. Por que não percebi isso antes? *Estive ignorando a lua!*

Dentro de alguns dias, seria o escuro da lua. E aquela lua era especial: Noite das Almas, quando o Espírito do Mundo se transforma de um homem com cabeça de veado para uma mulher com cabelo de salgueiro vermelho. Uma época perigosa, quando fantasmas estão em circulação, à procura dos clãs que perderam. Quando os mortos chegam mais perto dos vivos.

Noite das Almas.

Era isso que Eostra esperava. Com uma pontada de temor, Renn percebeu quanto isso se ajustava com o que ela e Saeunn haviam previsto. O Ouvinte morrerá...

Até agora, ela empurrara isso para o fundo de sua mente. Mas, em breve, Torak teria de ser informado.

Sentando-se, ela viu que ele dormia profundamente, franzindo a testa com seus sonhos. Naqueles dias, ele dormia como se não quisesse acordar.

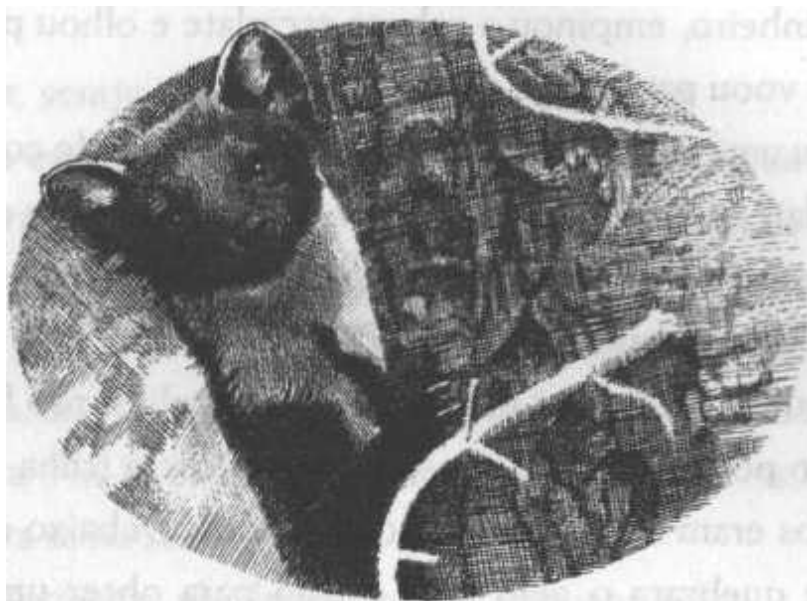
Não é justo, pensou Renn. Por que ele tem de ser o Ouvinte? Por que ele tem de ser diferente?

Virando-se de lado, Torak aninhou-se em seu saco de dormir, o cabelo caindo sobre o rosto.

Eu lhe direi em breve, decidiu Renn. Mas ainda não.

Mais do que isso. Uma noite escura nas colinas era uma péssima ocasião para se falar sobre profecias; e a linha de sangue da terra em volta do acampamento era frágil. Não dava para se saber o que podia ser ouvido.

QUINZE



Fin-Kedinn observou a marta-do-pinheiro disparar árvore acima.

Depois ele avançou, cautelosa e silenciosamente. Aquele que procurava podia estar ouvindo.

Por dias ele havia procurado pelos locais onde, muito tempo atrás, sua presa costumava caçar. Nos limites da Floresta Profunda, o Clã do Lince ouvira rumores; o Clã do Morcego encontrara vestígios que o haviam trazido novamente para o sul, até essa vala. E o tempo todo, Torak e Renn estavam por aí, sozinhos, contra o poder de Eostra.

Na vala, nada se mexia. Algum tempo atrás, aquelas pedras teriam ecoado com o murmúrio da água, mas a tempestade de gelo silenciara o riacho com uma rajada de bafo congelante. Agora cada marola duraria o inverno inteiro. Aquela onda encimando a pedra teria de esperar até a primavera para desabar.

Fin-Kedinn chegou a uma encruzilhada na trilha. Um caminho seguia para oeste, o outro, para leste, penetrando ainda mais nas colinas. Não havia rastros. Ele teria de confiar na Floresta para guiá-lo, e no que ele sabia sobre aquele que procurava.

Deu alguns passos na primeira trilha. Um pica-pau pousou num tronco de pinheiro, empinou a cabeça escarlate e olhou para ele. Kik! Kik! Depois voou para longe.

Ele ouviu um estalido distante, enquanto um esquilo corria de galho em galho. Mais adiante, encontrou uma pequena pilha de excrementos num toco de árvore: um forte cheiro almiscarado. Marta-do-pinheiro, talvez a que ele acabara de ver.

Havia muitos habitantes naquela trilha. Ela talvez não fosse a única.

Voltando por onde viera, ele seguiu pela outra trilha. À sua volta, pés de abetos eram cones brancos congelados. Debaixo de um deles, um auroque quebrara o gelo

com a pata para obter um pedaço de epilóbio.

A árvore em si pouca coisa dizia a Fin-Kedinn, mas, entre os restos de epilóbio, ele encontrou a raiz exposta de um pinheiro que tivera arrancada apenas parte de sua casca. Sobre ela havia um pelo castanho eriçado. Ele supôs que, depois de o auroque ter ido embora, apareceu um veado-vermelho e mordiscou a casca; mas não tivera a chance de comê-la toda. Seus rastros eram profundos e oblíquos, como se tivesse fugido pela trilha. Algo o assustara.

Não foi um urso; eles estavam dormindo durante o inverno. Lince? Lobo? Fin-Kedinn achava que não. Ele não vira marcas amarelas de farejo na neve, nem marcas de garras nas árvores. Talvez, pensou, um caçador solitário tenha causado a fuga do veado.

Anoitecia. Em breve, apareceriam as primeiras estrelas, embora a lua semicomida só aparecesse na metade da noite. Fin-Kedinn não tinha ido muito longe, quando parou para ouvir. A distância, o grito de alerta de um gaio. Um momento depois, o seco ruge-ruge de asas, ao passar por cima dele, vendo-o, e dando outro chocalhante *kshaach!*

A ave estava acima do cume, quando dera seu primeiro grito de alerta; Fin-Kedinn supôs que o que ela avistou devia estar perto do topo. Ele conhecia aquelas colinas. Adiante, havia uma saliência rochosa: um bom lugar para se esconder e ficar de olho no que se aproximasse. E, se ele estivesse enganado, poderia se abrigar ali para passar a noite.

Ao subir, sentiu um cheiro de fumaça de lenha.

Ouviu o estalar de um galho. Ou foi o crepitar de uma fogueira?

Indo para trás de um pé de azevinho, observou à sua volta.

Ah. Esperto. Em nenhuma parte perto da saliência, mas ali embaixo, naquele pequeno vale isolado, a trinta passos da trilha. A fogueira estava oculta, atrás de uma pedra, e produzia apenas uma incandescência bem fraca. Fin-Kedinn não esperara menos do que isso. Aquele que ele procurava sabia se esconder.

Silenciosamente, ele desceu para o pequeno vale.

Na escuridão, distinguiu uma sombra que não era uma pedra. Esta estava curvada sobre os restos de um pequeno veado, com uma machadinha à mão.

Fin-Kedinn soltou a faca em sua bainha e deu um passo para mais perto. Parou. Avançou novamente.

A sombra se ergueu, apanhou a machadinha e partiu para ele.

Fin-Kedinn segurou pelo pulso o braço com a machadinha.

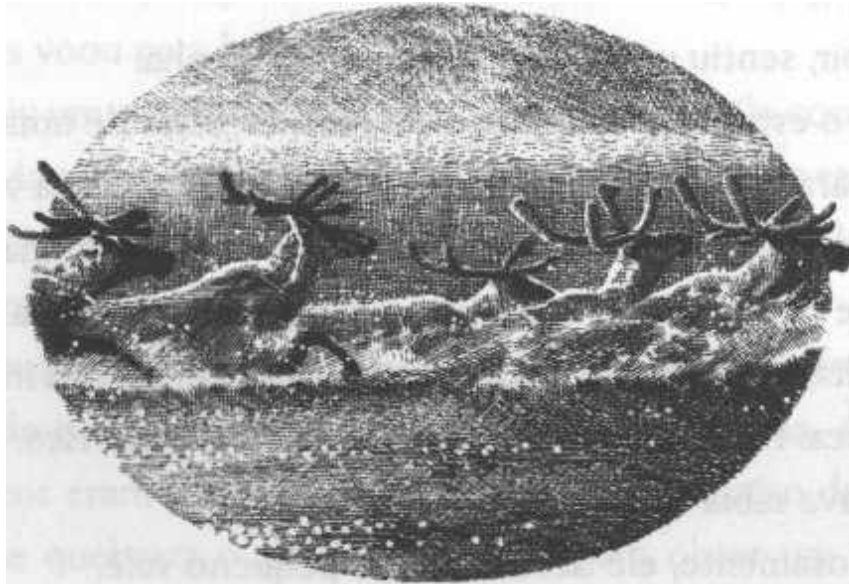
Cara a cara, pressionaram um contra o outro.

De repente, a tensão cessou no braço com a machadinha.

Fin-Kedinn relaxou o aperto.

— Hora de dar satisfação, velho amigo.

DEZESSEIS



Os anzóis vieram sem peixes, e um carcaju atacara as armadilhas durante a noite.

— Portanto, nada de refeição do dia — disse Torak, puxando as linhas. — Teremos de comer líquen.

Ele lançou um olhar duvidoso.

— As pessoas podem comer isso?

— Acho que sim. — Mas Renn não pareceu muito segura.

Torak ajudou-a a raspar alguns punhados deles debaixo do gelo, e os colocaram de molho na pele de água dela. Enquanto Renn alimentava a fogueira, Torak saiu para forragear. Após uma longa, gelada busca, tudo o que ele conseguiu foram uns poucos empetros e algumas azedas queimadas de gelo.

Renn colocou tudo na pele de cozinhar, onde o líquen tinha cozido e se tornado uma borra escura, viscosa.

— Tem certeza de que as pessoas comem isso? — perguntou Torak, após o primeiro bocado.

— Os clãs das Montanhas comem. Em épocas ruins.

— Têm que ser ruins. Ruins mesmo.

— Talvez Lobo tenha tido uma sorte melhor. Poderíamos pegar algo dele.

Torak não gostava da ideia de ir atrás de um dos abates de Lobo, mas Renn tinha razão. Havia dois dias desde a última ptármiga. Agora era vital encontrar uma rena: não apenas encontrar os clãs das Montanhas, mas comer.

Na metade da manhã, chegaram a um rio que, surpreendentemente, ainda estava acordado. Corria ruidosamente entre colinas rochosas encimadas com mais três estranhos homens de turfa. Seu baixio estava livre de gelo. Torak e Renn desenterraram várias cavalinhas brilhantes verdes e mastigaram crus os intumescidos rizomas.

Ao se reerguer, a cabeça de Torak girou. As cavalinhas tinham feito muito pouco para amenizar sua fome. Sua barriga começava a doer.

Renn desabou sobre uma pedra e tirou a máscara. Seus olhos estavam anelados com sombras azuis.

— Seria de imaginar que haveria peixe nele — observou ela —, mas não vi nenhum.

Eles se entreolharam. Por quanto tempo conseguiriam seguir em frente?

— Quando encontrarmos as renas — disse Torak —, eu comerei uma inteira. Começando pelo pescoço e descendo. Abaterei uma outra para você.

Ela sorriu amarelo.

Torak agachou-se para encher sua pele de água.

— Que rio é este, afinal?

— Não sei e não me importa. Se não conseguir carne logo, comerei minha bolsa de remédios.

Torak, porém, tinha parado de ouvir. Arrancando a mitene, puxou algo da água.

— O que é isso? — perguntou Renn.

Ele lhe mostrou: um pelo castanho-claro, tão comprido quanto seu polegar.

Rena.

— Elas devem estar rio acima — disse Renn.

Apuraram o ouvido. O rio era barulhento demais.

Suas margens eram impassíveis e polvilhadas de pedras. Teriam de fazer um extenso desvio em volta das colinas, ou as escalar. Decidiram pela escalada. Seria mais rápido e lhes daria uma melhor visão do que quer que houvesse do outro lado.

Escalar se provou mais difícil do que esperavam. Torak estava assustado com o quanto ficara fraco. Manchas negras dançavam diante de seus olhos, e cada passo era um esforço. A seu lado, a respiração de Renn era penosa.

Lobo surgiu acima deles, parando perto de um homem de turfa, antes de correr abaixo para Torak. Sua pelagem estava arrepiada de animação. *Rena! Depressa! Nós caçar!*

Torak traduziu para Renn.

Atrás da máscara para neve, os olhos dela brilharam.

— Vamos.

Rapidamente, Torak disse a seu irmão de alcateia, em fala de lobo, que este devia caçar sem eles, pois teria uma chance melhor de fazer um abate. Lobo não discutiu, e desapareceu do outro lado da colina.

A emoção da caçada deu a Torak e Renn uma força renovada. Ao se aproximarem do topo da colina, deitaram no chão e se arrastaram de barriga. Renas

tinham sentidos aguçados. Se houvesse algumas do outro lado, era vital não assustá-las.

Fazendo o arco escorregar do ombro, Torak apanhou uma flecha na aljava. Renn já fizera isso. Ela também tinha amarrado seu cabelo ruivo para trás e o enfiara para dentro do capuz, para que a presa não pudesse vê-lo. Fazendo contato visual com Torak, ela tocou nas penas de sua criatura de clã e lhe deu o familiar sorriso de dentes expostos.

O vento gelava o rosto de Torak. Ótimo. Soprava seu cheiro para longe da presa.

Furtivamente, ele rastejou adiante. Alcançou o cume. Prendeu a respiração.

Abaixo dele a colina descia para a impetuosidade reluzente do rio. *Outro* rio fluía através dele: um rio de renas. Nuvens de respiração congelada de milhares de focinhos criavam uma névoa dourada sob o sol. O ar vibrava com os berros de novilhos e os grunhidos de suas mães; os berros nasalados dos machos no cio. E por baixo disso tudo, como a batida de um grande coração, o constante tamborilar de milhares de cascos.

Torak só tinha visto pequenos grupos de renas na Floresta. Admirado, observou a manada seguir lenta, propositada, infindavelmente através do rio. A colina onde ele estava deitado descia íngreme, por entre um mato de salgueiros, até uma extensão plana de empedrada ribanceira, e então erguia-se novamente como outra colina, também coberta de salgueiros. Ele supôs que a brecha entre elas era um dos antigos locais de travessia das renas. Certa vez, Fin-Kedinn lhe dissera que as manadas têm seguido as trilhas de seus ancestrais por milhares de invernos.

Torak viu de que modo elas convergiam numa densa pressão de corpos, ao passarem pela brecha. Viu as cabeças erguidas e colisões de galhadas de renas nadadoras, a rápida subida, ao escalarem a ribanceira e se espalharem do outro lado. Ele sabia que aquele rio de vida era percorrido por muitos caçadores: águias, lobos, corvos, carcajus, gente.

Mas onde *estava* a gente?

Avistou Rip e Rek voando alto, virando a cabeça de um lado a outro, à procura de carcaças. Ele viu um macho se erguer nas patas traseiras e percorrer alguns passos para alertar os outros do perigo, depois baixar ruidosamente e atacar um carcaju, que saltou para longe.

E ali, a distância, estava Lobo, uma sombra cinzenta na extremidade da manada, perseguindo um novilho abandonado ou uma rena doente ou cansada demais para reagir.

Mas nada de gente. Apenas mais três homens de turfa na colina defronte, de pé, com os braços de galhadas estendidos.

Renn cochichou no ouvido dele:

— Estamos fora do alcance de uma flecha. Temos de descer a colina até o mato.

Ela tinha razão. Esqueça gente. A única coisa que importava agora era carne.

E tinham de chegar mais perto. O sucesso de se caçar uma rena dependia de um rápido abate para a presa cair silenciosamente sem alertar a manada. Se o caçador errasse, elas disparariam e ele teria perdido sua chance.

Renn murmurou uma prece ao seu guardião, e Torak pediu à Floresta que lhe trouxesse sorte. Começaram a se mover encosta abaixo em direção aos salgueiros.

Torak vislumbrou Lobo costurando entre as renas. Em sua cabeça, desejou-lhe boa caçada.



Lobo corria entre o copioso, turbilhonante cheiro que fazia sua pelagem se afofar de fome.

Farejou os farrapos sangrentos que pendiam dos galhos de cabeça das renas e aspirou o delicioso odor de filhotes. Para seu alívio, não farejou outros lobos: nenhuma alcateia desconhecida que atacasse um lobo solitário que ousou penetrar em seus limites.

Para fazer a presa correr, ele deixava que ela o visse.

Um macho grande baixou a cabeça e estrondeou na direção dele: *Afastese de minhas fêmeas!* Lobo esquivou-se da estocada dos galhos de cabeça e pulou para longe.

Em meio ao ruído, ele distinguiu um gemido. Trotou na direção dele.

O filhote estava parado, tremendo, em uma pequena ilha pedregosa no meio do Molhado Ligeiro. Lobo farejou seu medo. Estava desprotegido. Sua mãe estava caída, morta, sua carcaça já limpa pelas bicadas.

Lobo baixou a cabeça, desceu o barranco e entrou no Molhado. Nadou com as renas, e elas o ignoraram, achando que ele não estava atrás delas.

O filhote sentiu seu cheiro. Seu gemido virou um guincho. Lobo viu-o movimentar-se por trás da caixa torácica de sua mãe, inclinando a cabeça para não ser visto, mas deixando à mostra seu pálido, peludo traseiro.

As patas de Lobo tocaram seixos. Ele tinha alcançado a ilha.

Ao emergir, porém, uma enorme rena fêmea subiu pelo outro lado da ilha e avançou contra ele. Lobo pelejou para se livrar dela. A rena baixou a cabeça e o atacou com seus galhos de cabeça. Lobo saltou. Os galhos de cabeça o erraram por um cabelo, pulverizando-o com seixos. Ele cometera um engano. A carcaça não era a mãe. *Aquela é* que era. Lobo passou disparado por ela e pulou no Molhado.

Ao chegar à segurança da margem, ele olhou para trás. O filhote tinha mergulhado para baixo da barriga da mãe, para mamar, mas a mãe continuava olhando firmemente para Lobo: *Não se aproxime!*

Sacudindo o Molhado de sua pelagem, ele vasculhou a manada atrás de uma presa mais fácil.

Captou um distante gemido de dor. Ali. Um macho jovem pelejando para subir na margem. Seus galhos de cabeça pareciam afiados como garras: um golpe conseguiria estripar um lobo imprudente.

Mas havia algo errado com sua perna.

DEZESSETE



Torak avistou Lobo entre as renas, e depois o perdeu novamente. Renn cochichou em seu ouvido:

— Os salgueiros são compactos demais, não conseguirei um disparo certo. Ele fez que sim com a cabeça.

— Se nós pudermos chegar àquelas pedras perto do rio... Silenciosamente, eles passaram com dificuldade entre as árvores da altura de um homem na encosta. Através dos galhos, Torak vislumbrou renas trotando a céu aberto em direção à água. Elas corriam como o fazem as renas, com o focinho levantado e as pernas traseiras oblíquas, as ancas balançando de lado a lado.

Ao lado dele, Renn havia tirado a máscara para neve. Seus olhos brilhavam. Ele sabia que ela pensava em tutano, num quadril assado tão suculento que, quando você o mordia, o sangue brotava entre os dentes e escorria pelo queixo...

Pare com isso, Torak. Você não caçou nenhuma ainda.

Como ainda estavam no cio, os machos continuavam se virando de lado para bater galhadas, dispersando fêmeas e filhotes, quando corriam uns atrás dos outros. Os machos maiores tinham o pescoço dilatado e grandes crinas, que iam da garganta aos joelhos; alguns tinham farrapos sangrentos nas pontas das galhadas, onde o couro ainda não terminara de descascar. Torak avistou pedaços deles em galhos nas extremidades dos matagais de ambos os lados da brecha. As renas recuavam diante deles, do mesmo modo como o faziam com os homens de turfa, de braços abertos nas colinas e ribanceiras.

Quase, pensou Torak, como se estivessem arrebanhando a presa.

Ele notou que as renas não estavam tão gordas quanto deveriam. Após pastarem todo o verão, elas teriam de ter grossas saliências de gordura no lombo, mas essas não tinham. Torak viu uma fêmea jovem cair de lado e fazer uma

lastimável tentativa de se alimentar, escavando o gelo com os cascos dianteiros, antes de, exausta, seguir trotando adiante.

Finalmente, ele e Renn conseguiram chegar ao pé da encosta até um afloramento de pedras, na margem do rio, cercado por salgueiros dispersos. Torak viu as renas se acotovelarem para entrar na água. Viu úmidas línguas rosadas deslizarem sobre dentes amarelos. Sentiu cheiro de almíscar e ouviu o estalido de tendões quando cascos atingiam o solo congelado. Encaixou uma flecha em seu arco.

Renn empurrou para trás o capuz, fixou os olhos no seu alvo, e fez a mira.



Lobo mordeu com força e o macho com a perna quebrada saiu coxeando.

Num furor de fome, Lobo mergulhou os dentes em sua barriga e libertou uma inundação de deliciosas, escorregadias entranhas. Engoliu-as depressa, deixando apenas a bolsa que cheirava a musgo. Quando a barriga da rena macho estava vazia e a de Lobo quase cheia, ele passou para as ancas, arrancando nacos de carne quente, succulenta.

Os corvos pousaram e saltitaram em direção ao abate. Sem erguer o focinho, Lobo rosnou para afugentá-los. Eles ficaram à espreita, esperando sua vez.

A fome tinha desaparecido: Lobo não conseguia comer mais. Estava com sede. Seu focinho e seu pelo estavam pegajosos. Trotando ribanceira abaixo, ele abocanhou o Molhado, deixando o abate para os corvos.

Ao levantar a cabeça do Molhado, captou o cheiro de sem-rabos. Farejou.

Não os *seus* sem-rabos.

Outros.



Renn estava para disparar, quando sua presa tropeçou no raso e caiu com uma lança tremendo em suas costelas.

Uma *lança*.

Torak encontrou o olhar alarmado dela e abaixou seu arco. De onde tinha vindo aquilo?

A lança derrubara a rena tão habilmente que as outras passaram patinando por ela, indiferentes. Acocorados entre os salgueiros, Torak e Renn observavam a margem abaixo. A lança tinha vindo do rio...

Ali. No meio do rio, na parte mais compacta da manada: uma canoa escondida. Torak viu uma cabeça de rena de madeira na frente, um grosso rabo na parte de trás.

A embarcação assentava-se bem baixo na água, tripulada por caçadores que ele mal conseguia ver. Distinguiu quatro, astutamente disfarçados: galhadas presas à cabeça, rostos pintados de marrom-escuro, com partes de branco em volta dos olhos e da boca, como renas. Avistou outra canoa rio abaixo. Renn apontou para mais duas, rio acima.

Torak olhou para os trapos de couro de galhada adejando nas extremidades do mato; para os homens de turfa com os braços abertos. Eles estavam ali para arrebanhar as renas em direção ao rio, onde os caçadores estavam à espera, prontos para abatê-las, enquanto nadavam e menos chances tinham de escapar.

Renn também percebera isso.

— Agora é que foi — cochichou. — Viemos parar no meio da caçada de mais alguém!

Torak viu um dos caçadores em uma das canoas mirar numa rena branca na água. Assim que recuou sua lança, um corvo mergulhou do nada.

— Oh, não — murmurou Renn.

Rip tinha comido bem e estava disposto a brincadeiras. Voando baixo, ele latia como um cão. O surpreso caçador jogou sua arma, mas errou as costelas da presa, acertando, em vez disso, o traseiro. A rena branca arrastou-se para fora do rio e saiu galopando, arrastando a lança.

Num instante, a manada farejou a dor de sua irmã ferida e entrou em pânico. Torak viu olhos orlados de branco e narinas rutilantes. O pânico se tornou um estouro de manada. As renas recuaram, subindo umas nas outras na água agitada. As canoas balançaram loucamente, Torak viu caçadores se equilibrando. Mas se esqueceu deles, quando galhos estalaram atrás dele e renas surgiram ruidosamente através do mato na direção deles.

— Suba nas pedras! — gritou Renn.

Correram dos salgueiros e Torak deu-lhe um impulso para que Renn subisse na pedra mais próxima, depois pulou para cima desta. A manada estrondeou em volta deles, uma torrente de galhadas e cascos e poderosos corpos esmagadores. Renn não estava alta o bastante, e a ponta da galhada de um macho que recuava enganchou em seu cabelo. Ela gritou, pelejando com uma das mãos para se soltar. Torak sacou rapidamente a faca e cortou o cabelo dela, soltando-a. O macho aterrorizado sacudiu a cabeça e agitou as patas, atingindo-o no ombro. Ele caiu, rolou de lado, quando um casco atingiu o solo perto de seu rosto. Renn esticou-se e agarrou seu braço. A rena saiu tropeçando ribanceira abaixo.

— Você está bem? — gritou Renn mais forte do que a barulheira.

— Estou! E você? — berrou Torak.

Desanimada, ela fez que sim. Mas a parte de trás de seu couro cabeludo sangrava, onde um cacho de seu cabelo fora cortado pela raiz.

De repente, tudo acabou. As últimas renas trotaram ribanceira abaixo. O ruído de cascos enfraqueceu. A manada sumiu.

Renn escorregou da pedra, segurando a cabeça. Torak saltou ao lado dela.

Abaixo deles, os caçadores patinhavam no raso, arrastando suas canoas. Alguns já corriam para o mato, estocando suas lanças, como se procurassem quem havia estragado sua caçada. Torak viu olhares zangados nos rostos pintados, ouviu vozes zunindo como vespas irritadas. Eles tinham razão de estar zangados. Uma rena abatida e outra ferida — o que significava que teriam de segui-la, talvez por dias, para liquidá-la. Não fora uma boa caçada para um clã tão grande.

Renn puxou-o para trás das pedras.

— Temos de dar o fora, antes que nos vejam — ciciou.

— Mas eles são a única chance de encontrarmos a Montanha.

— É, mas no momento eles estão furiosos, e não estarão dispostos a nos dar informações!

O caçador que fora vítima da brincadeira de Rip era o mais irritado.

— Vocês viram? — bradou. — Um demônio em forma de corvo! Estragou minha mira e depois sumiu no ar!

Torak estava para chamá-lo, mas Renn colocou a mão sobre sua boca.

— Você está maluco? — sussurrou ela.

Torak examinou os caçadores. Em seguida tirou a mão de Renn de sua boca, ficou de pé e saiu de trás da pedra.

DEZOITO



Renn viu um homem grande se virar e estreitar os olhos.

— Krukoslik! — gritou Torak, arrancando sua máscara para neve e correndo pela margem.

O rosto pintado se abriu num sorriso.

— *Torak!* — Com largas passadas adiante, o Líder do Clã da Lebre da Montanha colocou ambos os pulsos sobre o peito, em sinal de amizade.

— Como você ficou alto! Aquela ali é Renn? Desça, desça! Envergonhada por não tê-lo reconhecido, Renn fez o que ele mandou, e todos se juntaram em volta. A maioria era Lebre da Montanha, mas Renn viu também alguns colares de casca de sorveira e penas de cisnes presas a capuzes. Todos tinham rostos largos e sorrisos cordiais. A irritação parecia ter se dissipado como a neblina.

Torak tentou se desculpar por estragar a caçada, mas Krukoslik descartou suas desculpas com um gesto de mão.

— Há outro local de travessia, no rio seguinte, com mais caçadores à espera. Venham! Vocês parecem famintos.

Alguém já havia despertado uma fogueira. Krukoslik agradeceu à rena abatida pelo seu corpo, e desejou ao seu espírito uma viagem segura até a Montanha. Então três homens rapidamente a esfolaram. Após esvaziarem os estômagos, lavaram e enxaguaram um deles e nele despejaram o sangue, empilharam o conteúdo das estranhas e estômago sobre a pele e esquartejaram a carcaça. Nada foi desperdiçado, e a neve mal ficou avermelhada.

O habilidoso trabalho deles fez com que Renn se lembrasse de Fin-Kedinn, e ela sentiu uma pontada de saudade de casa. Ela também estava abalada pelo contato com a rena, e seu couro cabeludo latejava. Uma mulher Sorva viu-a tocando nele e, silenciosamente, ajudou-a a amarrar um cataplasma de azeda.

Krukoslik entregou canecas a Renn e Torak e mandou que bebessem. O sangue ficava cada vez mais viscoso à medida que esfriava, e Renn tossiu ao enfiá-lo goela abaixo, mas a força da rena rapidamente se tornou sua, e ela se sentiu um pouco mais firme.

Chelko, o filho de Krukoslik — o jovem caçador que havia errado o lançamento —, passou-lhes nacos de fígado cru: quente e incrivelmente delicioso. Agora Renn se sentia *muito* melhor. Murmurou um obrigada atrasado a seu guardião, coisa que esquecera de fazer antes.

Krukoslik sentou-se com eles, mas nada comeu. Esfregou fora a pintura, revelando um rosto redondo que parecia permanentemente afogueado, como se por uma boa fogueira. Como o resto de seu clã, ele usava uma túnica de pele de rena na altura da panturrilha, amarrada na cintura por um largo cinto encarnado. O cabelo castanho era cortado curto na altura da testa para revelar sua tatuagem de clã em zigue-zague, e sua capa de pelo de lebre também era tingida de vermelho, embora tivesse sido virada do avesso para a caçada.

Os olhos eram perspicazes, porém bondosos. Quando Renn, sem saber, desprezou o costume do clã dele, ao se virar de costas para a fogueira, Krukoslik delicadamente a corrigiu.

— Nós não fazemos isso, o fogo não gosta.

Ele, porém, era também Líder de Clã, acostumado a fazer as coisas a seu modo. Quando Torak perguntou pela Montanha de Fantasma, ele o deteve.

— Este aqui não é o lugar para isso. Você irá ao nosso acampamento, enquanto Chelko vai atrás da rena ferida. Depois conversaremos sobre coisas sagradas.

Torak concordou com a cabeça e se virou para Chelko.

— Sinto muito pelo corvo ter te assustado. Devo lhe dizer que ele é... uma espécie de amigo nosso.

Chelko pestanejou.

— Amigo de vocês?

— Ele não quis fazer mal — disse Renn. — É jovem, gosta de brincadeiras.

Chelko coçou o queixo e sorriu.

— E eu pensei que era um demônio.

— Portanto, a culpa foi realmente nossa — disse Torak — pela sua caçada ter sido estragada. É melhor eu ajudar você a ir atrás da rena ferida.

Chelko pareceu contente.

— Ótimo — observou Krukoslik. — Isso é bom.

— Irei com vocês — anunciou Renn.

Mas, para sua surpresa, Torak sacudiu a cabeça.

— Você ainda está abalada, deve ir com Krukoslik.

— Eu estou bem — protestou ela.

— Vejo você no acampamento — disse Torak.

Os pequenos olhos de Krukoslik dardejaram de um para o outro.

— Ótimo — repetiu. — Torak vai com Chelko, Renn vem comigo. Quando estivermos juntos novamente, e todos tiverem comido, vocês poderão me contar por que vieram.



Renn não estava nada ansiosa pela longa caminhada até o acampamento, mas não precisava ter se preocupado. Os caçadores tinham mantido distante das renas seus trenós puxados por cães, mas bastou um assovio e eles chegaram, guiados pelas crianças às quais tinham sido confiados.

Os trenós eram feitos de galhadas amarradas com varas de salgueiro, e os deslizadores, cobertos com lama congelada, corriam com suavidade. Eram menores do que aqueles do Distante Norte, com espaço para apenas uma pessoa sentada e condutor de pé, na parte de trás. Primeiro, Krukoslik apresentou Renn a cada um de seus cães. Claramente, ele achava que os animais mereciam a mesma cortesia dirigida às pessoas, o que fez com que ela gostasse ainda mais dele.

Partiram em direção ao norte, chocalhando por cima do chão congelado. Krukoslik não usava chicote; gritava as ordens para seu cão líder, que fazia o resto. Enquanto conduzia, ele pediu a Renn que lhe contasse as novidades sobre a Floresta. Franziu a testa e tocou na pele de sua criatura de clã, quando ela falou sobre as mariposas e a doença da sombra, e ficou preocupado por Fin-Kedinn ter saído sozinho, mas pareceu contente por Lobo ter vindo com os dois, embora pedisse a Renn que não falasse alto seu nome.

— Nós, que vivemos no olho da Montanha, tomamos cuidado com nomes. A espécie do cinzento, que é seu irmão de alcateia, nós chamamos de caçador de fantasmas, porque eles atacam à espreita com muita habilidade. E também não pronunciamos alto o nome de nossas presas, pois elas têm ouvidos aguçados e podem escutar os nossos planos de caçada. Nós a chamamos de aquelas com galhadas.

Seu rosto se franziu de preocupação.

— Foi bom vocês terem trazido o caçador de fantasmas. Por três luas, nenhum de sua espécie foi visto ou ouvido nas colinas, exceto por um morto, que alguns caçadores Sorva encontraram no oeste. Colocaram comida em seu focinho, para alimentar suas almas, e depois o deixaram em paz. Receamos que outros tenham fugido por causa... — ele baixou a voz — por causa da maligna.

Renn olhou por cima do ombro. Os picos denteados, de repente, estavam muito mais perto.

Krukoslik não voltou a falar, e prosseguiram em silêncio.

As sombras ficavam com um tom mais escuro de violeta, quando se aproximaram do acampamento. A distância, parecia minúsculo, aninhado junto a um lago cinzento na imensidão das colinas. Ao chegarem mais perto, Renn avistou muitos abrigos perfurados por luz dourada: a imensa tenda de pele dos Lebres da Montanha, as cúpulas de turfa dos Sorvas e compridos montes cobertos com neve, que Krukoslik disse serem dos Cisnes.

— Estes são tempos terríveis — disse ele. — Os clãs da Montanha precisam se manter unidos. É a nossa única chance.

Os cães latiram quando os trenós diminuíram para parar, e hastes douradas lancearam a neve quando caçadores emergiram do abrigo para saudá-los. Krukoslik entregou a Renn uma lâmina de osso para ela raspar a neve de suas roupas. Dura de frio, ela o seguiu para o interior.

Foi saudada por uma rajada de calor e um maravilhoso cheiro fumegante de comida quente e de gente. Uma enorme fogueira de turfa ardia no meio de um anel de pedras. Em volta dela, sobre peles de rena jogadas em cima de camadas de flexíveis varas de Vidoeiro, homens e mulheres estavam sentados cerzindo ou afiando pontas de lanças. Vapores flutuavam acima de peles de cozinhar. A fome de Renn voltou rapidamente.

Após tirar as roupas externas e as pendurar para secar em uma viga mestra, Renn seguiu Krukoslik em volta da fogueira, com todo o cuidado para não ficar de costas para ela. Os que passavam a cumprimentavam com cautelosa cordialidade, mas ela se sentia o alvo das atenções e desejava que Torak estivesse ali.

Krukoslik instalou-se em uma das extremidades do abrigo.

— Mais próximo da Montanha — disse, quando Renn se sentou a seu lado. Ele agradeceu ao fogo e àquelas com galhadas pela comida, e os demais fizeram o mesmo, enquanto Renn murmurava uma prece ao seu guardião. Em seguida começou a comilança.

Uma mulher entregou uma tigela a Renn e explicou que o ensopado era principalmente gordura: tutano e gordura de lombo triturados, língua e as entranhas mais gordas.

— A carne é boa — disse a mulher —, mas, quando se vive nas colinas, a gordura é melhor.

Renn achou o ensopado fortificante, mas a gordura ficou grudada no céu da boca, e ela teve de removê-la com chá quente. Depois disso, vieram bucho de rena recheado com líquen mascado — isto ela recusou educadamente — e travessas de costelas e borrachudas orelhas assadas. As crianças pequenas receberam tigelas com geleia de pata de rena, e uma mãe deu ao seu bebê, a quem começavam a nascer os dentes, uma barra de tutano congelado para ele roer. Os idosos ganharam os olhos

das renas, e tiraram, com mordiscadas, a gordura deles, antes de os enfiarem na boca e mastigá-los inteiros.

Krukoslik desculpou-se por não haver bagas.

— Por causa do gelo — explicou. Foi a única vez que mencionou.

Quando Renn estava cheia, se aconchegou e ficou ouvindo o barulho do fogo e o murmúrio de vozes. Estava exausta — ainda podia sentir o movimento do trenó sacudindo sobre o gelo —, mas, pela primeira vez em dias, sentia-se segura. Lá fora, as colinas estavam sob o domínio de Eostra. Ali dentro, era quase possível esquecer.

Sonolenta, ela ouviu o rangido das estacas das tendas e a neve sendo soprada contra o abrigo. Na semiescuridão esfumaçada, ela observou os bebês nus treparem sobre os mais velhos, que os afastavam da fogueira, sem erguer os olhos de seu trabalho. Os clãs da Montanha viviam com mais incerteza do que a maioria; talvez por isso sentiam tanto prazer nas coisas boas.

No entanto, Renn percebia as privações que suportavam. A alguns faltava um olho, por causa de contatos com galhadas. Outros tinham perdido dedos para a ulceração pelo frio. Krukoslik dissera que seu povo só dava nome às suas crianças depois que elas atingiam seu oitavo verão, para o caso de caírem doentes e terem de ser abandonadas para morrer.

Com isso no pensamento, Renn adormeceu.

Acordou ao ouvir gritos e risadas. Torak e Chelko tinham retornado.

Chelko parecia radiante, ao contar a todos como Torak havia chamado o caçador de fantasmas, que os ajudara a localizar a rena ferida.

— Eu a matei com um único disparo de lança. Depois, uns Sorvas apareceram com seus trenós e nos ajudaram.

O clã olhou para Torak com cauteloso respeito, e uma mulher levou a cabeça da rena para fora, como um presente para Lobo.

Torak avistou Renn e foi se sentar a seu lado, levando consigo o limpo, frio cheiro da noite. Ao engolir uma tigela de ensopado, ele lhe perguntou se estava bem.

— Claro que estou — respondeu ela asperamente.

Ele se protegeu de um soco imaginário.

Em volta deles, a conversa declinou para um murmúrio, e as crianças se agasalharam em seus sacos de dormir. Os Magos dos três clãs entraram e começaram a circular, entoando encantos.

— Para nos mantermos seguros — murmurou um deles para Renn. Ela usava um colar de penas brancas, e sua tatuagem de clã era um anel com treze pontos vermelhos na testa, representando as treze luas de cada ciclo. Seus olhos eram pálidos, como se tivessem sido descorados por fixar grandes distâncias, e, com um

fêmur de cisne, soprou sangue nas paredes, bafejando vida nas imagens dos guardiães. Uma lebre sentou-se sobre as patas traseiras e olhou em volta atrás de perigo. Um cisne planou com amplas asas. Uma árvore abriu os braços protetores. Houve, também, espirais, e renas e criaturas em forma de bisão com chifres curvados para baixo.

Renn arrepiou-se. A Maga Cisne lhe havia lembrado que apenas a espessura da pele de uma rena permanecia entre eles e as trevas.

Torak estava sentado com os braços em volta dos joelhos, observando faíscas saltarem para o buraco para fumaça.

De repente, Renn sentiu a distância entre eles por causa de coisas não ditas. Ela sabia que ele guardava segredos dela. Quando ele esvaziara sua bolsa de remédios, durante a tempestade de gelo, ela vira um pedaço da raiz-preta que o fazia agir como espírito que anda. Ele devia tê-la conseguido com Saeunn. E não lhe contara.

Isso, porém, era diminuto em comparação ao que ela não tinha contado a ele.

— Renn — disse ele baixinho. — Lembra-se dos seus sonhos?

— O quê? — disse ela, assustada.

— Os seus sonhos. Quando acorda. Consegue se lembrar deles?

— A maioria. Por quê?

— Desde que deixamos a Floresta, eu não consigo. É tudo apenas negro. O que isso significa?

Ela engoliu em seco. Diga-lhe, diga-lhe.

Naquele momento, um estranho gemido estrondoso ecoou na noite.

Krukoslik viu o sobressalto dos dois.

— É o lago. Está congelando. Chora para a Montanha, que mande mais neve para mantê-lo aquecido. Nós também precisamos disso.

Um fim para esse maldito gelo que faz aquelas com galhadas passarem fome.

A luz da fogueira saltou para os olhos de Torak.

— A Montanha — disse ele. — Está na hora de você nos contar o que sabe.

DEZENOVE



Krukoslik colocou mais turfa na fogueira, libertando um penetrante cheiro acre de terra.

Renn olhou dele para Torak. Na penumbra avermelhada, seus rostos estavam cobertos de sombras e pareciam desconhecidos.

— Nós, que vivemos na beirada do mundo — disse Krukoslik —, chamamos de sagradas duas montanhas. A Montanha do Norte, que é o lar do Espírito do Mundo, e a Montanha do Sul: a Montanha de Fantasma. Mas, não importa quanto mais longe da Montanha de Fantasma a gente cace, ela é mãe e pai para nós. Ela faz os rios e a neve. É ela quem sustenta o céu. Envia o sol, o condutor de toda vida. Leva os espíritos daquelas com galhadas e lhes dá novos corpos. E abriga nossos fantasmas, as almas dos mortos que perderam seu caminho.

Renn falou suavemente:

— A Noite das Almas. O que acontece na Noite das Almas?

— Noite das Almas? — Torak Virou-se para ela. — Você acha que é isso que ela está esperando?

Renn fez um sinal para que ele se calasse.

— Na Noite das Almas — disse Krukoslik a Montanha abre mão de seus mortos. Quando o vento uiva, nós os ouvimos: os cascos estrondosos dos espíritos daquelas com galhadas, e os gritos solitários dos fantasmas famintos. — O rosto dele suavizou. — Nós os consolamos. Colocamos pilhas de líquens para os espíritos daquelas com galhadas, e para os nossos fantasmas construímos um abrigo. Nós o enchemos com roupas grossas, suas comidas favoritas, brinquedos para os mais jovens. E uma fogueira para banir a escuridão.

Ele sorriu.

— Ah, é uma excelente ocasião! Durante um dia e uma noite, nós lhes fazemos companhia, cantando canções, contando histórias. Então acaba, como é preciso, e nos afastamos deles. Muitos encontram seu caminho para a paz — apontou para o buraco para fumaça — e se juntam aos seus ancestrais, caçando as grandes manadas que viajam pelo céu. Outros não encontram e voltam para a Montanha. Mas, no ano seguinte, tentarão novamente, e nós os ajudaremos. Nós nunca os decepcionamos.

Torak expressou o que Renn estava pensando.

— Mas este inverno...

O rosto de Krukoslik se entristeceu. Estendeu a mão e tocou num dos guardiões pintados.

— Começou depois da última primavera. Perdemos crianças. Elas sumiram sem deixar vestígios. Trenós puxados a cães desapareceram. Seus destroços surgiram bem longe. Depois vieram as mariposas e a doença da sombra. Sim, Renn, também tivemos isso. Agora o gelo faz aquelas com galhadas passarem fome. E faz menos de uma lua atrás que os nossos Magos começaram a suspeitar de onde a maligna fizera seu covil.

— Mas o que ela *quer*? — perguntou Renn. — O que acontecerá na Noite das Almas?

— Ninguém sabe — respondeu Krukoslik. — Gritos terríveis têm sido ouvidos nos espigões. Pequenos demônios com olhos de coruja têm sido vistos adejando entre as pedras. Nossos Magos têm visões: o terror cinzento roendo as entranhas da Montanha. — Engoliu em seco. — Receamos que ela a tome para si. Esse... esse sempre foi o seu jeito.

— Você a *conheceu*? — surpreendeu-se Torak.

— Até mesmo a maligna já foi jovem. Quando eu era menino, ainda viviam alguns do Clã do Bufo-Real. Boa gente, nós costumávamos vê-los nos encontros de clãs. Eostra era diferente. Ávida pelos segredos dos mortos. — Olhou em volta. Os Magos tinham ido para outro abrigo; os demais dormiam. — Dizem que — prosseguiu —, quando se tornou Maga, ela executou o rito proibido.

Renn arfou.

— Ela fez aquilo?

— O quê? — perguntou Torak. — Ela fez o quê?

Krukoslik inclinou-se para a frente.

— Um membro do clã dela foi morto numa queda de barreira: um menino com dez verões. Dizem que, nessa Noite das Almas, na escuridão da lua, ela foi ao túmulo onde estava o corpo. Para erguer o morto...

Renn colocou a mão nas penas de sua criatura de clã. Fechou os olhos. Viu uma colina assolada pelo vento, uma mulher alta com longo cabelo negro parada diante de um monte de pedras que servia de marco para um túmulo.

As pedras se erguem. O túmulo se abre. Eostra arregaça a manga e passa a faca pelo antebraço, ungindo com seu sangue a carne sem vida. O menino morto se senta. Sua cabeça se vira. Os olhos anuviados encontram os dela. De sua boca, surgem bolhas de espuma de decomposição. Como uma amante, Eostra inclina-se. O longo cabelo acaricia o rosto dele, enquanto ela leva sua cabeça para perto, mais perto — e lambe a espuma de cadáver dos lábios deteriorados...

Com um tranco, Renn abriu os olhos. A mão de Torak estava em seu ombro.

— Renn — sussurrou ele.

Ela limpou a boca com as costas da mão.

Com o olhar carregado, Krukoslik fitava a fogueira.

— Ela conseguiu o que queria — disse ele. — Desde então, conseguiu falar com eles. Pouco depois, a doença tomou conta de seu clã. E Eostra desapareceu.

— E se juntou aos Devoradores de Almas — disse Torak.

— Ela se *tornou* uma Devoradora de Almas — corrigiu Krukoslik, com peculiar intensidade. — É isso que você precisa entender, Torak. As pessoas dizem que os Devoradores de Almas adotaram esse nome meramente para amedrontar, mas, no caso de Eostra, é verdade.

— Como assim? — indagou Renn.

— O Clã do Cisne frequenta os desfiladeiros. Às vezes, eles se aventuram perto da Garganta do Povo Oculto. Eles a viram. Dizem que caminha com uma lança de três dentes para apanhar almas. Dizem que, se ouvir o grito dela, você está perdido.

Perdido... Os dedos de Renn apertaram as penas de sua criatura de clã.

— Esse grito — disse Krukoslik — arranca a alma da medula da pessoa. Com essa lança, ela as apanha. E as *devora*. Eostra é verdadeiramente uma devoradora de almas.

Torak pousou as mãos sobre os joelhos.

— Mas eu preciso encontrá-la — afirmou.

Renn lançou-lhe um olhar.

— Você disse "eu". E não "nós".

Ele não respondeu.

Krukoslik balançava a cabeça.

— Dizem que esse é o seu destino, Torak. Mas, depois do que eu lhe contei...

— Krukoslik. Três invernos atrás, na época do urso, você me ajudou a encontrar uma Montanha. Você me ajudará agora?

— Não é pouca coisa o que você pede — disse Krukoslik. — Os nossos Magos costumavam ir à Montanha, mas não o fazem mais. Só há um modo de alcançá-la, e isso é segredo.

— Você tem de me contar.

Os dois se encararam, enquanto o vento gemia e o lago gritava para a Montanha.

Krukoslik endireitou-se. Novamente, era o Líder de Clã que devia ser obedecido.

— Vamos dormir agora. Eu lhe darei a minha resposta pela manhã.



Renn acordou com um silêncio tão estranho que fez sua pele se arrepiar.

A fogueira queimava, mas não produzia som. As paredes do abrigo sacudiam, mas ela não conseguia ouvi-las, nem o gemido do vento. Torak virou a cabeça e murmurou em seu sono. Seus lábios se mexiam, silenciosos.

Lentamente, Renn sentou-se.

Na extremidade mais distante do abrigo, no escuro do vão da porta, havia alguém parado.

O coração de Renn começou a martelar.

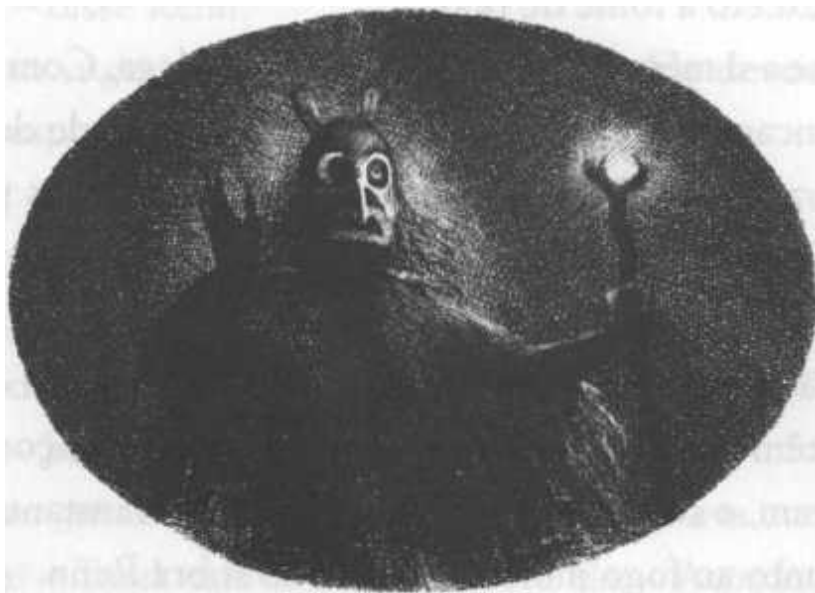
A figura era alta. Suas costas estavam viradas para ela. Renn viu cabelo cor cinza pendendo em anéis finos e compridos. Da cabeça obscura erguiam-se as orelhas eriçadas de um bufo-real.

Ela queria acordar Torak, mas não conseguia se mexer. Suas mãos pousavam no colo como pedras.

A figura na porta *não* devia se virar. Se virasse — se a encarasse —, seu coração pararia.

Lentamente, a figura se virou.

VINTE



Eostra, a Mascarada, a quem até mesmo os outros Devoradores de Almas haviam temido. Sua boca entalhada se abria na escuridão. Seu olhar que não piscava congelou de medo as almas de Renn.

Uma friagem intensa instalou-se no abrigo. A fogueira foi reduzida a cinzas. O gelo recobriu as peles de rena e o rosto dos adormecidos. A respiração de Renn fumegava.

Perto dela, Torak dormia com um braço jogado sobre a cabeça. Partículas de gelo pregavam suas pestanas e reluziam sobre sua pele. Seus lábios estavam brancos.

Renn pronunciou seu nome. Ele não se mexeu. Ela o gritou bem alto. Apenas um pequeno bocado de bafo gelado revelava que ele continuava vivo.

— Eles não ouvem nada — disse uma voz igual ao chocalhar de ossos. — Eles não sabem de nada. Eostra quer assim.

— Você não é real — disse Renn.

— O que Eostra deseja assim será. Eostra manda nos mortos inquietos. Eostra governa Montanha e Floresta, Gelo e Mar. — Sua voz era livre de emoção. A Maga Bufo-Real estava morta para qualquer sentimento, exceto a fome de poder.

Renn disse a si mesma que ela, também, era Maga. Começou a pronunciar um encanto de envio, para banir aquela maldade do abrigo.

A Mascarada nem se mexeu, mas Renn sentiu dedos gelados em sua garganta, sufocando o encanto.

— Ninguém é capaz de impedir Eostra.

— Você não é real! — ofegou Renn. — Não tenho medo de você!

— Todos têm medo de Eostra. — Lentamente, os braços emplumados se ergueram, e suas sombras alçaram voo. Num instante, a Mascarada estava junto ao

fogo morto, assomando sobre Renn.

Torak se encontrava entre elas. Renn viu o manto impuro se concentrar perto dele. Viu sua pulsação latejar na garganta. Exposto. Vulnerável.

— Você não consegue tê-lo — disse ela.

A terrível máscara inclinou-se na direção dela, insuportavelmente perto. Cabelos cinzentos deslizaram pelo seu rosto. Ela sentiu o fedor da podridão.

— O *espírito errante* — disse Eostra — *já está perdido!*

Renn encarou o impiedoso olhar pintado. O horror apertou suas garras. A esperança fugiu.

Com um grito, ela desviou o olhar. Renn viu a mão da Devoradora de Almas se fechar na cabeça de uma maçã. Sua carne possuía a granulosa densidade do granito; suas unhas eram tingidas de azul, como as de um cadáver. Entre os dedos derramava-se um brilho abrasador. A opala de fogo.

— A hora dele se aproxima — disse a Mascarada.

O terror fisgou o coração de Renn e o sacudiu como um peixe.

— Você não pode ter certeza disso.

— Eostra sabe de tudo. Ele não conseguirá escapar. — Um braço emplumado estendeu-se e ela remexeu os restos da fogueira. Abriu suas garras. Cinzas tão finas quanto ossos esmigalhados chiaram abaixo na direção do rosto desprotegido de Torak: enchendo sua boca, cobrindo seus olhos.

— Não — disse Renn.

— Eostra sugará o poder de sua medula. Ela devorará sua alma— mundo e cuspirá os restos na noite sem fim.

— Não!

— De hospedeiro a hospedeiro, suas almas ficarão como espíritos errantes por todas as eras. Eostra conquistará a morte. Todos se curvarão diante da imortal. *Eostra viverá para sempre!*

— *Não!* — berrou Renn. — *Não, não, não, não, não!*

Homens gritaram. Cães latiram. O abrigo estava um alvoroço.

— Renn! — Torak estava curvado sobre ela. — Acorde!

Ela continuava gritando.

— Não! Você não conseguirá tê-lo!

Da beirada do buraco para fumaça, o bufo-real olhou abaixo para ela. Em seguida abriu as asas e ergueu-se para a escuridão.



— Foi uma visão? — indagou Torak. — Renn? Foi uma de suas visões?

— Ela era real.

— Mas ela não estava aqui, no abrigo.

— Estava.

Sentaram-se com as costas apoiadas na pilha de turfa: Renn abraçando com força os joelhos, Torak com um dos braços em volta de seus ombros. Krukoslik tinha ido ao abrigo do Clã do Cisne para falar com o Líder deles. A maioria dos homens estava do lado de fora, acalmando os cães. Do outro lado da fogueira, mulheres confortavam crianças e lançavam olhares temerosos para Renn.

Ela parara de tremer, mas se sentia esgotada, como sempre acontecia após uma visão. Essa fora a mais forte e a pior de todas. Insensivelmente, ela fitava as brasas ardentes. Nenhum vestígio das cinzas com as quais Eostra pulverizara sobre Torak como um ritual de morte.

— Diga-me o que viu — pediu ele numa voz tão baixa que ninguém mais conseguiu ouvir.

Com indecisão, ela lhe contou: sobre Eostra planejar dominar os mortos inquietos, e se tornar o espírito errante.

— Ela pretende comer sua alma-mundo. É nela onde estão os seus poderes. Vai comê-la e... e cuspir o resto. Então ela será o espírito errante. Vai se mudar de corpo para corpo. E viverá para sempre.

— E eu morrerei.

Ela se virou para ele.

— Não. É pior do que isso. Você não morrerá. Ficaré perdido.

— Perdido? O que é isso?

Ela prendeu a respiração.

— É quando você perde a alma-mundo. Continua sendo você... alma-nome e alma-clã... mas tem rompida sua ligação com o resto do mundo. Você fica à deriva na escuridão além das estrelas, na noite que não tem fim. Eternamente sozinho.

No fogo, a trufa fumegou e expeliu faíscas.

Torak recolheu o braço e inclinou-se para a frente, de modo que ela não visse seu rosto.

— Quando eu andei dormindo, me senti perdido no meio do nada. Você ficou abalada, quando lhe contei. Foi por isso, não é mesmo?

Ela fez que sim.

— Mas por que senti isso naquela ocasião?

— Não sei. Talvez ela estivesse experimentando um encanto. Não sei.

Ele afastou o cabelo do rosto e ela viu sua mão tremer.

— Isso pode acontecer com qualquer um? Ou eu corro um risco maior?

— Acho... que você corre um risco maior. Porque é o espírito errante. E... — hesitou. — Porque você quebrou seu juramento.

Ele esperou que ela prosseguisse.

— Quando prometeu vingar o rapaz do Clã da Foca, você jurou pela sua faca, seu chifre de remédios e suas três almas. Ao quebrar o juramento, é possível que tenha enfraquecido o elo entre eles.

Torak ficou em silêncio, observando o fogo.

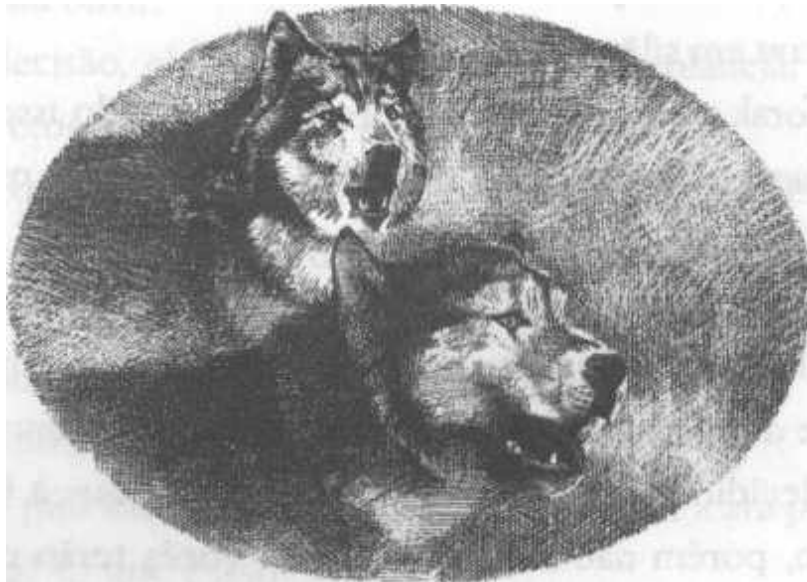
— Mas Torak — disse Renn ardentemente. — Tudo isso é apenas o que Eostra *quer*, e não como tem de ser! Não deixaremos que aconteça. Poderemos combater isso juntos!

Torak lançou-lhe um olhar que ela não conseguiu interpretar.

Então a luz do dia inundou o vão da porta, e Krukoslík surgiu batendo a neve de suas botas e deixando que a alvorada entrasse.

— Está decidido — disse ele. — Nós os levaremos à Garganta do Povo Oculto, porém não mais além disso. Vocês terão de encontrar sozinhos o caminho.

VINTE E UM



Torak não teve tempo de assimilar o que Renn lhe dissera. O acampamento entrou em ação, com gente arreando os cães e preparando os trenós.

Ele e Renn foram agarrados e vestidos com roupas "apropriadas à Montanha". Quando Torak foi para fora o céu estava nublado, e os picos estavam ocultos da vista. Mas ele os sentia como um aperto no peito.

Renn emergiu, parecendo desconfortável em suas roupas novas. Ambos usavam agora um gibão interno e perneiras de pele de mergulhão, a plumagem quente contra suas peles, e uma túnica, na altura da panturrilha, feita de maleável pele de rena, presa à cintura por um largo cinturão de couro de gamo; meias e mitenes internas do material leve e macio que os Cisnes disseram que era lã de boi-almiscarado; e longas botas feitas com a dura pele da testa de rena.

Tais roupas deviam ter levado dias para serem feitas. Quando Torak comentou isso, Renn deu-lhe um olhar estranho.

— Não percebe? Elas foram feitas para a Noite das Almas. Eles nos deram roupas para fantasmas.

Krukoslik foi até eles. Seu rosto estava sombrio — seu acampamento fora ameaçado por um Devorador de Almas — e ele não iria com os dois. Um grupo de Cisnes os levaria o mais distante que ousassem.

Krukoslik apresentou-os ao Líder deles, Juksakai, um homem frágil com desconcertantes olhos azuis e um permanente franzimento das sobrancelhas. Com uma sacudida de cabeça, ele indicou que Renn iria no trenó de seu filho, e Torak no dele. Torak agradeceu a ajuda, mas Juksakai apenas fechou a cara e balançou a cabeça.

Quando Torak entrou no trenó, Krukoslik disse:

— Gostaria que você mudasse de ideia.

— Você acha que vou fracassar — retrucou ele.

— Eu acho que você é corajoso. Mas insensato. Gente assim não sobrevive muito tempo nas Montanhas. Espero estar errado. — Tocando na pele de sua criatura de clã, ele recuou do trenó.

— Adeus, Torak. E que seu guardião ande com você.

Juksakai gritou uma ordem para seus cães, e eles partiram.

O dia todo chocalharam sobre o gelo, subindo primeiro nos espigões e depois nas próprias Montanhas, que permaneciam encobertas por nuvens. Por algum tempo, Rip e Rek seguiram ao lado de Torak, mas, em pouco tempo, sumiram novamente, como se tivessem sido convocados para longe dali. Torak não viu sinais de Lobo. Imaginou que seu irmão de alcateia tivesse captado o cheiro do bufo-real e saído em perseguição.

O vento era implacável. As nuvens baixas pesavam no ânimo de Torak. Ele pensava em ficar Perdido na escuridão além das estrelas.

— Eternamente vivo — dissera Renn. — Eternamente sozinho.

Acamparam numa depressão rochosa onde as Montanhas invisíveis assomavam sobre eles. Ali era o mais distante que os trenós conseguiriam ir. No dia seguinte, continuariam a pé.

Os Cisnes construíram abrigos apoiando os trenós uns nos outros e os envolvendo com peles lastreadas com pedras. Não havia árvores, mas fogueiras foram acordadas rapidamente. Torak quis saber de que modo, e Juksakai mostrou-lhe uma planta parecida com urze que queimava mesmo molhada. Também mostrou a Torak os rastros de cascos fendidos de boi-almiscarado, e amontoados de fina lã presos em arbustos.

— Cuidado. Eles são mais velozes do que o bisão e conseguem escalar encostas que você não consegue. E são a presa do Povo Oculto; nós apenas recolhemos a lã.

Os Cisnes eram bons em pesca no gelo, e um lago congelado rendia um monte de barbotos e trutas. Durante a refeição noturna, Juksakai relaxou um pouco. Contou a Torak e Renn como seu clã caçava nas Montanhas com fundas, e lhes mostrou sua pele de criatura de clã, uma pulseira pregueada de pele de cisne tingida de vermelho. Os Cisnes, ele disse, usavam com sobriedade sua criatura de clã: as crianças usavam as garras, os homens, a pele, e as mulheres, as penas; o Líder usava o bico.

Após comerem, ele insistiu para que Torak e Renn tomassem o que chamou de banho de vapor: sentados, com peles cobrindo a cabeça, pingando água em pedras quentes e respirando o vapor. Os Cisnes não participaram disso, mas observaram num desanimado silêncio.

Quando acabou, Torak perguntou a Juksakai por que seu clã os estava ajudando.

— Não estamos ajudando vocês — disse. — Estamos nos ajudando.

— Como assim? — perguntou Renn, constrangida.

O Líder Cisne olhou Torak atentamente.

— Vocês procuram a Devoradora de Almas na Montanha. Talvez, quando pegar vocês, ela mande um derretimento, e aquelas com galhadas poderão se alimentar.

Torak captou o significado do banho de vapor: um ritual de purificação. Ele deu um sorriso amarelo.

— Então eu sou um sacrifício.

Juksakai não respondeu.

Renn pareceu aflita.

Os cães estiveram intranquilos durante a noite, e Torak dormiu mal. Renn também parecia cansada; e ela não conseguia encarar Torak. Este sentiu a tensão entre eles. Percebeu, de imediato, que ela escondia algo dele. Ficou imaginando quando ela teria a coragem de lhe dizer.

Outro dia nublado, e as Montanhas continuavam escondidas. Os Cisnes os conduziram através de um desfiladeiro coberto de neve que seguia um impetuoso rio acima. O terreno se erguia de tal modo íngreme que Torak e Renn tiveram de usar as mãos para subir. Sem fôlego, foram ficando para trás.

Os Cisnes montaram acampamento perto do rio, na entrada de uma profunda ravina. Dois abrigos foram rapidamente construídos, esticando-se pelas paredes de pedra e turfa já existentes: os restos de abrigos de Magos, contou Juksakai.

Renn desabou sobre uma pedra e colocou a cabeça sobre os joelhos.

Torak inspirou fundo várias vezes, mas continuava se sentindo sem fôlego.

— O que há de errado com a gente? — ofegou.

— Estamos chegando perto do céu — explicou Juksakai. — Menos ar. Espíritos não precisam respirar. — De maneira nervosa, mexeu em sua pulseira.

— Isto é o mais distante que nós iremos. Amanhã, vocês estarão por conta própria.

Renn sentou-se direito.

— Então...

Juksakai confirmou com a cabeça.

— A Garganta do Povo Oculto.

Torak deu alguns passos na direção da ravina. Precipícios rochosos se erguiam atrás deles, pendendo sobre estranhos penhascos retorcidos como enormes criaturas olhando para baixo. Uma trilha rochosa serpeava para dentro, seguindo o rio. Nuvens infiltravam-se da Garganta, cobrindo a Montanha da vista — mas Torak

sentia seu bafo gelado. Ele viu os Cisnes murmurando preces; Renn tocando as penas da criatura de clã amarradas em volta de sua cintura.

Após uma silenciosa refeição noturna, Juksakai pegou um pedaço de peixe, fez uma reverência para o rio, e o jogou na água.

— Este rio é uma das veias da Montanha — explicou.

Torak perguntou seu nome, e Juksakai respondeu com firmeza que ele nunca era pronunciado em voz alta.

— Mas creio que, na Floresta, é chamado de Água Vermelha.

— O Água Vermelha? — Torak ficou surpreso.

— Você o conhece?

— Eu... sim. Foi perto do Água Vermelha que meu pai morreu.

Deixando Juksakai, ele desceu a ribanceira e olhou para a água espumante. Aquilo pareceu um presságio: o passado empurrado para o presente, como ossos velhos emergindo após um derretimento.

Um estranho lusco-fusco cobriu o acampamento. Quando Torak se virou a fim de ficar de frente para a Garganta, as nuvens se abriram — e, finalmente, lá estava ela, a Montanha de Fantasmas. Ainda distante, mas muito alta acima dele. Escorria neve de seu único, perfeito pico, que sustentava o céu. Seus flancos brancos pareciam iluminados por dentro pela sua própria luz sagrada.

Por três verões, Torak seguira sua missão contra os Devoradores de Almas por Mar e Gelo, Floresta e Lago — e ela o trouxera até ali. Num lampejo, deu-se conta de que, naquelas encostas distantes, encontraria seu destino. E, a favor dele, não haveria nada ali. Na Montanha, ele morreria.

Era isso que Renn escondia dele. Esse era o temor que estivera crescendo dentro dele.

O pânico tomou conta. Fuja. Que outro combata Eostra. Você nunca pediu isso. Mas e Pa?

O pensamento caiu em sua mente como um cascalho numa poça. De algum modo que ele ainda não conseguia sondar, o espírito de seu pai estava ligado àquilo: sua missão final contra o último dos Devoradores de Almas. Ele não podia dar as costas para Pa.

Enquanto estava ali, o pescoço esticado para a Montanha, uma grande solidão se abriu em seu interior. Ele precisava de Lobo.

Colocando as mãos nos lábios, uivou para seu irmão de alcateia.

Os ecos serpearam o interior da Garganta do Povo Oculto: cada vez mais e mais fracos, morrendo no silêncio.

Após algum tempo, alguma coisa uivou de volta.

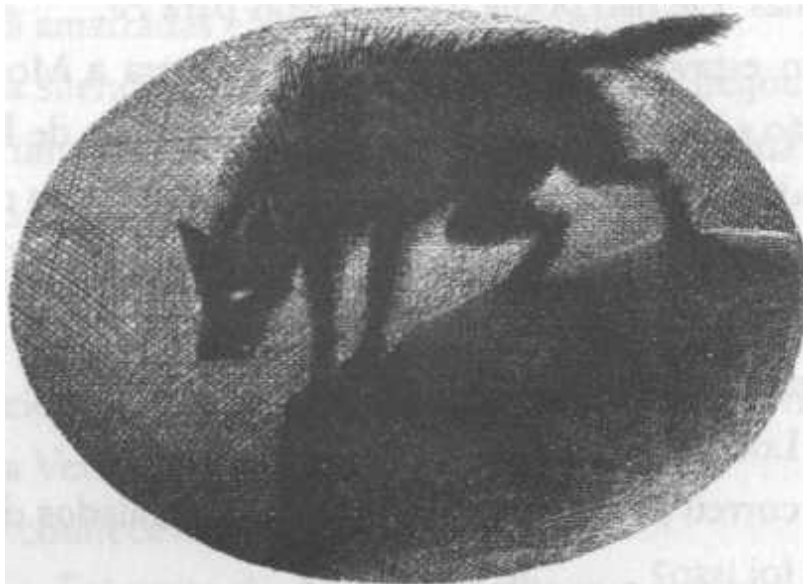
Não era Lobo.

Juksakai correu para ele, os olhos claros arregalados de medo.

— O que foi isso?

— Não sei — disse Torak. Ele vasculhou o acampamento que escurecia. — Juksakai — perguntou bruscamente —, onde está Renn?

VINTE E DOIS



O que foi isso, pensou Renn.

Não foi Lobo. Nem mesmo *um* lobo. Um cachorro? Nenhum cachorro soava daquele modo. Graças ao Espírito, isso veio de muito longe.

Apressadamente, ela puxou suas pernas para cima.

Estava escurecendo quando ela partira, mas agora mal conseguia enxergar as laterais da vala. A noite chega cedo na Lua de Abrunheiro. Ela deveria ter se lembrado disso.

Com um tremular de irritação, percebeu que ia na direção errada. Aquelas enormes placas de pedra oblíquas umas às outras: ela não as tinha visto antes.

Fechando a cara, refez suas passadas. Que estupidez, ter se afastado tanto do acampamento, ela só precisaria ter ido rio abaixo para ficar fora de vista. Os Cisnes a tinham alertado para marcar seu caminho, se saísse sozinha. "É fácil se perder nas Montanhas, especialmente para uma garota da Floresta." Ela achou que não seria necessário. Agora parecia que teria de admitir que eles estavam certos.

Não sentia medo. Não estava completamente escuro, e o acampamento devia estar perto. A questão era que Torak zombaria dela, e era melhor não lhe dar essa chance.

Ao correr para fora da vala, ela escorregou num pedaço de gelo preto e quase caiu. Renn decidiu lhe dar uma chance.

— Torak! — gritou.

Nenhuma resposta.

— Ora, vamos, Torak, não tem graça nenhuma! Preciso saber onde você está!

Nenhuma resposta. Somente o contínuo sibilar do vento. A meditativa vigilância das pedras.

Intranquila, Renn lembrou-se de que os Cisnes haviam montado acampamento perto do rio ruidoso. Torak não conseguiria ouvi-la.

E, como uma idiota, ela não dissera a ninguém aonde estava indo.
Outro uivo abalou o silêncio. Muito mais perto do que antes.
Os pelos de seu braço se eriçaram. Ela ouviu os ecos morrerem.
Um uivo em resposta, terminando em dois curtos latidos. Um sinal.
Ela correu, tropeçando em montes de pedras soltas na base do penhasco.
Aquele tinha de ser o caminho de volta.

Sem saída.

Cambaleando, ela voltou. Suas mitenes escorregaram das mãos e se agitaram nos cordões como pássaros presos. Sua respiração soava alta e em pânico.

A escuridão baixou. Ela parou para escutar.

Nada de uivos, nem concisos latidos sinalizadores. Aquilo era pior. O que quer que a estivesse caçando aproximava-se em silêncio, como o fazem os caçadores.

Correu para um paredão de pedra. Esticando o pescoço, viu o cintilar de estrelas. Sentiu o clarão vermelho do Grande Auroque. O horror a dominou. O que Eostra havia criado?

Uma queda de cascalhos.

Esforçando-se para enxergar na escuridão, ela distinguiu encostas íngremes em ambos os lados. Estava de volta à vala. À sua volta, formas sombrias mudavam de lugar e se juntavam.

No alto, algo se destacou do escuro. Renn sentiu, em vez de ver, a coisa erguer a cabeça e farejar o ar.

Ela correu, saltando sobre as pedras menores e se desviando das maiores. As pedras observavam sua corrida.

Seu pé se prendeu numa fenda e ela caiu, a dor explodindo no tornozelo. Não conseguia correr, não conseguia colocar peso sobre ele.

Atrás de si, ouviu estalidos de garras.

Esconda-se. É sua única chance.

Andou às apalpadelas, encontrou uma abertura e rastejou para dentro dela, arrastando o pé machucado. Engatinhou atrás de alguma coisa para bloquear o buraco. Não conseguiu encontrar nada maior do que o próprio punho.

Teria de deixar seu esconderijo. Não conseguiu. *Não conseguiu fazer isso.*

Cascalhos chocalharam quando a criatura correu pela vala.

Rastejando para fora, Renn tateou à procura de uma pedra. Encontrou uma, pesada demais para levantar, e meio que a rolou e meio que a arrastou na direção do esconderijo.

A criatura estava tão perto que ela ouvia seu bafo cortante.

Uma mitene pendurada pelo cordão prendeu-se debaixo da pedra. Soluçando aterrorizada, ela a soltou com um puxão, enfiou-se no buraco, puxou a pedra atrás de si, encaixou-a *bem apertada*, e se trancou.

Algo se chocou contra a pedra. O impacto transmitiu-se até ela. Renn se agarrou à pedra, sua única defesa. Sentiu uma abertura, onde a pedra não se encaixara. Três dedos de largura. Era como se fosse um desfiladeiro.

Do lado de fora, silêncio.

Escorria suor pela sua espinha.

Pela abertura, um bafo chamuscou seus dedos. Choramando, ela recuou as mãos até o máximo que ousava.

Um rosnado reverberou nas pedras. Renn fechou bem os olhos. O rosnado deu lugar a uma respiração ofegante.

Agora surgiu o arranhar de garras poderosas. A criatura cavava para tirá-la dali.

Ela sentiu seu fedor. Sentiu sua ilimitada fome para destruir. A coisa a arrancaria aos gritos do buraco. Afundaria suas presas e arrancaria sua garganta, enquanto ela se debatia, ainda viva.

Renn não conseguia respirar. Mas preferia sufocar do que enfrentar o que havia lá fora.

Ao empurrar o corpo ainda mais para o fundo do buraco, sua faca pressionou contra a coxa. Desajeitadamente, puxou-a da bainha. Quando a criatura viesse pegá-la, talvez ela conseguisse enfiar a lâmina em suas mandíbulas. Teria uma morte corajosa, embora não houvesse ninguém ali para vê-la.

Abruptamente, a escavação parou.

Renn abriu os olhos.

Ouviu um úmido estalar de mandíbulas, como se a criatura tivesse dado um tranco para trás com a cabeça. Depois o roçar de patas sobre pedra, recuando depressa.

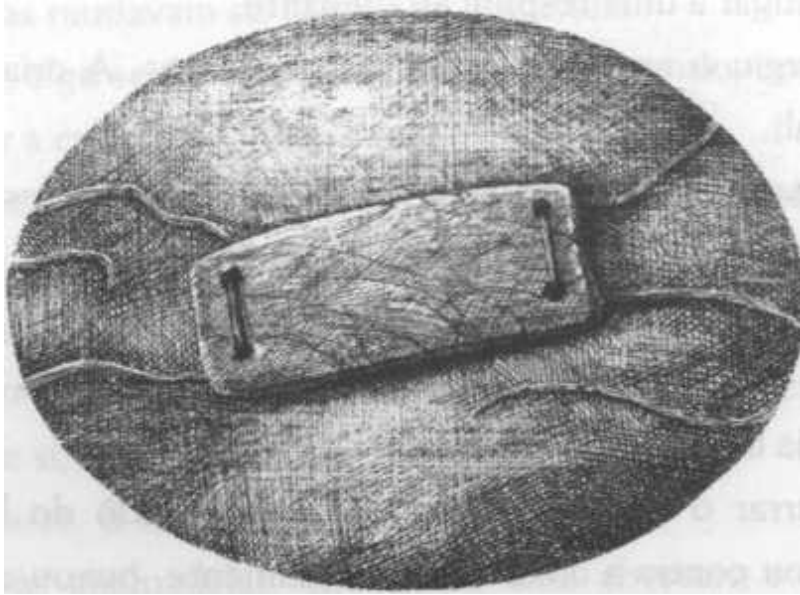
Estaria a coisa realmente indo embora?

Renn mordeu o lábio inferior. Fique aqui. É fingimento. Só pode ser.

Não era. A criatura tinha ido embora.

Renn ainda estava protegida em seu esconderijo, quando ouviu vozes, e Torak chamando seu nome.

VINTE E TRÊS



— Não sei dizer com certeza o que era — disse Renn, quando a ajudaram a ir para o abrigo mas acho que... — Contraiu— se, quando o pé machucado tocou no chão.

— Eu vi uma sombra como a de um cachorro enorme — disse Torak. — Depois ela sumiu. Como se alguém a tivesse chamado.

— Eu não ouvi ninguém chamando — observou Juksakai.

— E não ouviria mesmo — disse Torak. Ele descreveu o apito de osso de tetraz que, certa vez, ele fizera para chamar Lobo. — Não fazia qualquer ruído, mas Lobo conseguia ouvi-lo. Se o que atacou Renn é algo parecido com cachorro, então ele pode ouvir o que não podemos.

Renn sentou-se tremendo junto à fogueira. Os demais caçadores Cisnes ficaram observando. Juksakai disse-lhes que fossem para outro abrigo, e eles recolheram suas coisas, evitando os olhos dela. Talvez conseguissem farejar em Renn a criatura.

Quando restava apenas Juksakai, Torak ajudou Renn a tirar as botas e amavelmente arregaçou suas pernas. Ela tentou não tremer, mas a dor fez seus olhos lacrimejarem.

— Mas o que *era* aquilo? — repetiu Juksakai.

Torak não respondeu. Ele descobriu seu velho gibão da Floresta e passou a cortar uma tira para bandagem.

Renn disse:

— Eostra tem a opala de fogo. Ela cria os tokoroths. Não sei o que fez àquela coruja, ou àqueles cães... se aquilo é o que eles são... mas ela os tornou suas criaturas. Só parecem sentir vontade de destruir.

Juksakai parecia aterrorizado.

Renn **Virou-se para** Torak.

— Aqueles uivos. Você conseguiu entendê-los?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não era fala de lobo, nem de qualquer cão que eu conheça. Mas soava como se houvesse vários deles. Talvez toda uma matilha.

Renn encarou a fogueira. Ainda ouvia os rosnados, aquele bafo faminto, cortante. Eostra cultivara uma ninhada de assassinos. Tomara a Montanha para si.

Tremendo, Juksakai despejou água gelada numa tigela de couro cru, acrescentou casca seca de salgueiro e a amassou com um toco de galhada. Colocou a tigela ao lado de Renn.

— Deixe-me — disse Torak.

— Eu me arranho — murmurou ela. De sua bolsa de remédios, tirou fatias de cogumelo casco-de-cavalo e as colocou na tigela. Quando as tiras estavam encharcadas, ela trincou os dentes e colocou o gelado cataplasma sobre o tornozelo.

Podia sentir Torak observando-a. Ambos sabiam o que aquilo significava. Cinco luas antes, na Floresta Profunda, ela havia torcido o joelho. Passaram-se dois dias até que pudesse caminhar sem ajuda.

Estúpida, *estúpida!*, repreendeu-se com severidade. Em voz alta, pediu a Torak que lhe passasse a bandagem, em seguida envolveu firmemente o tornozelo, sem se retrair, para lhe mostrar que não doía.

Ele não se deixou enganar.

— Você não conseguirá andar durante dias — falou calmamente.

Juksakai concordou com a cabeça.

— Amanhã, nós a carregaremos até os trenós. Ela ficará bem com a gente.

— Um dia de descanso aqui, e vou ficar boa — disse rispidamente Renn.

— Não, não vai — rebateu Torak.

Ela o encarou.

Juksakai olhou dela para Torak, e murmurou algo sobre se juntar aos outros.

— *Um dia* — repetiu Renn, depois que ele se foi. — Depois poderemos ir juntos à Garganta.

Torak esfregou a cicatriz em seu antebraço.

— Juksakai me disse que são dois dias de caminhada até a Montanha. A Noite das Almas está distante apenas quatro dias.

— Então haverá tempo.

— Não, Renn. Para você, não.

— Você não pode decidir por mim.

— Não preciso. — Colocou as botas. — Vou me despedir agora mesmo.

Partirei assim que amanhecer.

Houve um zumbido em seus ouvidos. Aquilo não estava acontecendo.

— Mas... você não pode ir sozinho.

— E não vou. Terei Lobo.

— Ele não está aqui.

— Ele virá.

— Como sabe? Você estará sozinho. É exatamente o que Eostra quer!

Ele não respondeu.

Algo nos modos de Torak levou Renn a olhar para ele, olhar mesmo. O que ela viu em seu rosto fez com que prendesse a respiração. Não haveria necessidade de lhe contar a profecia de Saeunn.

— Você sabe — disse ela.

Ele fez que sim.

— Como?

— Quando vi a Montanha. — Ele tocou o osso esterno. — Eu a senti. Aqui.

Renn ficou calada por um momento. Depois disse.

— Profecias podem estar erradas. Nós provaremos que está errada.

— Não dessa vez. — Fez uma pausa. — Muitos invernos atrás, na Noite das Almas, meu pai acordou uma grande fogueira e quebrou o poder dos Devoradores de Almas. Eu preciso terminar o que ele começou.

— Eu sei. Mas...

— E talvez eu consiga fazer isso, mesmo contra Eostra. Mas a questão é, quando tento pensar no depois... em voltar à Floresta e ficar com você, Lobo e Fin-Kedinn... não vejo nada. Tudo é só escuridão.

Renn fitou-o, consternada.

Observou-o enrolar o saco de dormir e juntar suas coisas.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Vou dormir no outro abrigo, e partir ao alvorecer. Você fique aqui. Descanse.

Ele exibiu seu olhar resoluto, e ela viu que era inútil.

— Assim que eu melhorar — disse ela furiosamente —, vou alcançá-lo.

— Não.

— Vou. E provarei isso. Tome. Leve minha pulseira-guia. É um compromisso. — De algum modo, ela conseguiu desamarrar as correias e agarrar seu pulso. Arregaçou a manga dele e prendeu o estreito pedaço de diorito polido em seu antebraço.

— Pronto. Poderá me devolvê-la, quando eu o encontrar.

— Não deveria tentar me encontrar.

— Você não pode me deter.

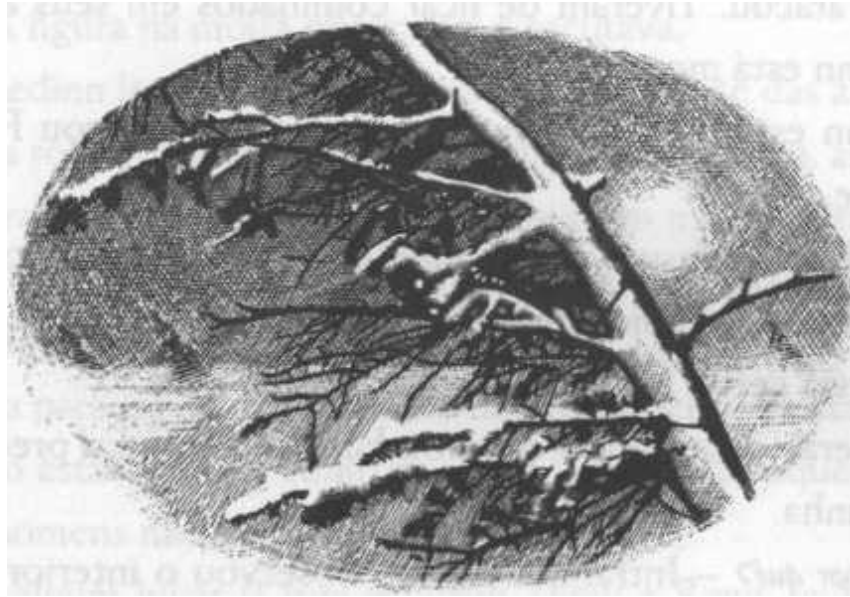
— Renn, *escute!* Aquela criatura me ignorou e foi atrás de você. É porque Eostra me quer vivo, pelo menos até a Noite das Almas... mas ela não se importa

com você. E eu me importo. — Pendurou o arco no ombro. — Fique com o Clã do Cisne. Fique boa. Volte para a Floresta.

— Não.

— Adeus, Renn. Aconteça o que acontecer, sabe... você precisa saber quanto eu... — Sua garganta contraiu-se. — Que o guardião viaje com você. — Curvando-se, beijou-a na boca. Em seguida, Virou-se e saiu apressado para o meio da noite.

VINTE E QUATRO



O vento uivou em volta das Montanhas e varreu as colinas. Agitou uma moita na beira de um lago congelado, onde homens se acoravam ao redor de uma fogueira.

Um grupo do Clã da Sorva havia chegado em trenós puxados por cães, trazendo três caçadores da Floresta. Erraram por pouco o acampamento de Fin-Kedinn, pois este o ocultara bem, mas, no fim das contas, os cães acabaram por encontrá-lo.

Etan, do Clã do Corvo, falou com premência a seu líder.

— Fin-Kedinn, nós lhe imploramos, volte com a gente! Thull não teria nos enviado, se não estivesse desesperado. A doença da sombra se espalhou pelos clãs. Não há muita gente se sentindo bem o suficiente para ir caçar. Os que se sentem bem não ousam se aventurar tão longe, por medo dos tokoroths. Já começa a haver briga por comida.

Fin-Kedinn ouviu tudo em silêncio. Então, disse:

— Thull não é o único líder entre eles. E os outros?

— O Líder do Clã do Salgueiro ajudou a manter a ordem por algum tempo, assim como Durrain, do Veado-Vermelho. Depois a doença também os atacou. Tiveram de ficar confinados em seus abrigos. E, agora, Saeunn está morrendo.

— Saeunn está com a doença da sombra? — indagou Fin-Kedinn bruscamente.

— Não. Ela se consumiu, cuidando das pessoas. Quando partimos, ela estava decaindo rapidamente. Thull diz que não consegue liderar sem ela. E está certo. Os clãs não escutarão só a ele.

— Eles terão de escutar — afirmou Fin-Kedinn. — Eu preciso alcançar a Montanha.

— Mas *por quê?* — Intranquilo, Ethan observou o interior da moita, onde uma figura sombria se ocultava para além do alcance da luz.

— Quem são esses com você? — perguntou um dos caçadores Sorvas. — Por que não saem e dizem seus nomes?

Fin-Kedinn não respondeu. A sombra na moita mergulhou ainda mais na escuridão.

— O que pretende obter ali? — perguntou Etan. — O que Fin-Kedinn é capaz de conseguir contra a malvada?

— Se houver alguma chance contra Eostra — explicou o Líder Corvo, pronunciando claramente o nome — não será pela força, mas pela Magia. Eu viajo com alguém que sabe essas coisas; que sabe como encontrar Eostra na Montanha de Fantasma; e como permanecer oculto para ela e para suas criaturas. Isso é tudo que posso lhes dizer.

Etan olhou-o nos olhos.

— Talvez isso o faça mudar de ideia. A própria Saeunn mandou o recado. Ela diz que só você é capaz de acalmar os clãs.

— Saeunn foi contra a minha partida — disse Fin-Kedinn. — Claro que ela quer que eu volte.

— Ela pede que você se lembre do que viu nas brasas. Ela diz que o espírito errante morrerá. Nem mesmo você pode mudar isso. Ela diz que o lugar do Líder Corvo é com os vivos. Ela diz que você precisa voltar.

A fogueira crepitou. Os caçadores esperavam a resposta de Fin-Kedinn. A figura na moita observava e escutava.

Fin-Kedinn levantou-se e caminhou até o limite das árvores, onde uma pedra solitária montava guarda no lago. A distância, as Montanhas eram negras contra as estrelas. Ainda estavam muito distantes. Se ele retornasse à Floresta agora, teria a certeza de que sua companhia faria a viagem sozinha?

Olhou para o céu. Este não lhe deu qualquer resposta. O Espírito do Mundo estava longe, combatendo o Grande Auroque. Os problemas dos homens não eram de sua conta.

E em algum lugar lá fora estavam Torak e Renn: isolados, vulneráveis, como duas pequeninas faíscas prestes a serem aspiradas pela noite.

Fin-Kedinn pressionou o punho contra a pedra. O dever o chamava à Floresta. Seu coração o puxava em direção às Montanhas.

O vento decaiu para um sussurro. O granito era duro debaixo de sua mão.

Fin-Kedinn deixou a escuridão e caminhou de volta em direção ao fogo.

VINTE E CINCO



Quando diminuiu de velocidade até parar no Escuro ventoso, Lobo sentiu que seu irmão de alcateia estava a muitos trotes de distância. Ele cometera um erro. Nunca deveria ter seguido às pressas para as Montanhas.

Estava roendo a cabeça da rena, perto do grande Covil dos Sem— Rabo, quando o bufo-real mergulhou sobre ele. Sabia que era um truque, mas *não* conseguiu segui-lo. A coruja levou o seu filhote.

Durante Escuros e Claros, ele o perseguiu, mas agora a coruja tinha sumido e ele não sabia onde se encontrava. Suas patas mergulharam no Frio Brilhante Macio, e as Montanhas assomavam sobre ele. O vento carregava o cheiro de ptármiga e de lebre — mas não de Alto Sem-Rabo.

Erguendo o focinho, Lobo deu latidos fortes, exploradores. *Onde você está?*

Nenhum adorado uivo em resposta.

O vento mudou de direção e Lobo Virou-se para ele — e captou um cheiro que nunca sentira antes. Cães; mas havia algo errado com eles. Lobo farejou que eram grandes e fortes, astutos e cheios de ódio. Suas garras contraíram-se. Contra coisas como aquela, Alto Sem-Rabo não teria mais chance do que um filhote recém-nascido.



Era um dia turbulento, e o vento gemia pela Garganta do Povo Oculto. Torak não ouvira qualquer uivo estranho, mas sempre que um cascalho caía, ele se assustava.

De vez em quando, ele se deparava com uma pedra na qual fora gravada uma espiral a martelo. Juksakai dissera que seus ancestrais os tinham feito marcar o caminho para a Montanha; mas havia muitos invernos que ninguém se aventurara.

Quem, então, havia raspado o gelo de cima das espirais?

E onde estava Lobo?

Torak tentou não pensar no que os cães de Eostra seriam capazes de fazer com seu irmão de alcateia. E nem mesmo podia uivar para ele, exceto em sua cabeça.

Em alguns lugares, a neve estava na altura da coxa; em outros, Torak tinha de se arrastar por cima de pedras assoladas e expostas pelo vento. Em pouco tempo estava suando, mas, graças às suas roupas de Montanha, não sentia frio. Seu gibão tinha uma densa plumagem de mergulhão na frente e nas costas, porém uma camada mais solta de penas de ptármiga debaixo dos braços para deixar o suor sair. Suas meias de lã de boi-almiscarado eram tão leves quanto fios de teia de aranha, mas incrivelmente quentes. Chumaços de musgo seco em suas botas evitavam bolhas, e rolos de couro cru nas solas davam-lhe uma boa firmeza.

Nada, porém, era capaz de o proteger do ar rarefeito. Sua cabeça doía. Sentia-se constantemente sem fôlego. O pior de tudo era saber que estava onde não deveria.

A Garganta do Povo Oculto era um desnorteante labirinto de valas e espigões e vales intrincados. Vultosos rochedos trancavam o céu. O Água Vermelha corria por baixo da terra. Aquele era um mundo de pedra.

E o Povo Oculto não o queria ali.

— Eles fazem você ver coisas — dissera Juksakai. — Certa vez, perto da entrada da Garganta, encontrei um rato-da-neve transformado em pedra. Em outra ocasião, vi um enorme pássaro branco desaparecer no rochedo.

— Mas o que é o Povo Oculto? — perguntara Torak. Sabia que eles viviam em lagos e riachos e pedras; às vezes, até mesmo os sentia, e a lembrança era muito ruim. Mas nunca havia parado para pensar no que eram, ou de onde vieram.

— Eram clãs, como os nossos — dissera-lhe Juksakai. — Mas, muito tempo atrás, na Grande Fome, passaram a matar e comer pessoas. O Espírito do Mundo os castigou, decretando que eles deveriam se ocultar para sempre, só aparecendo quando não houvesse ninguém por perto. É por isso que nunca os vemos. Se você chegar perto, só encontrará pedras.

Torak sentiu-os observando-o das fendas existentes na face da rocha. Ele passou por um círculo de pedras eretas que se inclinavam em direção umas das outras. Olhando de relance para trás, captou um borrão de movimento. Enquanto caminhava, ouviu um furtivo farfalhar. Este parou quando ele parou, mas, quando prosseguiu, o ruído começou novamente.

Por volta da metade da tarde, ele parou para respirar.

— Não quero lhes fazer mal — falou para os habitantes das pedras. — Procuro a Devoradora de Almas. Não tenho rixa com vocês.

Um zunido acima de sua cabeça. Ele se jogou para o lado. A enorme pedra explodiu com o impacto, atingindo-o com fragmentos.

Mais tarde, ouviu o gorgolejar de água, e localizou-a numa nascente em uma vala. Encontrou pedaços do arbusto cheio de urze que Juksakai usara para acordar um fogo; e uma saliência que ele poderia emparedar com pedras, para um abrigo.

Nenhuma pedra zuniu durante a noite, e ele não ouviu qualquer uivo estranho. Mas também não havia sinal de Lobo.

Na manhã seguinte, o vento cessou. A calmaria parecia anormal. Intencional.

Não fazia muito tempo que tinha saído da vala, quando Torak encontrou pegadas na neve. Havia algum tempo que uma matilha de cães corraera através da Garganta. Ele distinguiu sete conjuntos de pegadas, todas maiores do que qualquer coisa que já tinha visto.

Com a boca seca, ele sacou a faca e seguiu o rastro em volta de um espigão.

A jovem lebre fora despedaçada. Entranhas vermelho-escuras tinham sido jogadas através da neve como cordas rejeitadas. Olhos orlados de gelo fitavam de seu crânio mutilado.

Torak imaginou o desesperado zigue-zague da lebre, enquanto os cães a perseguiam. Eles a haviam destroçado, espalhado carne e miolos por uns trinta lugares, mas nada comeram. Fizeram aquilo porque podiam fazer.

Compaixão e ódio se debatiam dentro dele, enquanto murmurava uma prece para as almas da lebre. Mas, ao se afastar, foi para si mesmo que rezou. Dissera a Renn que Eostra o queria vivo. Mas vivo, refletiu, não significava necessariamente inteiro.

O cheiro de suor emanava da gola de seu manto. Um cachorro farejaria aquilo da distância de um dia de caminhada. *Estou com medo*, admitiu.

Um baque surdo atrás dele.

Virou-se.

E arqueou os ombros de alívio.

Rek ergueu a cabeça do crânio da lebre e deu um crocitar preocupado, em seguida voltou a bicar um olho.

Assim que Torak enfiou a faca de volta na bainha, Lobo surgiu saltitando pela neve em sua direção.



Você seguiu a coruja?, perguntou Torak, depois que terminaram as efusivas saudações iniciais de ambos.

Sim, disse Lobo. *Mas não encontrei o filhote.*

Sinto muito.

Cadê a irmã de alcateia?

Em segurança, disse Torak, mas ela machucou a pata.

Você sente falta dela.

Sinto.

Eu também.

Lobo farejou o ar. Cães. Muito longe.

São fortes e muitos, disse Torak. Muito perigo.

Lobo encostou-se nele e sacudiu a cauda.

Não tinham ido muito longe, quando o Água Vermelha reapareceu num ecoante canal debaixo dos rochedos. Rip e Rek voaram para o topo de um espigão que cortava através da Garganta, depois de volta para Torak, chamando impacientemente. *Venha, é fácil!*

— Não, não é — ofegou Torak, quando ele e Lobo começaram a escalar. O espigão era feito de facas. Alguma força maligna lascara suas pedras transformando-as em milhares de lâminas dispostas na borda. Mesmo dentro das botas, os pés de Torak não demoraram a ficar machucados. Não tinha ido muito longe quando notou que Lobo coxeava. As partes moles de suas patas estavam riscadas de cortes.

— *Sinto muito* — disse Torak.

Lobo lambeu a orelha dele.

No Distante Norte, Torak vira cães puxadores de trenó com botas nas patas. O melhor que ele podia fazer por Lobo era envolver suas patas com tiras de couro de gamo de seu velho gibão. Lobo ficou se intrometendo para ver o que ele fazia, e quando as faixas estavam seguramente amarradas Torak teve de lhe ordenar severamente que não as comesse.

Estava tão atento em vigiar Lobo que não se deu conta de que tinham chegado ao topo do espigão. Endireitando-se, ele recuperou o fôlego. A Garganta do Povo Oculto estava atrás dele. Acima assomava a Montanha de Fantasma.

Seu cume perfurava as nuvens. Seus reluzentes flancos brancos o avisavam para que voltasse. *Sagrado, sagrado. Um lugar de espíritos, e não de homens.*

Caindo de joelhos, ele espalhou sangue da terra em oferenda. Num tom sussurrado, implorou à Montanha que o perdoasse pela invasão.

Nuvens baixaram, ocultando-o da vista. Torak não sabia se era um bom ou um mau sinal.

À sua direita, uma colina formada de pedras acumuladas na base de um penhasco descia íngreme para um vale sombrio. Adiante, vislumbrado por entre a turbilhonante brancura, um enorme campo de pedras grandes levava à Montanha. O Água Vermelha cascadeava da boca de uma pequena caverna negra aninhada em seu centro.

Torak notou o sinal de espiral em uma das pedras. Cheio de apreensão, foi em sua direção. Lobo caminhou atrás dele, o rabo abaixado.

As pedras com gelo eram traiçoeiras e, em alguns lugares, a neve era funda o bastante para dificultar o avanço. Eles continuaram pelejando, passaram por outro sinal, e mais outro. Estavam agora na própria Montanha.

E Torak tinha de encontrar algum lugar para acampar.

Chegaram a um espigão onde o vento tinha acumulado muita neve. Torak ficou aliviado. Ele preferia cavar um buraco na neve com a machadinha do que deslocar alguma pedra daquele lugar sagrado.

Não ousou acordar um fogo. Aconchegado em seu buraco na neve, ele dividiu um pedaço de rena defumada com Rip e Rek, enquanto Lobo mastigava suas botas — as quais, tendo em vista que suas patas já haviam sarado, Torak lhe dera como refeição noturna.

Com a noite avançada, Torak ouviu a distante voz do rio e o silêncio da Montanha. Ela lhe permitira acampar, mas poderia esmagá-lo no espaço de uma batida de coração.

E Eostra... Que era da Devoradora de Almas que o aguardava em seu interior?

Com a segurança do poder absoluto, ela deixara que ele se aventurasse pela Garganta; mas, quando desejasse, podia mandar sua matilha pegá-lo. E o dia depois de amanhã era a Noite das Almas.

Em seu antebraço, Torak sentiu o peso da pulseira-guia de Renn. Ela nunca lhe pareceu tão distante.

Ele sonha que é verão e que brinca com Lobo num lago coberto com nenúfares. Lobo salta para a água e pousa com um esguicho. Torak mergulha, deixando um rastro de bolhas prateadas de risadas submersas. Ainda rindo, ele irrompe na luz do sol. Tudo parece *correto*. Sua alma-mundo é um fio dourado se estendendo a todas as coisas vivas. E ali está Pa, parado no raso, sorrindo. "Olhe atrás de você, Torak! "



Torak acordou num tranco. Ouviu o estrondo de queda de pedras. O cruel alarme dos corvos soou.

Enfiando as botas e apanhando a machadinha, ele rastejou para fora do buraco de neve — e para uma parede de neblina.

Rip e Rek estavam invisíveis, ele não conseguia enxergar dois passos à frente. Vislumbrou Lobo, um borrão cinzento correndo por sobre as pedras.

Cambaleando em sua direção, Torak viu que aquela parte do espigão havia desabado; algumas pedras ainda estavam parando de rolar.

Lobo parou, os lábios negros recuados num rosnado.

Torak seguiu seu olhar. Na neblina, tudo o que conseguiu distinguir foram as pedras rolantes.

Os rosnados de Lobo sacudiam todo o seu corpo.

Torak estreitou os olhos.

Não eram pedras.

Cães.

VINTE E SEIS



Inexorável como uma onda, a matilha de Eostra movia-se na direção deles através da neblina.

Os animais eram maiores do que qualquer lobo ou cachorro que Torak já vira. Ele notou as jubas peludas com grumos de sujeira. Olhos injetados vazios de sensibilidade.

Livrando-se das mitenes, ele as enfiou nas mangas. Agarrou firme a machadinha. A seu lado, Lobo franziu o focinho e exibiu suas presas. Torak emitiu um sonoro grunhido-rosnado. *Fique junto.*

Lobo chegou mais para perto dele, sem tirar os olhos da matilha. Silenciosamente, os cães avançaram, totalmente concentrados em sua presa. O desafio cresceu em Torak. Muito bem. Vejam vocês lutarem. Uma enorme besta negra investiu contra ele.

Torak girou a machadinha. Lobo saltou. A criatura recuou, fundindo-se com a névoa.

Outro tentou, e depois dois juntos: artilhosamente, desaparecendo, mas sempre se espalhando para cercá-los.

Torak sabia o que eles faziam. Com lobos e cães, a maioria das caçadas começa assim. Fazem a presa reagir, fazem-na fugir. Descubrem o mais fraco. Vão atrás dele.

O mais fraco era Torak. Ele sabia. Lobo sabia. Os cães sabiam.

Agarrando uma pedra, ele a jogou com o máximo de força que podia, atingindo um monstro malhado no ombro. O cachorro contraiu uma orelha, como se tivesse sido picado por uma vespa inoportuna.

Os corvos desabaram do céu com gritos furiosos, as garras deslizando sobre as costas do destruidor. A matilha os ignorou. Assustados, Rip e Rek voaram mais alto

— como se, pensou Torak, já estivessem circundando uma carcaça.

Ele jogou mais pedras, e os cães recuaram para o branco rodopiante. Mas Torak podia sentir o círculo se fechando.

Sua mão apertada no cabo da machadinha estava escorregadia por causa do suor. Uma machadinha não era de muita utilidade, a não ser em combate próximo, e, se chegasse a isso, ele não teria a menor chance. A única arma que poderia ser de alguma utilidade era seu arco, e este estava no buraco na neve, a cinco passos de distância. Era o mesmo que estivesse a quinhentos.

Com a velocidade do ataque de uma cobra, um enorme animal cinzento partiu para cima de Lobo. Este girou e enfiou os dentes em seu cangote. Com um uivo, a fera se libertou com um rasgão e fugiu, jorrando sangue.

A matilha continuou fechando o círculo.

Lobo sacudiu-se, ileso.

Com o canto do olho, Torak avistou um borrão negro pulando em sua direção. Movimentou a machadinha e acertou um golpe direto no crânio. A criatura caiu com um baque surdo, em seguida se pôs de pé como se nada tivesse acontecido.

Enquanto a matilha espreitava em volta deles, a fera malhada — o líder — caminhou firmemente adiante e parou a três passos de Torak. Este sentiu Lobo ficar tenso para o ataque. Urgentemente, ele lhe disse que permanecesse em seu lugar.

Os pequenos olhos insensíveis do líder fixaram os de Torak e, por um instante, este percebeu sua intenção. O que a fera via diante de si não era um garoto, mas um saco de carne, para ser atacado brutalmente até não se mexer mais. O que mantinha aquele negro coração batendo era a raiva que sentia de todos aqueles agitados, uivantes sacos de *vida* — uma *vida* que precisava ser destruída.

Por vontade própria, Torak desviou o olhar.

Captara uma imagem dele mesmo caído morto. Depois se deu conta de que aquilo estava errado, que não podia ser *seu* corpo; Eostra o queria vivo. Aquilo era para afastar Lobo dele: para massacrar seu irmão de alcateia.

Dois cães saltaram sobre ele. Lobo arremessou-se, para interceptar, em meio a uma confusão de pelos e presas. O líder malhado atacou Torak por trás. Sua machadinha acertou-o diretamente nas costelas. Com um ganido, a coisa recuou — mas apenas um passo.

Quando Torak correu para ajudar Lobo, o líder saltou novamente, agarrando com as mandíbulas a barra de sua túnica, puxando-o para baixo. Ele deu um chute. A coisa esquivou-se, arrastando-o para trás de si, forte como um urso. Torak escorregou, quase perdendo o equilíbrio. Fingiu enfraquecer, deixou que a criatura o puxasse mais para perto — em seguida abaixou a bota, o salto atingindo o cão entre os olhos. Por um momento, as enormes mandíbulas se afrouxaram. Torak arrancou a túnica com um puxão e cambaleou de volta para Lobo.

Com um úmido chocar de maxilares, o líder estremeceu, depois baixou a cabeça para o ataque seguinte.

Três cachorros saltaram na direção de Torak, quatro na de Lobo. Mas, em pleno ar, os agressores ganiram e se retorceram, como se atingidos por trás. Surgiram pedras sendo arremessadas através da névoa. A matilha hesitou, procurando o atacante invisível.

Torak pensou ter visto uma pálida figura desaparecer na neblina.

Quem é?, perguntou a Lobo.

Sem-Rabo, respondeu-lhe Lobo.

Mais pedras atingiram em cheio os cães: agora de um lado, e logo de outro. Confusa, a matilha virou-se de costas para Torak e Lobo à procura do misterioso atacante.

Trêmulo, Torak tocou no cangote de seu irmão de alcateia. A anca de Lobo sangrava, sua orelha esquerda estava dilacerada, mas seus olhos brilhavam; ele nem sequer estava Ofegando.

Torak estava. Não conseguia enviar ar suficiente para os pulmões.

Pensou depressa. Quem quer que estivesse distraindo os cachorros não conseguiria fazer isso por muito tempo. Eles voltariam. E embora Lobo pudesse manter a defesa o dia inteiro, ele, Torak, não conseguiria. Em breve ele cairia. E os cães matariam Lobo.

Atrás de si, Torak viu uma estreita fissura do outro lado do espigão: uma brecha na Montanha. Recuou em sua direção.

Lobo lançou-lhe um olhar de alerta. *Não*.

Torak continuou se movimentando. Com relutância, Lobo também foi. Os cães, combatendo uma chuva de pedras, não notaram.

A neve estava na altura do joelho, mas, finalmente, Torak chegou à extremidade da fissura. Que alívio, quando sentiu rocha maciça contra seus ombros! Agora ele *poderia* resistir o dia todo: comendo neve, repelindo ataques que só poderiam vir pela frente.

Abruptamente, a chuva de pedras cessou. O guardião invisível sumiu. Por um instante, Torak ficou imaginando quem teria sido; então esqueceu isso. Mais uma vez, a matilha avançava.

Perto dele, Lobo demonstrava desânimo. Seguiria Torak por lealdade, mas aquilo ia contra tudo o que ele sabia: nenhum lobo recua num lugar onde só há uma saída.

E Torak não podia explicar por que fizera aquilo, pois Lobo não era capaz de pensar como presa. Torak, porém, achava isso muito fácil; e já vira muitos encontros entre lobos e renas para saber que funcionava. Lobos — e cães — caçam quem foge. Se você é uma presa, sua melhor chance é resistir e lutar.

Ele tinha razão, mas subestimara Lobo.

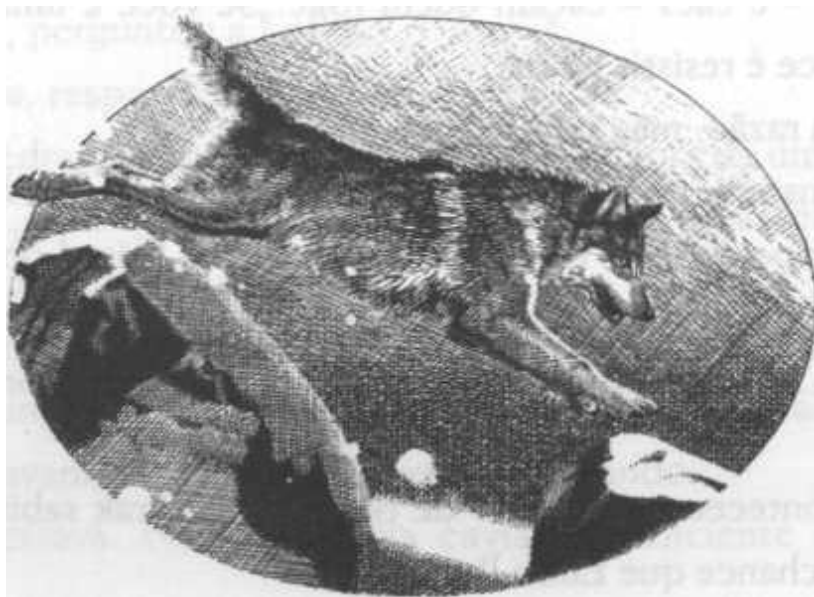
Por um instante, o olhar âmbar permaneceu no dele. Naquele momento, Torak percebeu o que ele pretendia fazer. Não, Lobo, não, isso é exatamente o que eles querem! Tarde demais. Um espaço se abriu na matilha — e Lobo disparou através dela. Os cachorros correram atrás dele.

Tudo aconteceu num piscar de olhos, mas Torak sabia que devia aproveitar a chance que Lobo lhe dera.

Enfiando a machadinha no cinto, alcançou as pedras e começou a escalar.

A última coisa que viu antes de se impulsionar para a fissura foi Lobo descer correndo a encosta com a matilha de Eostra em sua cola.

VINTE E SETE



Lobo voou sobre as pedras e os cães voaram atrás dele. Lobo *detestava* fugir — mas precisava salvar Alto Sem-Rabo.

Lobo seguia para uma grande encosta de Frio Macio Brilhante. Pela voz do vento que vinha de lá, ele sabia que era fundo, talvez da altura de um lobo. E daí? Daí que a matilha pretendia persegui-lo até onde um lobo deveria se complicar. Mas ele *conhecia* esse truque, usava-o quando caçava renas. Eles achavam que podiam *enganá-lo*?

Diminuindo a velocidade, deixou que o cão líder trocasse mais perto, até ele captar a pétrea batida de seu negro coração. Este estalava em suas costelas, como se já sentisse o gosto de sua carne.

Cedo demais. Quando Lobo chegou à extremidade do Frio Macio Brilhante, girou sobre uma das patas dianteiras e saltou de lado, para a rocha maciça. O cachorro que vinha atrás dele era pesado demais, não conseguiu desviar a tempo. Ao se afastar velozmente, Lobo ouviu-o se chocar e rosnar no Frio Macio Brilhante. Lobo ergueu o rabo. Os cães podiam ser maiores, mas ele era *mais rápido*!

Se bem que não muito. Novamente, eles já o estavam alcançando.

Seguiu por cima do cascalho, movendo para trás a orelha destroçada, a fim de ouvir, e a outra para a frente, alerta contra perigos adiante.

Farejou escuridão correndo em sua direção. O vento que soprava dela fazia um som estrondoso, estava vindo do subsolo. De repente, não havia mais pedra adiante e a Montanha se abriu para o engolir. Deslizando até parar, ele viu que a fenda estava muitos passos adiante. Das profundezas, veio um frio uivante.

De estalo, Lobo decidiu. Enrijecendo as coxas, ele saltou. Suas patas dianteiras se prenderam do outro lado. Girando o rabo e arrastando-se com as patas traseiras, deu um tremendo impulso... Subiu.

Latindo furiosamente, a matilha corria ao longo do outro lado da fenda. Lobo ergueu o focinho com desprezo. Nenhum cachorro — nem mesmo aqueles — conseguia pular tão longe quanto um lobo!

Entretanto... havia algo errado. Não havia tantos deles quanto antes.

Onde estava o líder?



O cão líder estava na parte mais baixa da fissura e observava Torak escalar. Seu olhar não oscilava.

Enquanto seus dedos procuravam o apoio de mão seguinte, Torak imaginava Lobo correndo pela neve com a matilha em seus calcanhares. Lobo cambaleava. Um cão enfiava as presas em seu flanco. Estavam todos em cima dele, destroçando-o...

O cabo de sua machadinha bateu contra seu quadril, puxando-o de volta.

Eles não pegaram Lobo, disse a si mesmo. É nisso que Eostra *quer* que você acredite.

A fenda era da altura de quatro homens altos, mas estreita o bastante para ele subir por ela apoiando um pé de cada lado. O granito fissurado fornecia muitos apoios para mãos e pés, e, num dia de verão, Torak poderia subir por ele como um esquilo. A rocha, porém, estava molhada e venada com gelo negro. Seus dedos estavam desajeitados, por causa do frio. As mitenes tinham saído de dentro das mangas e pendiam soltas em seus cordões, mas ele não ousava enfiá-las.

Parando para respirar, esticou o pescoço. A Montanha estava oculta pela névoa, mas ele enxergava o topo da fissura. Estava na metade do caminho de lá.

"Não se apresse, Torak. " Em sua cabeça, ele parecia ouvir a voz calma, firme, de seu parente, Bale. No verão anterior ao passado, o rapaz do Clã da Foca o ensinara a escalar pedras. Bale fora paciente, nunca exigindo mais do que Torak era capaz. "Tente manter os braços não muito mais altos do que os ombros; desse modo, seu peso ficará na maior parte sobre os pés... E calcanhares baixados, Torak. Apoiar-se nos dedos dos pés só lhe causará tremores nas pernas. "

Os calcanhares de Torak *estavam* baixados, mas suas pernas continuavam tremendo.

Abaixo dele, a criatura malhada rosnava.

Torak olhou para baixo.

Frio, frio, aquele olhar pétreo; esperando o saco de carne cair em suas mandíbulas. A fome da coisa sugando suas almas.

Ele fechou os olhos bem apertados. Não olhe, disse a si mesmo. Nem pense nisso. Coloque outra coisa em seu lugar. Pense em Lobo e Renn e Fin-Kedinn.

A escuridão em sua cabeça foi soprada para longe como a fumaça dispersada por um vento purificador.

Abrindo os olhos, Torak forçou os dedos dormentes a encontrarem outro apoio de mão.

Encontrou novamente seu ritmo, movendo uma das mãos e depois um pé, em seguida a outra mão e o outro pé. Suave e gracioso, como numa dança. Estava quase chegando.

A machadinha em seu cinto prendeu-se num afloramento e o puxou para trás.

Agarrou-se com ambas as mãos, a perna direita erguida para encontrar a próxima brecha. Mas a próxima brecha estava alta demais, seu pé não conseguiria alcançá-la porque a machadinha estava presa, puxando-o para baixo.

Baixando a perna direita, tentou encontrar o apoio de pé que acabara de deixar para trás. Sua bota roçou pedra maciça, ele não conseguia encontrá-lo. Agora a perna esquerda, que suportava todo o seu peso, começou a tremer. Não conseguiria manter aquilo por muito mais tempo, teria de baixar uma das mãos e soltar a machadinha. Mas, então, ele teria apenas uma das mãos e um pé na rocha; e isso não era o bastante para mantê-lo ali. Novamente, pareceu ouvir a voz de Bale. "Mesmo que não se lembre de mais nada, Torak, lembre-se disso. Mantenha sempre *três membros* em contato com a pedra. Movimente um braço ou uma perna, mas nunca ambos ao mesmo tempo. "

Sua perna esquerda tremia violentamente. Nada disso: ele tinha de *subir* para se livrar.

Os nós dos dedos de ambas as mãos embranqueceram, quando ele usou toda a sua força para se erguer e se livrar. A machadinha rilhou terrivelmente. O cinto se apertou em sua cintura, quando o cabo da machadinha girou para baixo. Seus braços tremeram por causa do esforço. Com um tranco que quase o derrubou, a machadinha se soltou. Ele deu um impulso para cima, e seu pé livre, finalmente, encontrou a brecha seguinte.

Tremendo de alívio, ele prendeu as pernas em ambos os lados da fissura. Quando parou de tremer, fez um último esforço e ergueu-se para o topo.

Como um salmão jogado em terra, ficou deitado ali, ofegando, a face contra a pedra gelada. Diante dele estendia-se um planalto com cerca de cinquenta passos de extensão. Era protegido por rochedos envoltos em névoa e entulhado de pedras quebradas que a Montanha enviara estrepitosamente abaixo.

Torak pôs-se de pé, e o vento congelante o esbofeteou, fazendo suas têmporas doerem, de tão frio. Soltou a machadinha do cinto. Esta escorregou de suas mãos e foi cambalhotando pela fissura. Irritado, viu-a cair ressoante no fundo.

O cachorro não estava em nenhum lugar à vista.

Torak olhou para baixo, incapaz de aceitar a perda de sua machadinha.

Sentiu olhos sobre si.

Virou-se.

A vinte passos de distância, nas pedras embaixo dos rochedos, estava a Maga Bufo-Real.

Sua imorredoura máscara de morte era de um branco lívido de osso destroçado. A ranhura de sua boca escancarou-se num grito mudo. Uma das mãos segurava uma maçã encimada por uma pedra vermelha brilhante; a outra, um forcado de três dentes para apanhar almas.

Torak apalpou atrás de sua faca. Ele sabia que seria inútil contra a Devoradora de Almas, mas ela pertencera a Pa, e lhe daria coragem para permanecer de pé.

A maldade da Maga Bufo-Real estalou como um raio, arremessando-o para trás.

Ele pensou em Lobo, caçado pela matilha.

— Chame-os de volta — ofegou.

Os olhos de coruja pintados luziram. Nenhum som foi emitido pela fenda-boca.

— Chame seus cães, para afastá-los de meu irmão de alcateia! — gritou Torak.
— Você tem o que quer! Aqui estou eu!

A Mascarada nem se mexeu, mas, atrás dela, Torak viu sombras se expandirem como asas. Sentiu a malícia dela agredir sua mente.

Então, da máscara-pesadelo surgiu um grito que perfurou seu crânio. Ecoando de pedra em pedra, este cresceu; cada vez mais e mais alto, lascas de osso espetando seu cérebro...

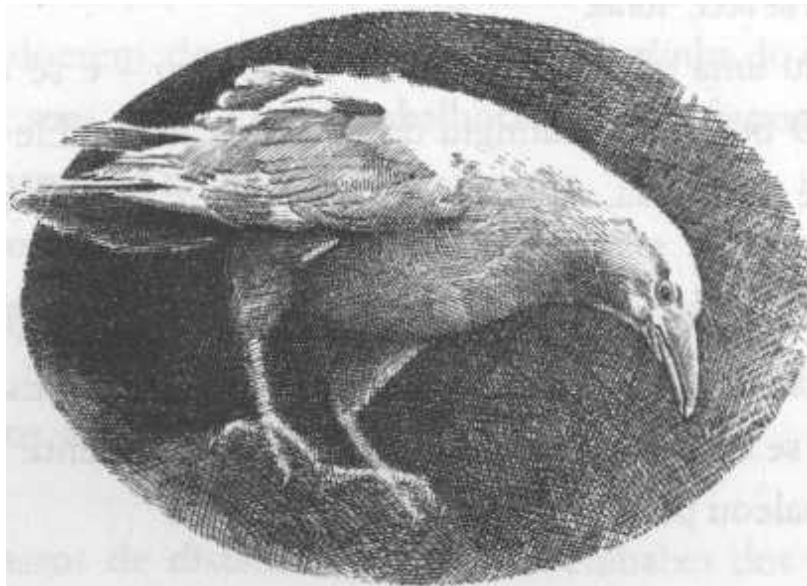
Olhe atrás de você, Torak.

Torak deu uma olhadela por cima do ombro — e se abaixou tarde demais. O bufo-real o atingiu do lado da cabeça. Ele cambaleou, oscilando até a beirada. Acima dele, a coruja fez a volta para outro ataque.

Nesse momento, um grande pássaro branco mergulhou de dentro da névoa, suas garras estendidas para atacar a coruja. Esta deu uma guinada para se livrar, e fez a volta para atacar novamente Torak.

Ele cambaleou para trás e caiu.

VINTE E OITO



Torak despeitou flutuando em uma nuvem. Ela era macia e leve, e deliciosamente quente.

Com esforço, ergueu as sobrancelhas. Através de uma névoa, vislumbrou renas brancas saltando por cima dele. Carcajus brancos andando pacificamente no meio de lemingues e tetrazes brancos. Um boi— almiscarado da neve pastava perto de um corvo reluzente como geada. — Estou morto? — murmurou.

— Não creio — disse uma voz que parecia vir de uma grande distância.

Torak suspirou.

Mais tarde, ocorreu-lhe que a voz tinha razão, pois ele continuava em seu corpo. Suas roupas externas tinham sumido, mas vestia gibão e subperneiras. A nuvem fazia cócegas em seus pés nus.

— Onde estou? — murmurou.

— Aqui — disse a voz baixinho.

Torak tentou tirar um sentido daquilo.

— Vocês são o Povo Oculto?

Uma pausa.

— Eu me escondo. Mas não sou um deles.

A névoa começou a se dissipar. Torak sentiu cheiro de fumaça de lenha. Ouviu água pingando; o crepitar de uma fogueira. Sentiu a tensão no peito que só surgia quando ele se encontrava em uma caverna.

Seus olhos abriram-se de estalo.

Ele estava deitado sobre uma esteira de peles de lebre, debaixo de uma cobertura de lã de boi-almiscarado. A caverna era tão estreita que ele poderia abarcá-la com os braços, mas supôs que devia ser profunda. Mais adiante de seus pés, a luz do dia rodeava uma colcha de retalhos de peles que fechavam a entrada da

caverna. Mais perto, uma fogueira emitia uma luz rubra. Torak viu pilhas de urzes e fezes secas de boi-almiscarado; e fileiras de ervas, cogumelos e trutas, pendurados para defumar.

Havia renas e bois-almiscarados brancos pintados nas paredes com gipsita. Lemingues, carcajus e tetrazes, atulhando cada canto, tinham sido entalhados em ardósia e pulverizados com giz. A corva branca era verdadeira. Estava empoleirada numa pedra, olhando para Torak. Penas, pernas, garras, até mesmo o bico eram brancos. Mas seus olhos eram escuros, e aguçados como os de um corvo.

Tremendo, Torak sentou-se. Sentia-se tonto e contundido, mas conseguia mexer todos os membros, portanto supôs que a neve e as roupas pesadas deviam ter amortecido sua queda. Seu coração palpitava. O bufo-real reabrira seu ferimento no couro cabeludo, o qual alguém havia enfaixado.

O bufo-real.

Tudo voltou precipitadamente.

— Quem está aí? — perguntou. — Cadê minha faca? Onde está Lobo?

Nenhuma resposta.

Torak cambaleou em direção à entrada da caverna.

— Pare! — gritou a voz.

Torak ouviu pés correndo e o estrépito de garras. Empurrou as peles para o lado e saiu para um rajada gelada. Mãos puxaram-no de volta, evitando que tivesse uma queda vertiginosa. Ele se sentou rigidamente, e Lobo lançou-se sobre seu irmão de alcateia, fungando— lambendo seu rosto e choramingando de alegria. *Você acordou! Detesto esses sonos longos! Eu estou aqui!*

Torak estendeu a mão para o cangote de Lobo. Ergueu a vista para o garoto que tinha salvado sua vida.

Ele parecia ter a mesma idade de Torak. Sujo e magro, piscava e protegia os olhos da luz. Usava um manto peludo de lã de boi-almiscarado, e não tinha tatuagens de clã visíveis. Não era nada disso, porém, que o tornava singular.

Parecia que alguém tinha roubado toda a sua cor. Seus longos e embaraçados cabelos eram brancos como teias de aranha. As sobrancelhas e pestanas tinham a coloração de capim morto; sua face, a palidez de giz recém-cortado. Os olhos cinza-claros fizeram Torak pensar num céu repleto de neve.

— Quem é você? — perguntou o garoto, com uma estranha mistura de medo e ansiedade.

— O *que* é você?! — exclamou Torak, pelejando para se pôr de pé. — Você pegou minha faca e minhas roupas. Devolva-as!

O garoto esticou os lábios num amplo sorriso cheio de falhas nos dentes que pareciam não ser usados havia algum tempo.

— Sua faca está guardada. — Apontou para uma beirada. — Você está tonto. Eu fiz você dormir. Você falou muito.

— Você é uma das criaturas dela? — vociferou Torak.

— De quem?

— Eostra.

— A tal que tomou a Montanha?

— Não finja que não sabe!

— Ah, eu sei. Eu a vi.

Torak notou as sombras sob seus olhos. Aquele garoto suportara dias e noites de medo.

Ou, então, era um bom mentiroso.

— Você deve estar ajudando-a! — insistiu Torak. — Por que outro motivo você estaria aqui?

— Eu estava aqui antes. Eu... — Interrompeu-se e virou a cabeça para ouvir.

— Já estou indo — gritou.

— Quem está aí? — perguntou Torak, desconfiado.

— Você precisa descansar — recomendou o garoto. — Está tonto.

Quando ele dizia isso, a tonteira piorava.

— Você é Mago? — indagou Torak. — Faz com que eu sinta o que você quer?

— Mago? Não creio.

Lobo lambia a mão de Torak. Atordoadado, este viu que os ferimentos de seu irmão de alcateia tinham sido limpos e lambuzados com Unguento, e que Lobo parecia bem à vontade com o estranho.

— A princípio, ele não deixava eu me aproximar de você — contou o garoto, levantando os dedos para Lobo cheirar.

— Por que você me fez dormir? — quis saber Torak, pelejando para ficar ereto.

— Eu tinha de ir verificar as minhas armadilhas. Não podia deixar que fosse embora.

Cambaleante, Torak passou por ele e apanhou sua faca.

— Me dê as minhas roupas. Me deixe sair.

A caverna rodopiava. Delicadamente, o garoto tomou sua faca e fez com que ele se deitasse sobre as peles de lebre.

Quando Torak acordou novamente, encontrava-se de volta sob a coberta de boi-almiscarado.

E estava com mãos e pés amarrados.



— Me solta.

— Não.

— Por quê?

— Você vai fugir.

— Mas não posso ficar aqui!

— Por quê?

Torak desistiu de se debater e encarou seu captor.

As botas de pele de lebre do garoto tinham sido desajeitadamente remendadas com pedaços de lemingue, e seu manto fora feito por alguém que nunca aprendera a cerzir. Ele estava sentado, com as mãos entre os joelhos, olhando pensativamente para Torak.

— Quem é você? — indagou Torak.

As pestanas brancas se agitaram.

— Sou Treva.

Torak bufou.

— Por que lhe deram esse nome?

— Não deram. Eles me jogaram aqui antes de eu ter um nome, portanto escolhi Treva. Achei que isso pudesse ajudar.

Torak sentiu uma pontada de compaixão, a qual rapidamente eliminou.

— Se não tem nada a ver com Eostra, por que ela não te matou?

— Eu me livro de seus cães e das coisas crianças-demônios com minha funda. Foi assim que eu o ajudei, quando os cães atacaram. E Ark me protege, enquanto durmo.

— Quem é Ark?

Em seu poleiro, a corva branca afofou as plumas da cabeça.

— Se Eostra quisesse matar você — disse Torak —, teria dado um jeito.

— Sim. Acho que ela gosta do poder. Para ela, sou uma diversão. — Deu a Torak seu estranho, arreganhado sorriso. — Mas agora tenho você. Não sou mais sozinho.

Torak não conseguia entendê-lo. Ele era esquelético, mas conseguira levá-lo para sua caverna, e fizera um bom trabalho ao reanimá-lo.

Lobo farejou as amarras, mas, quando, num furtivo rosnado-ganido, Torak mandou que roesse as de seus punhos, ele simplesmente lambeu seus dedos.

— Você está com fome? — perguntou Treva.

— Não — mentiu Torak. — Quem é você? Como veio parar aqui?

Treva tirou de dentro do manto metade de uma truta seca e passou a mordê-la.

— Quando minha mãe me carregava em sua barriga, uma lebre branca passou correndo na frente dela, por isso eu nasci assim. — Tocou o cabelo de teia de aranha. — Minha mãe disse que eu era do Clã do Cisne, como ela, mas, quando

fiquei mais velho, comecei a ver coisas, e eles disseram que eu dava má sorte. Minha mãe me protegeu, mas, quando eu tinha oito verões, ela morreu. No dia seguinte, Pa me levou para a Garganta. Pensei que ele fosse me dar as minhas tatuagens de clã, mas ele me deixou. Mantive visíveis os marcadores de trilha, para ele poder me encontrar novamente. Mas ele nunca voltou.

— Você não tentou fazer o caminho de volta sozinho?

— Ah, não. Eu sabia que tinha de ficar.

Torak pensou a respeito.

— Quer dizer que você está aqui desde então?

Treva apontou para as criaturas de pedra que se aglomeravam nas saliências.

— Uma para cada lua.

— Mas... isso deve dar uns sete invernos. Como sobreviveu?

— Foi difícil — disse Treva, tirando de entre os dentes uma espinha.

— Nos três primeiros invernos, alguém deixava comida. Depois disso, nada. Eu sentia frio, até juntar a lã de boi-almiscarado. Certa vez, meus dentes ficaram ruins. Doeram até eu derrubar alguns com uma pedra.

— Fez uma pausa. — Eu vivia sozinho. Então encontrei Ark. Alguns corvos a estavam bicando porque ela era branca. Eu lhe dei o nome de Ark, porque foi a primeira coisa que ela falou para mim. — Sorriu. — Ela gosta de seu nome, vive dizendo ele!

— Então esse tempo todo foram só você e a corva?

— E os fantasmas.

Lobo levantou-se e trotou mais para o interior da caverna. Treva virou a cabeça para ouvir.

— Você... pode ver fantasmas — disse Torak.

Treva confirmou calmamente com a cabeça.

Estava muito silencioso na caverna. Torak perguntou:

— Foi com um fantasma que você falou antes?

— Sim, minha irmã. Mas, como ela é um fantasma, não se lembra de que é minha irmã.

Torak perscrutou as sombras, mas tudo que conseguiu ver foi Lobo, que estava sentado, varrendo o chão com o rabo. Ele perguntou:

— Você viu o fantasma de um homem que se parece comigo? Cabelo escuro comprido? Tatuagens do Clã do Lobo?

— Não. Quem é?

Torak não respondeu.

— Mas estamos dentro da Montanha? A Montanha de Fantasmas?

— Sim.

— Há outras cavernas?

— Muitas. Eu gosto da caverna murmurante, por causa dos fantasmas. Mas não vou lá desde que ela tomou conta. Ela trouxe demônios e a pedra fria vermelha.

O coração de Torak disparou.

— Como se chega lá? À caverna murmurante?

— De muitas maneiras.

— Me leve até lá.

— Não.

— Você tem que me levar. Quanto tempo estive dormindo?

— Hum... quase dois dias.

— *Dois dias?! —* exclamou Torak. — Mas isso significa que hoje é a Noite das Almas.

Seus gritos fizeram com que Lobo corresse para seu lado.

Agora Torak entendeu por que Eostra o deixara escapar: porque ele não havia escapado. Para ela, era conveniente que ele ficasse encasulado, como uma mosca em teia de aranha, até chegar o momento de lhe ser útil.

— Treva, me escute — disse ele, forçando-se a se manter calmo. — Esta noite, a Devoradora de Almas fará uma coisa terrível. Não sei exatamente o quê, mas sei que pretende conquistar os mortos, usá-los para governar os vivos. Você tem de me deixar ir embora!

— Mas, no seu sono, você disse que ela quer matá-lo. Você deve ficar comigo. Está mais seguro aqui.

— Após esta noite, não haverá nenhum lugar seguro, ela ficará muito forte! Com os mortos sob suas ordens, ela governará as Montanhas, a Floresta, o Mar!

— O que é o Mar? — perguntou Treva.

Torak soltou um rugido que sacudiu a caverna.

Lobo colocou as orelhas para trás e uivou.

Ark bateu as asas.

Com um imenso esforço, Torak manteve a calma.

— Talvez isso o convença. De algum modo que não entendo, o espírito do meu pai está embaraçado com ela. Se eu conseguir detê-la, talvez eu o ajude também. Agora percebe por que *tem* de me deixar ir embora?

Uma sombra atravessou o extraordinário rosto de Treva, e subitamente ele pareceu mais velho.

— Meu pai me deixou. Ele nunca mais voltou.

Torak trincou os dentes.

— E se fosse Ark que precisasse de ajuda? Você faria qualquer coisa para salvá-la, não?

Treva torceu as mãos brancas como giz até os nós dos dedos estalarem. Torak podia perceber que ele estava dividido.

— Invernos e invernos eu passei aqui — disse ele. — Você é a primeira pessoa, o primeiro ser vivo.

Sentindo a perturbação de Treva, Ark voou para seu ombro.

Lobo olhou aflito de Torak para Treva e novamente de um para o outro.

Torak esperou.

Treva sacudiu a cabeça.

— Não. Não posso deixar você ir embora.

VINTE E NOVE



— *Um dia* — disse Renn, ao coxear pelas pedras. — É tudo que peço. Um dia!

Uma pedra zuniu abaixo e se espatifou atrás dela.

— Desculpem — murmurou para o Povo Oculto.

Eles não gostavam quando ela falava muito alto. Não gostavam muito *dela*. Mas, até então, eles a toleravam; talvez por causa dos pequenos feixes de gravetos de sorveira que ela deixava em cada marcador de trilha.

Fazia dois dias desde a partida de Torak. Os Cisnes tinham querido partir de imediato, mas Renn insistira para que permanecessem na entrada da Garganta. Ela passara um dia desesperado no acampamento, trincando os dentes e esperando que seu tornozelo melhorasse. Na manhã seguinte, mentiu para os Cisnes, dizendo que havia melhorado, e saiu atrás de Torak. Eles não tentaram detê-la. Simplesmente lhe deram provisões e a observaram partir.

A princípio, as coisas saíram bem. Os rastros de Torak tinham sido fáceis de seguir, e embora seu tornozelo doesse, Renn conseguiu se apoiar nele. Ela se sobressaltara a cada som, mas seu senso de Maga lhe dizia que as criaturas de Eostra estavam muito longe. E, durante a tarde, ela fizera uma descoberta animadora: um abrigo de pedras que era inconfundivelmente de Torak. Renn passou a noite ali, e adormeceu planejando o que diria quando o alcançasse.

Acordara dolorida, com frio e com medo. Um pálido fiapo de lua pendia no céu da manhã. No dia seguinte seria a Noite das Almas.

Ela não tinha ido muito longe, quando encontrou os ossos de uma lebre, limpos por bicadas de corvos. Nada estranho nisso; mesmo assim, sua mão foi sorrateiramente até as penas de sua criatura de clã. Maldade pairava no ar. Coisas ruins tinham acontecido ali. O mal havia se infiltrado nas pedras.

Isso acontecera algum tempo atrás, mas ela continuava abalada. Suas botas esmagavam ruidosamente moitas congeladas e líquen negro frágeis como cinzas. O sacudir de sua pele de água soava como passadas. Ela parou, para se certificar de que não eram.

— Elas não são reais — falou alto. — Não há nada aqui.

As pedras ficaram tensas. Renn sentiu o Povo Oculto observando.

Eostra também observava.

Nuvens começaram a se precipitar por cima dos cumes dos rochedos. Aos poucos, engoliram a Garganta, envolvendo Renn num viscoso abraço. Eostra não enviara seus cães para forçá-la a voltar. Não precisava.

Como uma sombra alada no canto de sua visão, Renn sentiu a presença da Maga Bufo-Real. A névoa enfiou-se furtivamente em sua garganta, roubando-lhe a respiração. Seu tornozelo latejou. Sua coragem foi embora. Por que continuar, se estava fadada ao fracasso?

Tivera uma estranha sensação de observar a si mesma de cima. Ali estava ela, uma garota coxa curvada de medo numa ravina. Nunca encontraria Torak. Ele partira porque queria enfrentar Eostra sozinho: porque queria morrer e estar com seu pai. E, em breve, esse desejo seria realizado.

A distância, um corvo crocitou.

Renn ergueu a cabeça. Era Rip.

Momentos depois, ainda mais distante, ela ouviu Rek responder.

Ao ouvir seus gritos desaparecendo lentamente, Renn apertou os pulsos. Rip e Rek não pareciam derrotados. Pareciam planejar algum misterioso assunto de corvo próprio deles; provavelmente relacionado à comida.

Como se em solidariedade, sua barriga roncou. Com névoa ou sem névoa, ela estava com fome.

Abrindo a bolsa de comida, tirou duas tiras de língua de rena defumada grudadas uma na outra com tutano. Sentou-se numa pedra e começou a comer. Era a melhor coisa que já tinha provado.

Ela decidiu que seu arco também precisava de alimento. Juksakai havia lhe dado uma bexiga de óleo de juntas de patas de rena, que ele dissera ser melhor do que qualquer coisa para manter madeira e tendão flexíveis, mesmo no clima mais frio. Renn usou-o generosamente em seu arco. Depois, verificou suas flechas: um presente de Krukoslik, com excelentes pontas de quartzo e emplumadas com penas de coruja-branca. "*Corujas bondosas*", sussurrou a meia-voz.

A neblina cercou-a furiosamente.

A comida, o óleo, as flechas: estas coisas foram preparadas por pessoas gentis. As roupas que haviam lhe dado eram para lhe dar coragem, além de aquecer. As

Lebres das Montanhas diziam que sempre faziam a frente de seus mantos com pele de peito de rena, "pois, no peito daquelas com galhadas, bate um grande coração".

Um grande coração. Os pensamentos de Renn se voltaram para Fin-Kedinn. Sentou-se mais ereta.

— Sou parente de osso do Líder Corvo — disse à neblina, e esta se contraiu diante da resolução em sua voz. — Sou Renn. Sou Maga.

Ao ir embora, a neblina não parecia mais tão espessa.

Sentindo-se mais à altura da batalha que tivera o dia todo, Renn repassou o que sabia dos planos de Eostra.

A Maga Bufo-Real pretendia viver para sempre. Queria devorar a alma-mundo de Torak e tomar para si seu poder.

Renn parou.

Até agora, nunca se perguntara *como* Eostra pretendia fazer aquilo. Mas, se ela conseguisse imaginar como, então talvez tivesse uma chance de detê-la.

O máximo que Renn conseguiu imaginar foi um ritual para *segurar* almas, do qual Saeunn lhe falara certa vez. Ele era realizado quando uma mãe ou um pai, sofrendo tão intensamente por causa da morte de um filho, corriam o risco de enlouquecer. O Mago deles prendia o espírito recém-desencarnado numa caixa de casca de sorveira e a fechava amarrando-a com um cacho do cabelo do morto. O pranteador então deveria viver separado do clã por seis meses, tendo por companhia apenas as almas na caixa. Em seguida as almas eram libertadas abrindo-se a caixa e queimando-se o cabelo no topo de uma colina, para que a fumaça flutuasse até a Primeira Árvore no céu.

Tirando a mitene, Renn coçou a cabeça. O que isso tinha a ver com Eostra? Seus dedos ficaram imóveis.

Cabelo.

O cabelo contém parte do seu Nanuak. É por isso que a Marca da Morte para a alma-mundo é pintada na testa.

Era disso, pensou Renn num lampejo de discernimento, que o tokoroth estava atrás, na noite após a tempestade de gelo. O cabelo de Torak. Se conseguir um pouco de seu cabelo na Noite das Almas, Eostra poderá tomar sua alma-mundo e seu poder.

Era horivelmente simples. E talvez também tivesse sido por isso que Eostra mandara seus tokoroths. Era para escarnecer deles, para lhes dizer que conseguiria o cabelo de Torak quando quisesse.

Renn começou a correr. Tropeçando nos montes de neve acumulada e escorregando no gelo das pedras acumuladas nas bases dos penhascos. Passou correndo por áreas de uva-ursina, encarnadas como sangue.

Um enorme pássaro mergulhou do céu, roçando seu capuz.

As batidas de suas asas desapareceram. Renn escondeu-se atrás de uma pedra. As batidas voltaram. Ruidosas demais para uma coruja, pensou ela.

Rip pousou na pedra e matraqueou um excitado kek-kek-kek!

Renn soltou uma gargalhada nervosa. Rip ergueu-se no ar e voou para longe. Quork!

Quando Renn não o seguiu, ele voou de volta.

Renn mordeu o lábio. O rastro de Torak levava diretamente adiante, mas Rip queria que ela o seguisse abaixo, para uma vala.

Quork!, crocitou impientemente.

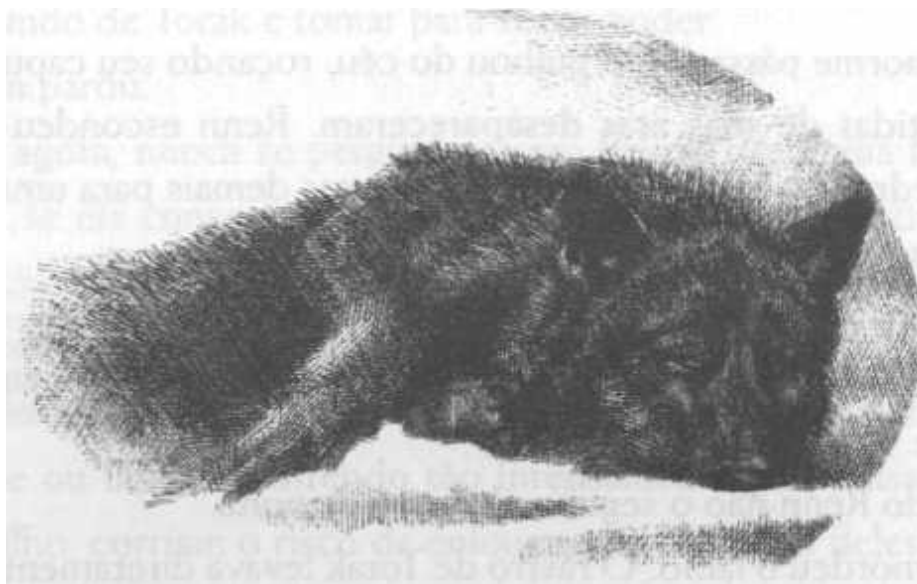
Renn o seguiu.

Não tinha ido muito longe, quando a neblina rareou e ela conseguiu enxergar algo nas pedras. Rip e Rek voavam acima, como se circundassem uma carcaça.

O estômago de Renn revirou-se. *Era* uma carcaça.

O som desapareceu enquanto ela cambaleava em sua direção.

TRINTA



A respiração de Pelo-Escuro surgia como tossidas rascantes que faziam seus flancos se dilatarem.

Quando Renn se ajoelhou a seu lado, a loba ergueu a cabeça e tentou uma de suas pequenas mordidas de saudação. O esforço foi demais. Ela desabou de volta.

Despindo as mitenes, Renn passou a mão na lateral de Pelo-Escuro. Pôde sentir cada costela. Havia dias que a loba não comia.

Como ela conseguira chegar até ali?

Renn imaginou Pelo-Escuro arrastando-se para fora do rio, após o ataque da coruja, e indo em frente: exaurida, ansiando pelos seus filhotes, determinada a encontrar seu companheiro. Talvez tivesse sido atraída pelos uivos de Lobo; talvez pela força do elo entre eles.

Com o poder de recuperação de lobos que supera o de homens mais resistentes, ela sobrevivera à tempestade de gelo e conseguira atravessar as colinas. Renn lembrou-se de Krukoslik contar que caçadores encontraram um lobo morto e deixaram comida para seu espírito. Talvez tivesse sido Pelo-Escuro. Talvez a gentileza de estranhos tivesse salvado sua vida.

Abrindo a bolsa de comida com um puxão, Renn colocou uma tira de carne diante do focinho da loba. Pelo-Escuro ignorou-a.

Rip baixou e aproximou-se num movimento lateral.

— Não — ralhou Renn. — Ela precisa mais.

O corvo deu-lhe um olhar repreensivo e afastou-se emburrado.

Renn empurrou a carne mais para perto. Nada ainda.

Intrigada, Renn tocou uma das grandes patas negras.

Pelo-Escuro tensionou o corpo e deu um leve rosnado.

O temor de Renn aumentou. A pata estava queimando. Em seguida, notou que o nariz de Pelo-Escuro parecia embaciado. Sua língua tinha uma coloração cinzenta.

Renn curvou-se mais para perto — e recuou diante do fedor. Não era fome o que derrubara a loba. As garras da coruja tinham talhado sua perna dianteira do ombro até a canela, e o ferimento estava inflamando. Renn viu escorrer um pútrido pus verde.

Seus pensamentos dispararam. Pelo-Escuro estava deitada numa concavidade debaixo de uma pedra. Não demoraria muito para transformá-la em abrigo. Mais atrás, na vala, ela passara por uma moita de urzes, uma planta que Juksakai usava para acordar fogueiras. Ela trazia ervas em sua bolsa de remédios — Renn a havia reabastecido antes de deixar os Cisnes — e conhecia um encanto curativo.

Passou-lhe pela cabeça que tudo isso diminuiria suas chances de encontrar Torak, mas disse a si mesma que o atraso seria pequeno. Faria o curativo, forçaria Pelo-Escuro a comer e a deixaria se restabelecendo. Quanto tempo levaria isso?

Agora segura de si, Renn agiu depressa. Em pouco tempo, tinha construído o abrigo e acordado uma fogueira. Ao pé de uma pedra, onde um falcão havia se empoleirado para comer sua presa, ela encontrou a pequenina caveira de um rato silvestre: forte remédio contra febres. Melhor de tudo, os excrementos roxos na pedra levaram-na a um renque de juníperos ali perto. Isso seria um poderoso auxiliar ao encanto curativo.

De volta a Pelo-Escuro, ela esquentou água e preparou uma infusão de raiz de azeda triturada, ossos de rato silvestre e bagas de junípero. Esfriando isso com neve, ela passou a limpar o ferimento pingando algumas gotas no ombro machucado.

Os grunhidos de Pelo-Escuro sacudiram todo o seu corpo.

Renn engoliu em seco. Tentou novamente. O mesmo resultado.

Ela gostaria de ser Torak, para poder falar com os lobos. Se ao menos pudesse dizer a Pelo-Escuro que aquilo faria ela ficar boa.

— Pelo-Escuro, *por favor* — disse ela. — Estou tentando te ajudar.

Pelo-Escuro girou uma orelha.

— Você precisa me deixar limpar sua ferida.

O olhar verde-âmbar tocou o dela, e depois se afastou.

Talvez seja isso, pensou Renn. Apenas falar.

— Eu... eu sinto muito pelos filhotes — gaguejou. — E pela coruja ter machucado você. Mas Lobo está vivo. Você o verá novamente. Só que terá de me deixar ajudá-la.

Pelo-Escuro permanecia tensa, os músculos de suas longas pernas salientando-se como cordas. Mas ela prestava atenção.

Renn continuou falando: suave, continuamente. Rezando para que a loba percebesse, pela sua voz, que ela não pretendia lhe fazer mal.

Na vez seguinte que despejou o remédio na ferida, Pelo-Escuro ficou quieta.

Lavar a perna ferida foi agonizantemente lento. Renn fez o máximo que podia ousar, e então preparou o Unguento. Mascou bagas de junípero, depois triturou raiz de azeda com sangue da terra e entrecasca de junípero, e misturou tudo numa polpa quente.

Murmurando baixinho o encanto, ela se inclinou, escondendo o Unguento nas costas.

Pelo-Escuro exibiu seus temíveis dentes brancos.

Renn gelou. O suor escorria entre suas omoplatas.

Quando o focinho da loba se descontraiu, Renn lentamente fez surgir o Unguento.

Pelo-Escuro girou a cabeça para junto do rosto de Renn. Esta sentiu seu bafo quente. E olhou para suas mandíbulas abertas.

— Está... está tudo bem — vacilou. — Deixe-me fazer isso.

As mandíbulas se afrouxaram. A loba deitou-se e fechou os olhos.

Tremendo, Renn depositou o Unguento no ferimento. Pelo-Escuro nem se mexeu.

Os corvos se aproximaram e saíram carregando a carne. Renn estava cansada demais para se preocupar. Ela os ouviu brigar; em seguida, um sonolento farfalhar de penas e eles se aquietaram para dormir.

Dormir?

Ela rastejou para fora do abrigo.

Enquanto cuidava de Pelo-Escuro, o resto do dia tinha se passado. Por essa ocasião, Torak já devia ter chegado à Montanha de Fantasma. Na noite seguinte, quando o sol baixasse, seria a Noite das Almas.

Tarde demais, Renn deu-se conta da astúcia de Eostra. A Devoradora de Almas permitira que Pelo-Escuro fosse tão longe por um motivo: manter Renn afastada de Torak. E não foi difícil deduzir por que os cães não a tinham ameaçado. Eles tinham outra presa para caçar. Em algum lugar, em algum lugar solitário, estavam encurralando Torak e Lobo. Renn viu suas cabeças maldosas afundar entre os ombros, à medida que se aproximavam para a matança...

Irritada, afastou esse pensamento, e rastejou de volta para o abrigo, onde encontrou Pelo-Escuro se agitando durante o sono.

Renn mordeu o lábio. Ela sabia que teria de passar a noite ali — mas e depois? Ficaria para cuidar de Pelo-Escuro? Ou deixaria a loba à própria sorte e tentaria alcançar Torak?

Lobos saravam muito mais depressa do que gente, mas, mesmo assim, o ferimento precisaria ser limpo e enfaixado. Talvez mais um dia fosse perdido.

Renn não sabia o que fazer. Sentiu-se puxada para diferentes direções por cordas de lealdade e amor.

A seu lado, o rabo de Pelo-Escuro se sacudia enquanto ela dormia. Seu focinho tremeu. Ela sorria. Soltoou um ganido agudo, aflito.

O coração de Renn se apertou de piedade. Em seus sonhos, Pelo— Escuro chamava os filhotes mortos.

Momentos depois, a loba acordou. Por um instante, seus olhos brilharam. Então o sonho se desfez, e ela deu um suspiro de frustração.

Delicadamente, Renn alisou sua pata dianteira. Se ela fosse atrás de Torak e Pelo-Escuro morresse, como voltaria a encarar Lobo? Como voltaria a enfrentar a si mesma?

Suas dúvidas desapareceram. Se falhasse agora com Pelo-Escuro, então o que quer que acontecesse na Montanha de Fantasma, Eostra teria vencido. A loba tinha suportado tristeza e privação. Embora seu espírito gritasse para seguir Torak, Renn tinha se decidido.

Ficaria.

TRINTA E UM



Torak mergulhara num furioso silêncio. Treva mexia em suas coisas e fazia perguntas. O que é esta coisa verde? Uma pulseira protetora? Quem a fez? O que é pai adotivo? Ele te ama? Por que esta bolsa foi feita com pés de cisne? Para que serve este chifre? Quem o fez? Sua mãe? Ela o ama?

— Sim! — berrou Torak. A Noite das Almas assomava, e ali estava ele, amarrado como uma ptármiga, enquanto aquele garoto singular examinava seus pertences.

— Há um cabelo ruivo em volta da extremidade do chifre — observou Treva. — É da sua mãe?

— Não. É de uma garota chamada Renn. Não toque.

Treva olhou para ele.

— Ela é sua companheira?

— Não.

— Mas você gosta dela.

— Claro.

— E ela gosta de você.

— Sim! — vociferou.

O rosto pálido de Treva fechou-se. Suas pestanas brancas tremeram. De repente, ele arremessou o chifre de remédios para baixo e correu para as sombras. Momentos depois, reapareceu com as roupas de Torak penduradas nos braços.

— Tome. — Jogou-as no chão.

Ark grasniu e bateu as asas. Lobo farejou as peles. Torak olhou para Treva.

Bruscamente, o garoto puxou sua faca e cortou as amarras.

— Você está livre. Pode ir.

Torak não perdeu tempo para se vestir. Ao fechar o cinto, perguntou:

— O que fez você mudar de ideia?

Treva apanhou um carcaju de ardósia de uma saliência e olhou para ele.

— Todas essas pessoas vão sentir a sua falta. Ninguém sente a minha.

Torak fez uma pausa.

— Sinto muito.

Treva largou o entalhe.

— Eu deixarei você ir embora.

A caverna era mais profunda do que Torak imaginara. Com Lobo caminhando atrás, ele seguiu o vislumbre do cabelo teia de aranha de Treva. As paredes se fechavam. Renas e bois-almiscarados o observavam de perto. Sem se importar com o que mais habitasse nas sombras, ele perguntou:

— A sua irmã. Ela vai...?

— É Noite das Almas. Ela foi com os outros.

Torak sentiu o ar gelado, e adivinhou que tinham chegado à saída.

Treva enfiou uma funda no cinto e amarrou em volta dos olhos uma máscara de pele de ave. Torak cortou os cordões de suas mitenes para que elas não ficassem no caminho. Treva chutou para o lado um calço de granito e rolou para longe uma pedra; mas, ao se ajoelhar a fim de rastejar para fora, Torak disse:

— Espere. Preciso que você faça uma coisa.

A última vez que ele usara Marcas de Morte tinha sido três invernos atrás, quando se preparara para caçar o urso demônio. Na ocasião, Renn o ajudara. Agora era Treva quem devia pintar os círculos de sangue da terra em seu esterno, calcanhares e testa.

Enquanto mexia o ocre com os dedos, Treva comentou:

— Eu me lembro disto. É para gente morta.

Torak não respondeu.

O toque de Treva era leve e hábil, e, de certa forma, tranquilizador.

— Sobrou um pouco — disse ele, quando acabou. — Você deve colocar no cabelo. Haverá fantasmas. Não vai querer que eles cheguem perto demais.

A pasta vermelha gelou o couro cabeludo de Torak, mas ele se sentiu estranhamente reconfortado: talvez porque sua mãe, que fora Veado-Vermelho, também usasse ocre no cabelo.

Ele esfregou o resto entre as orelhas de Lobo. Em breve, seu irmão de alcateia ficaria sozinho na Montanha. Aquilo talvez o mantivesse seguro.

A ideia de deixar Lobo era insuportável, mas também o era a ideia de levá-lo para o interior da Caverna Murmurante e vê-lo morrer.

Com um rosnado irritado, Lobo se debateu para se soltar e saiu correndo da caverna, seguido por Ark e Treva. Torak rastejou atrás deles para o frio de rachar.

Ele se descobriu numa encosta abismai coberta de neve. A neblina havia se dissipado. O céu era de um amarelo ominoso. Em breve, a Montanha soltaria seus fantasmas.

Quando seus olhos se acostumaram à luz, Torak se deu conta de que estavam na face oriental. A fenda que ele havia escalado ficava em alguma parte a oeste. Acima dele, a Montanha de Fantasmas perfurava o céu, seu pico resplandecendo os últimos raios do sol poente. A hora do demônio estava próxima.

Ark voou acima de sua cabeça, as asas brancas lampejando. Lobo corria por ali, farejando furiosamente e parando de vez em quando para observar algo se mover abaixo da encosta: algo que Torak não conseguia enxergar.

Treva vedou a entrada de sua caverna com uma engenhosa arrumação de pedras que as escondiam de vista.

— Aquele é o caminho para a Caverna — disse ele, apontando. — Mas é muito íngreme, portanto, primeiro teremos de seguir para leste, depois fazer a volta.

A dura neve compactada era traiçoeira, e Treva mostrou a Torak como quebrá-la chutando-a com os dedos dos pés.

— Você tem de chutar *diretamente*, ou seu pé vai resvalar. — Uma placa de neve desprendeuse e caiu explodindo lá embaixo, demonstrando o que aconteceria se Torak fizesse a coisa errada.

— Siga-me — bradou ele por cima do ombro.

Sua voz ressoou, e Torak estava para pedir que se calasse, quando pensou: Do que adianta? Eostra sabe que estamos aqui. É isso o que ela quer.

Ocorreu-lhe a loucura do que estava prestes a fazer. Não tinha machadinha, não tinha arco e não tinha um plano, a não ser o de encontrar o caminho para a Caverna Murmurante e depois... o quê? Como imaginava ele que conseguiria destruir o poder da Maga Bufo— Real? Ele estaria tão indefeso quanto aquela jovem lebre nos dentes da matilha.

Fiquei louco?, perguntou-se. Será que é porque estou muito perto do céu?

Renn teria lhe dito exatamente o que pensava, com um revirar de seus olhos escuros. Ela lhe fazia tanta falta que Torak até se sentia doente.

— É aqui que fazemos a volta — anunciou Treva, à espera de que ele o alcançasse.

Lobo estava ao lado de Treva, ofegando e sacudindo o rabo. Sentindo a desventura de Torak, trotou de volta até ele, suas patas levantando flocos cintilantes de neve. *Estou com você*, disse a Torak.

— Não está muito distante agora — avisou Treva.

Seguiram marchando em frente com o sol em seus olhos. Olhando para baixo, Torak viu que as sombras rastejavam Montanha acima. Em breve seria a Noite das Almas.

— Ali — disse Treva baixinho. — É ali a entrada. A Cicatriz.

Protegendo os olhos, Torak viu um talho na face da Montanha. De cada lado, uma mão fora gravada a malho na pedra. Linhas de poder emanavam dos dedos médios, para repelir o mal.

Em vão. Marcas de garras tinham riscado as mãos, aniquilando seu poder para que Eostra pudesse entrar.

Torak sentiu o bafo da Cicatriz gelando seu rosto, endurecendo o sangue da terra em sua pele. Lá dentro, a morte esperava para reivindicá-lo. Ou pior: o inimaginável horror de ficar perdido.

Cada fragmento de seu espírito se rebelou. Não farei isso! Que outro lute contra Eostra! Não tem que ser eu!

Ele fugiu, arrastando-se cegamente encosta acima. Tropeçou e caiu de joelhos.

Quando levantou a cabeça, notou que sua fuga o levava para muito mais alto. Viu o que até agora ficara oculto de vista. A Montanha era de fato o pico mais oriental, mas o que havia mais além dele não era a beira do mundo. Lá embaixo, bem distante, seguindo na direção do horizonte, havia outra Floresta.

Admirado, Torak distinguiu sorveira e Videeiro, carvalho e faia; pinheiro e abeto montavam guarda para suas irmãs adormecidas. E ele, que agira como espírito errante nas árvores mais antigas da Floresta do oeste, agora ouvia o chamado da Floresta do leste. *Sou infinita e eterna*, murmurou ela em sua mente. *Dou vida a todos que habitam em mim. Por mim, vale a pena lutar.*

O desafio inflamou-se nas almas de Torak. Se ele desistisse agora, então Eostra teria vencido, e nenhum lugar estaria seguro. A Devoradora de Almas rasgaria ao meio a pele entre os vivos e os mortos, e o equilíbrio do mundo seria destruído.

O sol mergulhou. A claridade sumiu da Floresta. A hora do demônio chegou.

Torak desceu penosamente a encosta até onde Lobo e Treva esperavam. Ele caminhou na direção da Cicatriz.

A dois passos dela, parou.

— Cuide de Lobo — pediu a Treva. — Preciso deixá-lo para trás.

Treva ficou horrorizado.

— Mas... nós viemos com você! Você precisa de mim para mostrar o caminho.

— Treva, não acredito que eu vá sobreviver a isso. Não faz sentido você morrer também. Quanto a encontrar o caminho... — Engoliu em seco. — Creio que há gente lá dentro que me guiará.

Ajoelhou-se para seu último adeus a Lobo. *Adeus a Lobo*. Não era possível.

Não pense em Lobo ser deixado para trás, na Montanha: confuso, incapaz de perceber por que seu irmão de alcateia o abandonou.

Lobo fungou em sua bochecha, e Torak sentiu a cócega de seus bigodes e a calidez de seu bafo. *Irmão de alcateia*, disseram os olhos dourados, tão claros

quanto a luz do sol em mel.

Lobo nada sabia sobre profecias, ou dos loucos desígnios de Eostra; mas seguiria seu irmão de alcateia mesmo para dentro do terror da Cicatriz.

Com um soluço sufocado, Torak enterrou o rosto no cangote de Lobo. Este ganiu baixinho e lambeu seu pescoço. *Estou com você.*

Deixar Lobo para trás seria uma traição que ele nunca entenderia; da qual jamais se recuperaria.

— Não posso — disse Torak com uma voz estridente. — Aonde eu vou, ele vai.

Ao se pôr de pé, ele vislumbrou um rápido movimento no interior da Cicatriz.

Lobo baixou a cabeça e rosnou.

— Você viu aquilo? — sussurrou Treva.

Lá dentro, sobre uma coluna de pedra às escuras, estava acocorado um tokoroth.

Através de um emaranhado de cabelo imundo, olhos demoníacos reluziam com maldade. Em silêncio, a criatura apontou uma garra amarela para Torak, depois recuou o braço esquelético para a escuridão interior.

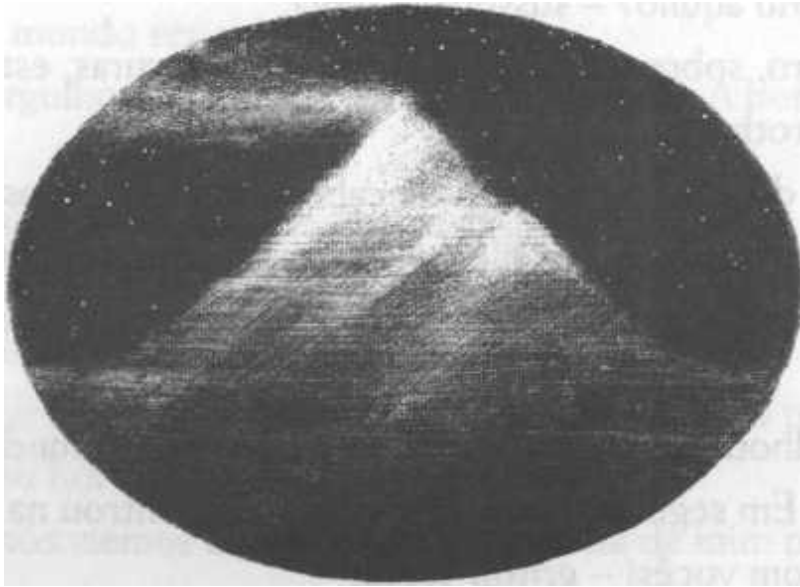
Torak olhou de relance por cima do ombro o mundo que estava para deixar. Em seguida, com Lobo a seu lado, entrou na Cicatriz.

— Vou com vocês! — gritou Treva.

Mãos invisíveis rolaram uma pedra para a entrada, deixando-o do lado de fora.

E a Montanha engoliu Torak e Lobo.

TRINTA E DOIS



Renn caiu de joelhos diante da Montanha sagrada.

A Noite das Almas. Ela sentiu a presença dos fantasmas aos quais a Montanha pertencia.

Com as mãos trêmulas, fez uma oferenda de sangue da terra e carne. Num suave murmúrio, implorou à Montanha para que a deixasse passar. Em seguida, jogou sobre o cabelo o resto do ocre, para protegê-la dos fantasmas.

Acima, o céu era de um profundo azul crepuscular. O frio era brutal. Sua respiração estalava nas narinas. Seu tornozelo doía, e os pés estavam machucados pelas malvadas lâminas de ardósia da colina.

A poucos passos de distância, uma sombra se mexeu. Ela deu um suave latido. Pelo-Escuro saltou na direção dela. Seu rabo estava alto, o pelo afogado pela excitação. Os olhos iluminados pelas estrelas tinham um brilho prateado.

A coragem de Renn foi reforçada.

— Venha, então — disse ela a meia-voz. — Vamos checar suas patas.

Para protegê-las da colina de lâminas, Renn recortara sua bolsa de comida e fizera botas para patas. Estas tinham dado certo. As partes polpudas das patas da loba mal tinham sido arranhadas.

Um bom sono e o Unguento tinham feito maravilhas por ela, e, após ter limpado o ferimento com lambidas e engolido a maior parte dos suprimentos de Renn, Pelo-Escuro se tornou uma nova loba. Por volta do meio-dia, ela andou em volta do abrigo, coxeando, mas aspirando ansiosamente o cheiro do rastro de seu companheiro.

Renn, contudo, ficara apreensiva, após sonhos terríveis com fantasmas que sussurravam com a voz de Torak. E, quando rastejara para fora do abrigo, os corvos haviam sumido.

Ela e Pelo-Escuro tinham seguido com uma boa velocidade, ao encontrarem o caminho para a Garganta do Povo Perdido, a loba trotando à frente, e voltando para esperar Renn. Ela não precisava saber a fala de lobo para interpretar aqueles latidos impacientes. *Rápido! Não consegue vir mais depressa?*

Em algumas ocasiões, porém, Pelo-Escuro parava e virava a cabeça para observar algo que Renn não conseguia ver. Às vezes, ela balançava o rabo. Outras, os pelos de seu pescoço ficavam eriçados.

Um pássaro branco atravessou as estrelas. Renn lembrou-se do guardião branco de sua visão e se pôs de pé.

À sua direita, uma encosta com tálus descia de forma íngreme. Adiante, um campo de pedras levava à Montanha sagrada. O céu era imenso e cruel. Não havia lua para lhe dar coragem. Apenas as estrelas frias e o brilho vermelho do Grande Auroque — e, mais além, a infindável escuridão.

Renn pensou: talvez Eostra já tenha vencido. Torak já é Um Perdido.

O silêncio enquanto ela percorria o campo de pedras grandes era terrível. Os únicos sons eram o limar de sua respiração e o rangido de suas roupas. Silenciosa como um espírito, Pelo-Escuro corria adiante.

Um lobo negro no escuro é difícil de se localizar, e Renn tinha de seguir o bafo da loba: pequenas baforadas de vida na desolação.

De repente, ela viu Pelo-Escuro movimentar-se rapidamente por um trecho de neve até um espigão escuro, onde correu de um lado a outro, farejando agitadamente. Desapareceu numa fenda. Renn ouviu o eco de rosnados. Então ela emergiu e trotou de volta ao espigão, sacudindo o rabo.

Renn correu para investigar. Ao se aproximar, os pelos de seus braços se eriçaram. Alguém cavara um buraco na neve. Em volta, havia uma bagunça de marcas de patas. Não eram de Lobo.

Formigando de medo, ela rastejou para dentro do abrigo.

Sua respiração era alta no espaço apertado. Suas mãos encontraram uma aljava com flechas. Uma bolsa de comida. Uma pele de água. Um saco de dormir, amarrotado e duro de gelo.

Um arco.

Despindo uma mitene, percorreu os dedos pela madeira congelada. Ali: a marca pontuda da Floresta com que Torak o havia entalhado no verão passado, igual à que sua mãe gravara no chifre de remédios muito tempo atrás.

Sentindo-se enjoada, Renn pousou o arco. A verdade se estendia à frente, coberta de gelo. Havia algum tempo, Torak arrastara-se para fora do abrigo, deixando seus pertences para trás. E não voltou.

Renn retrocedeu e passou a vomitar.

Pelo-Escuro ganiu e disparou para a extremidade do tálus, onde parou, escutando atentamente.

Tremendo, Renn endireitou-se.

Pelo-Escuro a ignorou. Choramindo, ela correu em círculos, como se não soubesse o que fazer. Depois desceu correndo a encosta.

— Pelo-Escuro — chamou Renn, com um sussurro horrorizado. — Volte!

O estrépito de cascalhos esmoreceu. Pelo-Escuro sumira.

A mão de Renn arrastou-se até as penas de sua criatura de clã. Estava sozinha na Montanha de Fantasma.

Indistintamente, à luz das estrelas, ela localizou a trilha que levava à fenda, e novamente para fora; a faixa de neve revolvida seguindo para leste.

Ao entrar na fenda, ela tropeçou em algo. Estava congelado no chão: teve de forçar para que se soltasse.

A machadinha de Torak.

Renn deduziu imediatamente o que acontecera. Ele havia escalado a fenda para escapar da matilha de Eostra. Tinha caído. A neve revolvida era a marca de um arrastado por onde alguém levava seu corpo.

Renn largou a machadinha e ficou oscilando na escuridão.

— Torak! — O grito irrompeu de dentro dela. — Torak! Torak! — O nome ecoava de um lado a outro. *Torak! Torak!* Lentamente, sumiu na Montanha.

No topo da fenda, um rosto a observava.

Renn puxou uma flecha e a encaixou em seu arco.

— Não atire! — gritou uma voz.

Renn retesou o braço de puxar e se preparou para fazer justamente aquilo.

Flexível como uma marta, uma figura saltou para a fenda e começou a descer.

Mantendo a mira, Renn deu um passo para trás.

Com espantosa velocidade, a criatura fez a descida e pulou para o chão, girando para a encarar. Num surpreendente momento, ela captou um rosto pálido como osso e uma massa de cabelos brancos.

— Você é Renn? — ofegou o garoto.

O queixo dela caiu.

— Depressa! — Ele a agarrou pelo pulso. — Temos de salvar Torak!

TRINTA E TRÊS



Chamas saltaram. Sombras recuaram. Em sua coluna, o tokoroth segurava uma tocha crepitante e olhava para Torak.

Este vislumbrou garras reluzentes e cabelos pesados com piolhos. Viu olhos que não piscavam circulados com giz para lhes dar um aspecto de coruja. Em seguida a criatura saltou para longe, mergulhando na escuridão.

Despindo as mitenes, ele sacou a faca e foi em frente.

O túnel era frio; percebia o caminho através de uma úmida nuvem de respiração. Sombras andavam a passos rápidos. Sua mão deslizou sobre uma pedra tão sulcada e limosa quanto entranhas. Numa brecha, algo escamoso retraiu-se ao seu toque.

Em volta de si, ele sentiu o espantoso peso da Montanha. Estava dentro dela: aquela vasta, antiga criatura que precisava apenas contrair-se para esmagá-lo e transformá-lo em pasta.

Atrás dele, vinha o suave clicado das garras de Lobo. Ele havia parado de rosnar e não tentara atacar o tokoroth, talvez achando que este ficaria fora do alcance. O que alarmou Torak, porém, foi que o tokoroth ignorou Lobo, como se soubesse que ele não apresentava qualquer ameaça.

Ao penetrarem cada vez mais fundo, Torak se arrependia cada vez mais de ter deixado seu irmão de alcateia vir com ele. Eostra jamais permitiria que Lobo chegasse à Caverna Murmurante. Daria um jeito de separá-los — e Lobo seria morto.

Ficou imaginando quantos tokoroths mais estariam à espera. Onde estaria a matilha de Eostra? E sua coruja?

Agachando-se, ele perguntou a Lobo se aquele filhote-demônio era o único.

Mais, respondeu Lobo, os bigodes roçando as pestanas de Torak. *Não consigo cheirar onde.*

Mais adiante, o tokoroth mostrou suas presas e rosnou para que eles prosseguissem.

E eles foram em frente, sempre descendo. O frio diminuiu. Torak sentiu uma lufada de ar mais quente de baixo para cima. Estranhos sinais assomaram à sua frente na escuridão. Um zigue-zague a giz. Uma impressão amarela de mão. Uma alarmante criatura a carvão com muitos membros. Seriam um alerta? Ou foram colocados ali para manter os demônios atrás das pedras?

Seus dedos tateadores encontraram uma série de seixos, lisos e redondos como olhos. Uma lembrança de três verões atrás veio à tona: o enigma do Nanuak. *"Mais funda de todas, a visão afogada."*

Atrás dele, Lobo deu um leve "au!".

O tokoroth desapareceu depois de uma curva.

Torak sentiu-o passar — e parou com um tranco.

Luz de fogueira luzia mais além de um arco de pedra branca; em volta dela, um caos de impressões vermelhas de mãos: *Volte, volte!*

Depois tudo aconteceu ao mesmo tempo. Torak viu o tokoroth mergulhar a tocha numa poça e escalar o arco. Algo caiu ruidosamente atrás dele: uma parede de couro cru, bloqueando seu caminho. Do outro lado, Lobo uivava e pelejava para alcançá-lo. Torak tentou cortá-lo para passar, mas o couro era muito duro, sua faca resvalou. O tokoroth caiu sobre ele como uma aranha, arranhando seu rosto. Quando Torak caiu de joelhos, o demônio puxou para trás seu capuz para o estrangular. Ele o cortou com sua faca. O tokoroth guinchou e largou o capuz. Torak agarrou seu braço e o torceu. O demônio livrou-se do aperto com uma torção contrária e sumiu através do arco.

Ofegante, enjoado com o fedor do demônio, Torak pôs-se de pé. Sem firmeza, deu um passo para trás.

Para o nada.



Lobo deu um bote e mordeu os filhotes-demônios, e estes reagiram com suas grandes garras de pedra.

Lobo fingiu saltar para um lado, e eles saltaram atrás dele; mas foi para o outro lado, enfiando os dentes numa perna escamosa. O filhote— demônio uivou e largou sua garra de pedra. Outro mordeu o ombro de Lobo. Ele o atacou, errando-o por um bigode. Ambos os demônios fugiram para cima das pedras, onde ele não conseguia alcançar.

Estava escuro demais para enxergar, mas ele os sentia. Ouvia seu bafo; os piolhos rastejando pela pele deles. Por que não atacavam?

De estalo, descobriu. Eles podiam ser demônios, mas estavam em corpos de sem-rabo, portanto tinham apenas ouvidos e narizes fracos de sem-rabo. Se Lobo não se mexesse, eles não saberiam onde ele estava.

Discretamente, ele fechou o focinho e deu uma fungada silenciosa.

O fedor de sangue e ódio estava por toda a volta; era, porém, mais forte acima.

Ele ouviu o berro do Alto Sem-Rabo do outro lado do couro. Lobo não conseguiu suportar aquilo; saltou para o couro — e os filhotes-demônios caíram em cima dele.

Eles eram rápidos, mas Lobo era mais rápido. Girando, enfiou as presas num pescoço ossudo. O demônio ficou mole. Lobo farejou o outro e saiu em perseguição. A coisa desapareceu depois do couro.

Lobo foi cheirar o filhote sem-rabo caído no chão para se certificar de que estava realmente Sem-Bafo. Sim. A carne esfriava. Mas Lobo viu o demônio, que estava escondido dentro da carcaça, escapulir e sair apressado para encontrar um novo corpo. Ele correu atrás da coisa e a encurralou num Covil de onde não conseguiria escapar, e o afugentou para dentro das pedras. Pronto. Agora ele não conseguiria sair novamente.

Quando voltou para o couro, encontrou o Bafo-que-Anda do filhote sem-rabo tiritando ao lado de sua carcaça. Era desconcertante. Após tanto tempo preso com o demônio, a coisa não sabia o que fazer.

Lobo sentiu uma lambida de piedade. Era apenas um filhote. Ele o empurrou com o focinho para o túnel, na direção dos outros. Vá para lá. Não se sentirá tão sozinho, nós passamos por uma porção de vocês, durante a descida.

Choramingando, o Bafo-que-Anda saiu perambulando para encontrar sua alcateia.

Do outro lado do couro, vinham muitos ruídos. Lobo captou os rosnados de cães e o clicar das garras dos filhotes-demônios, o furtivo sibilar de asas de coruja e o distante sussurrar do Molhado Ligeiro, tudo vindo lá de baixo.

Farejou seu irmão de alcateia, e outro sem-rabo que conhecera outrora, mas de quem não conseguia se lembrar. Então o ar mudou e ele captou um cheiro que fez seu pelo ficar de pé: a Cara de Pedra com o terrível focinho duro.

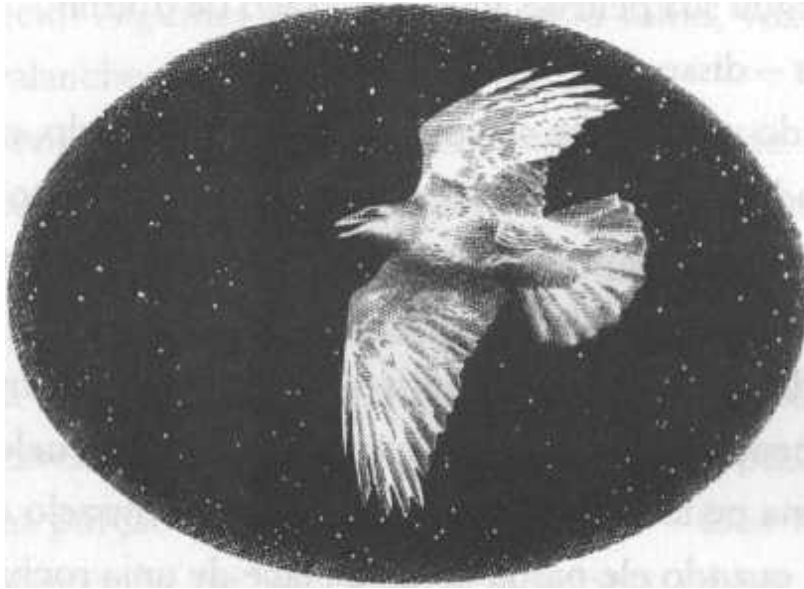
Louco para alcançar seu irmão de alcateia, Lobo deu um salto desesperado para o couro. Este era alto demais, ele não conseguiu passar por cima. Tentou rasgá-lo com as presas, mas era liso demais, não conseguia envolvê-lo com as mandíbulas. Tinha de encontrar outro meio.

Fazendo a volta, ele disparou para fora do Covil. Através de túneis sinuosos, trotou, batendo focinho e cutucando com as patas. Irrompeu num Covil maior, onde

o ar de muitos outros menores rodopiaram à sua volta.

Leve e distante, ele captou um cheiro que lhe deu esperança. Era o cheiro do novo sem-rabo com pelagem branca na cabeça, e, com ele — Lobo mal podia acreditar em seu focinho —, *com ele, estava a irmã de alcateia.*

TRINTA E QUATRO



— Quem é você? — quis saber Renn.

— Treva — respondeu o rapaz.

— O *quê*? — Livrando-se de seu aperto, ela sacou sua faca.

— Meu nome é Treva!

Renn sacudiu a cabeça.

— Seja lá quem for, você diz que conhece Torak, mas como vou saber que é verdade?

— Eu sabia seu nome, não sabia?

— Você pode tê-lo levado a falar.

— Você tem cabelo ruivo. Torak tem um cacho de seu cabelo em volta do chifre de remédios dele. Pronto! Agora acredita em mim? Renn hesitou.

— Onde está ele?

— Já lhe *disse*, na Montanha! Tentei ir também, mas eles me deixaram de fora.

Mas há uma outra entrada. Você vem comigo ou não?

Ela ainda continuava relutante.

Um pássaro branco pousou no seu ombro.

Um corvo. Um guardião branco.

Renn largou sua pele de água e seu saco de dormir.

— Vamos — disse ela.

Agarrando novamente seu pulso, ele saiu correndo, o corvo branco voando adiante. O garoto chamado Treva devia ter olhos de morcego para enxergar naquela escuridão — Renn mal conseguia distinguir o chão à sua frente — e dava passos seguros.

— Não deixarei você cair — disse-lhe ele, como se tivesse ouvido seus pensamentos. E, de alguma forma, ela acreditou nele.

Após uma penosa, tortuosa escalada, seu tornozelo doía, e ela ficou aliviada quando ele parou ao pé da face de uma rocha.

Pelo menos ela achava que era a face de uma rocha. Nuvens encobriam as estrelas; a noite era negra como basalto. Ela observou o corvo se afastar voando, um branco vislumbre engolido pelo escuro.

— Luz — murmurou o garoto, caindo de joelhos. Uma tocha de casca de Vidoeiro acendeu-se bruxuleante, iluminando seu estranho, pálido rosto.

— Ali dentro — disse ele.

A barriga de Renn apertou-se. Era uma fenda denteada, como uma boca com dentes quebrados, e de tamanho suficiente apenas para um texugo. Eles teriam de se arrastar de barriga.

— Não consigo entrar aí — disse ela.

— Você não vai ficar entalada. Eu vou primeiro, você empurra sua machadinha e seu arco para a frente e eu os apanho. Será fácil, você vai ver.

Quando rastejou atrás dele, Renn sentiu as mandíbulas de pedra se fecharem, pressionando o ar para fora de seu peito. Renn se contorceu adiante, tentando não pensar na Montanha acima dela. O pânico aumentou. Ela estava entalada, assim como esteve no Distante Norte. Mas, dessa vez, não conseguia sair.

— Atravessamos — anunciou o garoto, agarrando o capuz dela e arrastando-a para um espaço ecoante.

Ela bateu a cabeça e deu uma risada nervosa.

— Silêncio! Algumas dessas pedras estão soltas, você pode provocar uma avalanche. E cuidado com os buracos.

Era apavorante enxergar apenas um passo adiante. Mais à frente, sob a bruxuleante luz de tochas, o escuro era tão intenso que forçou seu globo ocular. Com uma flecha e seu arco ela explorou o terreno à frente. Tropeçou. Sua mão tateante encontrou algo macio e abobadado. Uma caveira. Sua lamúria fez o garoto voltar correndo. A luz revelou a caveira de um urso: enorme, sufocada em pedra.

— É uma porção de ossos — explicou Treva. — Dos velhos tempos, quando a Montanha era mais alerta. Ela sufocou muitas criaturas.

Ao se aprofundarem mais, Renn ouviu água gotejar. Sentiu ar frio vindo de túneis invisíveis. Notou úmidas colunas cinzentas agrupadas. Ao passar, sombras dispararam. Desviou a vista do Povo Oculto da Montanha.

— Cuidado, isso é profundo — alertou o garoto.

Ela passou por cima de uma fenda e captou um murmúrio de água bem abaixo.

Treva parou tão abruptamente que ela quase o atropela.

— O que foi? — perguntou Renn.

— Está fechado — respondeu simplesmente.

Uma enorme pedra bloqueava o túnel. Nela, fora desenhada uma imagem em gipsita, de modo que tinha um pálido brilho branco. Uma enorme coruja. Seu corpo estava torcido para o outro lado — Renn viu suas asas dobradas sobre as costas —, mas a cabeça havia sido virada para fitá-los. O significado era claro. *Eostra vê tudo*.

— Ela sabe onde estamos — afirmou Renn.

— Claro que sabe — concordou Treva.

Ele foi para o lado, levando a luz, e a coruja mergulhou na escuridão. Renn ainda sentia seu olhar.

— Acho que há outro túnel — murmurou Treva, percorrendo os compridos dedos pálidos pelas pedras, como se sentisse seu recado. — Ah. É isso!

Ele a conduziu até uma pilha de pedras, e depois abaixo para o interior de um buraco frio e úmido. Esse túnel era mais estreito — eles se espremiavam de lado —, mas, para alívio de Renn, ele logo se abriu.

Novamente, Treva parou.

— Não me lembro disto.

Erguendo a tocha, ele mostrou a Renn uma caverna com o teto coberto com dobras de rocha amarelada. Três túneis se abriam. O da esquerda era baixo, orlado com gotejantes dentes de pedra. O do meio se abria acima de um toco avermelhado parecido com um membro amputado. O terceiro era o maior, cortado em dois por uma lança de pedra que emergia do chão.

— Qual deles? — indagou Renn.

— Não sei. Todos me parecem errados. Acho...

— *Você não sabe?* — Empurrando-o para o lado, Renn foi até o primeiro túnel e colocou as mãos na borda, evitando os dentes de pedra. A pedra latejou debaixo de suas palmas com o calor impuro do Outro Mundo.

Correu para o túnel com a lança de pedra. Sentiu a mesma pulsação de calor demoníaco.

Desesperada, ela subiu no toco e tateou a terceira abertura. Por um momento a pedra pareceu se curvar debaixo de seus dedos, como mandíbulas de demônios se abrindo para morder.

Ela recuou.

— Todos três têm demônios por trás deles.

— Era isso que eu ia lhe dizer — observou Treva.

— Então por qual dos três vamos seguir?

— Não se mexa — disse ele numa voz alterada.

— O que foi?

— Sh! — Treva ergueu a tocha.

Numa fenda acima de sua cabeça, Renn notou outra coruja de pedra. Seus olhos estavam fechados, suas orelhas plumadas, eretas.

— Desça o mais silenciosamente possível — disse Treva.

A coruja abriu os olhos e chiou para ela.

Com um grito, Renn caiu, derrubando Treva para trás. A tocha saiu voando. Pouco antes da escuridão baixar, Renn viu um bufo-real abrir suas asas e sair voando.

Silêncio. Um distante espirro de água.

— Foi a tocha — disse Treva.

— Você tem outra?

— Não.

Ofegando, Renn se pôs de pé.

— O que fazemos agora?

— Não sei.

Renn enfiou os nós dos dedos na boca. Em algum lugar daquela terrível Montanha, Torak enfrentava sozinho Eostra.

Uma mão fria tocou seu pulso.

— É você? — sussurrou ela.

— O quê? — disse Treva, alguns passos adiante.

Um dedo gelado tocou sua face.

— Pare com isso! — gritou ela.

— Eu não fiz nada!

Renn fechou bem os olhos. Abriu-os. Ela viu. Não era possível, naquela escuridão, mas mesmo assim ela *viu*.

— Você também vê? — cochichou.

— Eu vejo — disse Treva baixinho. — Mas não sei quem é.

Renn sabia. Era indistinto, como numa névoa, mas, mesmo assim, parecia conter sua luz própria, como os espíritos. O temor de Renn se foi, deixando apenas uma distante sensação de perda.

Diante dela estava a enrugada figura contra a qual ela se rebelara durante toda a sua vida. Pela última vez, ela captou o duro olhar; a boca sem lábios, da qual nunca se soube ter havido um sorriso.

Silenciosamente, a figura estendeu o braço frágil e apontou para o túnel com a lança de pedra.

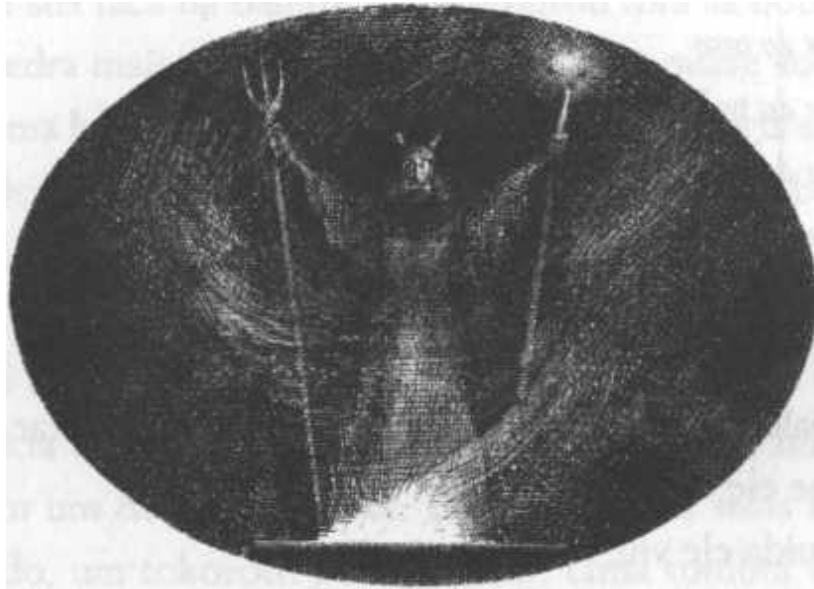
— Obrigada — murmurou Renn. — Obrigada... e que o guardião voe com você. — Com ambas as mãos nas penas de sua criatura de clã, ela se curvou diante do espírito da Maga Corvo.

Quando se endireitou, ela havia sumido.

Renn ergueu a aljava e o arco acima do ombro. Em seguida, alcançou Treva e segurou sua mão.

— Venha — disse-lhe ela. — Agora sabemos o caminho.

TRINTA E CINCO



Torak rolava abaixo numa cachoeira de pedras. O chão veio apressado para encontrá-lo. A dor explodiu em seus ombros e crânio.

Permaneceu parado. Seus ossos malares doíam violentamente, mas ele conseguia movimentar braços e pernas. De algum modo, conseguira conservar sua faca.

Acima dele, a cachoeira de pedras desapareceu na escuridão. Impossível de ser escalada. Não havia como voltar. Ele pensou, pelo menos Lobo não está aqui. Pelo menos ele tinha uma chance de escapar.

Teve a sensação de uma vasta, sombria caverna. Outrora, pedras escorriam como mel: pingando, empoçando, depois congelando. Presas retorcidas de pedras pendiam do teto; outras emergiam do chão para encontrá-las. Como dentes, pensou Torak. *Mais velha de todas, a pedra mordida.* Estou nas mandíbulas da Montanha.

Luz de fogueira tremeluziu. Ele ouviu o murmúrio de água bem distante abaixo. Aproximando-se mais, ouviu o rítmico tinir de ossos. Uma voz entoava.

Pelo poder do osso

Pelo poder da pedra

Pelo poder do olho do demônio

Eostra convoca os Mortos Inquietos

Eostra une-os a ela!

Torak cambaleou em direção à luz. Não adiantava tentar se esconder. Ela sabia que ele estava ali.

Em seguida ele viu.

Em alguma antiga catástrofe, pedras haviam caído e formado uma pilha da altura de dois homens altos. Sobre a pilha repousava uma placa de pedra preta, onde

queimava uma fogueira. Atrás desse altar, ladeada por uma dupla de tokoroths chocalhando ossos, estava a Maga Bufo-Real.

Seu manto de penas parecia atrair a escuridão, mas sua máscara tinha um fantasmagórico brilho branco. Numa das mãos cadavéricas, ela segurava a maça que continha a opala de fogo; na outra, a lança de três pontas para apanhar almas.

Pelo poder do osso

Pelo poder da pedra

Pelo poder do olho do demônio...

Torak tentou falar, mas sua boca estava seca demais.

Os braços da Mascarada se ergueram, e sua sombra alada envolveu a caverna. Os tokoroths rastejaram, seus maldosos rostos infantis ardentes de terror e adoração.

— Você sabe que eu estou aqui — ofegou Torak. — Você sabe que eu a deterei.

A Mascarada não alterou seu entoar, mas sua lança girou e apontou para ele. Ao pé da pilha de pedras, sete pares de olhos se acenderam. Formas escuras foram velozes em sua direção.

Enfiando sua faca na bainha, Torak chutou fora as botas e escalou a presa de pedra mais próxima. A matilha estava quase sobre ele. Subindo para uma borda com apenas alguns dedos de largura, ele recuou as pernas. Os cães enxamearam seu refúgio, saltando, abocanhando. O bafo deles queimava seus pés descalços, as mandíbulas se fechavam vazias no ar. Rosnando, eles recuavam e voltavam a investir, o ódio sugando suas almas.

À distância de um braço acima dele, sua pedra se fundia irregularmente com um dente pendente. Ele podia subir mais acima. Mas, por outro lado, um tokoroth podia descer. Uma sombra voou na sua direção. Ele a afastou com a faca. A coruja volteou e voou de volta para sua dona.

Com o suor escorrendo, Torak se agarrava à pedra. A acre fumaça da fogueira fazia sua cabeça girar. Através dela, ele viu a Devoradora de Almas colocar de lado sua lança e começar a enrolar um cordão em volta da opala de fogo. Dos tokoroths surgiu um suspiro. Com frenética avidez, eles chocalharam seus ossos.

A luz da fogueira lançava lampejos vermelhos e dourados no cordão de Eostra, que era trançado, como cabelo. Enquanto a observava enroscá-lo na pedra, Torak se sentia atraído profundamente para o coração da opala de fogo.

Era o terrível encarnado de um fermento mortal. Era beleza e sofrimento e louco desejo. Era o brilho do Grande Auroque no céu de inverno, e ele ardia com toda a dor que jamais criara.

De repente, a Devoradora de Almas cessou seu canto. Num áspero sussurro, ela pronunciou, um por um, os nomes dos Mortos Inquietos.

O choque foi tão grande que Torak quase caiu. Finalmente, ele entendeu o que ela pretendia fazer. E ele não conseguiria detê-la. Tudo que conseguia era se apertar em seu poleiro como um pombo prestes a ser apanhado por um falcão.

Seu chifre de remédios penetrava na coxa. O chifre estava vazio, de nada poderia lhe adiantar agora.

Contudo.

Ao custo da própria vida, sua mãe fizera um pacto com o Espírito do Mundo. Este tornara Torak espírito errante. Ele devia isso a ela, usar esse dom uma última vez.

Lançando fora o suor dos olhos, gritou para a Devoradora de Almas: "Você pensa que me pegou! Você pensa que não consigo alcançá-la! Pois está enganada! " Sua voz soava aguda e ameaçadora.

Subindo para onde presas que subiam e as que desciam se fundiam, Torak montou na junção. Agora, embora suas pernas estivessem penduradas, a matilha não conseguiria alcançá-lo. Rapidamente, amarrou-se à pedra com seu cinto. Depois tirou da bolsa a raiz-preta de Saeunn e a enfiou na boca.

A dor rasgou suas entranhas. Ele berrou...

... e sua voz era a áspera da Devoradora de Almas, convocando os Mortos Inquietos.

Através dos olhos dela e da ranhura da máscara, Torak observou seu corpo inconsciente de espírito errante. Sua carne era cinzenta; e cinzentas eram as chamas que saltavam no altar. Tudo era cinzento, exceto o frio coração vermelho da opala de fogo.

No fundo de sua congelada medula, o espírito de Torak pelejava para fazê-la pegar a pedra e despedaçá-la, mas a força de vontade dela era a mais forte que ele já conhecera. Sua força de vontade tornava a dele em pedra. Era essa a sua força: ela não sentia prazer, dor, *nada*, exceto a fome pela vida eterna. Seus tokoroths não eram crianças torturadas possuídas por demônios, mas criaturas geradas para fazer sua vontade. Seus cães eram meramente armas a serem usadas e jogadas de lado como sílex quebrado. O garoto sobre a pedra era a casca do poder que ela ansiava; arranque essa casca e

o poder será dela. *Isso* era mau e era frio, frio. O espírito de Torak mergulhou nisso.

Abruptamente, a voz de Eostra cessou. O chocalhar dos tokoroths se aquietou.

No silêncio, a Mascarada jogou um escudo de couro cru na fogueira, e sua luz foi sufocada. Na escuridão, ela falou.

Escorregadio como a foca... o astuto,

Tenris... Apresente-se!

Quase que imperceptivelmente, a caverna se encheu com o bater de ondas. Atrás do altar, a fumaça engrossou — aglutinou-se — e formou a figura de um homem.

Através dos olhos da Devoradora de Almas, Torak distinguiu um belo rosto arruinado; ouviu uma voz tão suave e forte quanto o Mar.

Tenris, presente.

Cantando, a Mascarada ergueu o couro cru do altar. Fumaça se elevou, chamas saltaram. Novamente, ela as sufocou.

Poderoso como o carvalho, o mais forte,

Thiazzi... Apresente-se!

Um farfalhar de folhas. Uma enorme sombra assomou.

Thiazzi, presente.

Novamente, Eostra entoou. Novamente, sufocou e reanimou a fogueira.

Veloz como o morcego, o perverso,

Nef... Apresente-se!

O agitar semelhante a couro de asas de morcego. Poeira rodopiante se juntou e formou o coxo.

Nef, presente.

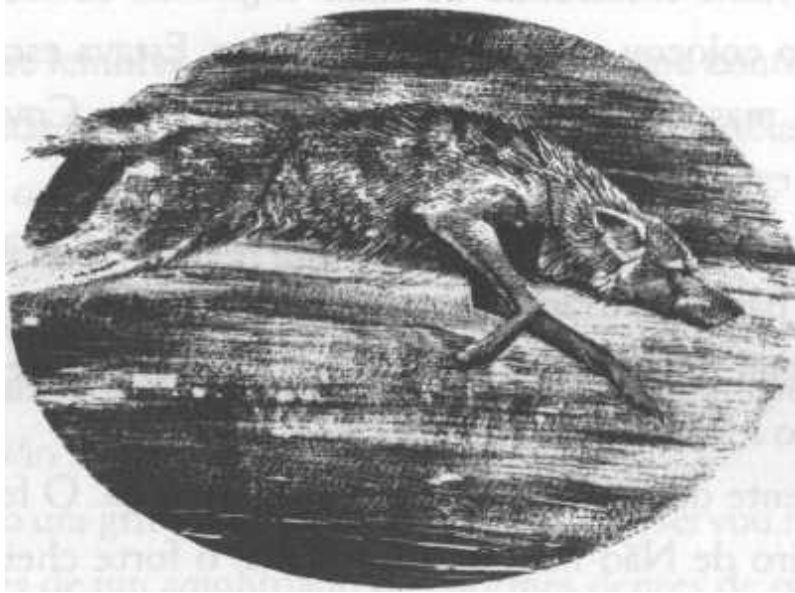
Oculto na medula de Eostra, Torak conseguia apenas assistir a ela convocar os Mortos Inquietos; e eles estavam sob suas ordens, obrigados pelo poder da opala de fogo.

Na escuridão da mente dela, Torak viu sua visão do que seria. *Em Montanha e Gelo, em Floresta e Lago e Mar, os clãs se escondem com medo de Eostra, que governa os vivos e os mortos... Eostra, que vive para sempre.*

Eostra era invencível. Tudo que Torak combatera durante três longos invernos de nada adiantara.

Os Devoradores de Almas estavam de volta.

TRINTA E SEIS



Nas profundezas da Montanha, Lobo ouviu o farfalhar de folhas. *Folhas?*

Ele diminuiu o passo e parou. Aquilo não combinava.

Seria outro truque dos Escondidos? Eles odiavam Lobo estar ali, odiavam *qualquer um* na Montanha, espalhavam sons e cheiros para que ele não pudesse saber de onde vinham.

Lobo continuou correndo, embora não soubesse aonde ia. Correria o tempo todo por aquele terrível Covil sinuoso. Perdera o cheiro da irmã de alcateia; tudo que conseguia cheirar era pedra úmida e Lobo amedrontado. Estava com sede, seus flancos doíam, por causa das garras dos filhotes-demônios, e *ainda* não conseguira encontrar Alto Sem-Rabo.

Chegou a um lugar onde o Covil se alargava e o bafo da Montanha eriçava seu pelo. Encontrou um pouco de Molhado numa depressão e o abocanhou, ignorando os ossos de pedra caídos ali perto. Era apenas outro truque; ele já havia experimentado um, e quase quebrou uma presa.

De repente, ergueu a cabeça. Um leve cheiro roçou seu focinho. Tremendo de ansiedade, deu profundas fungadas para se certificar. *Sim!* Seu irmão de alcateia.

O cheiro vinha escorrendo de cima. Erguendo-se sobre as patas traseiras, Lobo colocou as dianteiras na pedra. Estava escuro demais para enxergar, mas ele sentia o bafo de um pequeno Covil. Saltou — arrastou-se —, estava dentro.

O Covil era tão minúsculo que ele tinha de achatar as orelhas e se arrastar de barriga. Arranhava os lados de Lobo e o espremeu até ele não conseguir respirar. Em seguida o cuspiu para fora e Lobo caiu, batendo com o focinho numa pedra.

Uma torrente de cheiros turbilhonou à sua volta. O fedor do demônio; o cheiro de Não-Bafo da Mascarada; o forte cheiro do sem—rabo de quem Lobo agora se lembrava de muito tempo atrás. *E o cheiro do seu irmão de alcateia.*

Lobo voou através da escuridão. O túnel era estreito e tortuoso como entranhas, mas ele captou os rosnados de uma matilha. Eles tinham um som ecoante, o que indicava a Lobo que ele estava de fato seguindo para um Covil muito grande.

Ouviu o gemido familiar da Longa-Garra-que-Voa da irmã de alcateia, e o sibilar de asas de coruja. Apressou o passo.

Caçar demônios era a sua especialidade.



A boca do túnel se aproximava, e Renn apressou o passo.

— Mais devagar — alertou Treva.

Ela o ignorou. Podia ouvir o tinir de ossos e o matraquear mortal do canto da Devoradora de Almas.

Pelo poder do osso

Pelo poder da pedra

Pelo poder do olho do demônio

Eostra convoca os Mortos Inquietos

Eostra une-os a ela!

Renn tentou se lembrar de um encanto ceifador para contrapor o feitiço, mas a gélida força de vontade de Eostra congelou seus pensamentos. *Ninguém é capaz de impedir a Mascarada.*

Renn chegou à boca do túnel.

Treva puxou-a de volta.

O túnel abria-se estonteantemente para as alturas, perto do teto da caverna. Não havia como descer.

Contendo um grito, Renn caiu de joelhos e observou mais além da borda. Através de um amontoado de enormes dentes de pedra, ela viu que a caverna era dividida por um abismo que ziguezagueava por ela como um raio negro. Do lado mais próximo, uma fogueira queimava num altar envolto em fumaça. Abaixo disso, sombras rondavam a base de uma coluna cujo topo ela não conseguia enxergar. Mesmo a distância, ela sentiu seu ódio, e soube que era a matilha de Eostra. Não havia qualquer sinal de Torak.

Eostra convoca os Mortos Inquietos...

Renn jogou no chão suas armas. A machadinha e o arco estavam ilesos, mas a aljava fora esmagada, quando ela se espremera pela abertura, e apenas três flechas restavam intactas.

Eostra une-os a ela!

A fumaça se abriu, e Renn teve uma visão de relance da Mascarada. Viu uma mão lívida passar sobre a maça que continha a opala de fogo. Viu sua luz encarnada sangrar através de uma sombria rede de cordões cobrindo com linhas cruzadas a pedra carmesim. Ela apanhou uma flecha. Eostra sentiu a ameaça e se envolveu em fumaça.

— Consegue senti-los? — sussurrou Treva, ajoelhando-se ao lado dela.

— Sentir o quê?

— Lá embaixo, na fumaça. Algo terrível.

— Não consigo ver nada.

— Nem eu. Mas eu os sinto.

Renn também sentia. Havia mais coisas na Caverna Murmurante além de Eostra e seus subordinados.

— É a fumaça — murmurou. — É parte do feitiço. Não olhe.

Treva, porém, não conseguia desviar o olhar. Ela também não.

A Devoradora de Almas interrompeu seu canto. A escuridão baixou sobre a caverna. No silêncio, ela falou.

Sutil como a cobra, a sedutora...

Seshru... Apresente-se!

A pele de Renn formigou.

A caverna pareceu se encher de um leve, ecoante *hiss*.

Não é possível, disse Renn a si mesma. Não pode ser.

Enquanto olhava, a fumaça rodopiou para criar uma forma sinuosa. Não. Seshru está morta. Sua mãe está morta. Você colocou as Marcas da Morte nela. Você viu colocarem seu corpo para descansar.

A cantilena continuou. Após um momento interminável, ela parou novamente. Mais uma vez, o fogo escureceu.

... Narrander... Apresente-se!

Do lado mais distante da caverna, ressoou a voz de um homem:

— Narrander, presente.

Renn prendeu a respiração. Ela conhecia aquela voz.

— Seu encanto é defeituoso — declarou a voz. — Ele contém o cabelo de um homem vivo.

Nenhuma resposta de Eostra.

— Quem é ele? — indagou Treva.

Renn não respondeu. O passado se juntava como gelo compactado, enquanto ela observava o homem emergir das sombras.

O bufo-real voou na sua direção. Ele o afastou com sua machadinha. Seu modo de andar era vacilante. Peles esfarrapadas pendiam em volta de seus membros

esqueléticos. Renn sabia que, se chegasse mais perto, veria uma barba emaranhada reluzindo lodo. Um imundo rosto caolho tão áspero quanto casca de árvore.

O sétimo Devorador de Almas. Ele dera a entender tudo no primeiro encontro dos dois. *Antes de o sílex o atingir, ele era um homem sensato...*

— Narrander morreu — estridulou Eostra do meio da fumaça. — Ele morreu no grande incêndio.

— Foi outro que morreu! — bradou o Caminhante.

— Ele devia ter *vivido*! O Caminhante termina isso agora.

— Ninguém é capaz de impedir a Mascarada.

O Caminhante rosnou e se lançou contra a pilha de pedras — mas, antes de conseguir alcançá-la, parou de repente. O abismo era largo demais. Não conseguiria ultrapassá-lo.

— Ele devia ter *vivido*! — Seu lamento encheu a caverna de dor.

De repente, Renn avistou as pequenas figuras encurvadas agarradas às pedras acima de sua cabeça. Desesperadamente, fez pontaria. Treva carregou sua funda.

Eles abaixaram as armas. Os tokoroths estavam fora do alcance.

— Acima de você — gritaram juntos Renn e Treva.

O Caminhante olhou para cima, quando a primeira pedra o atingiu. Ele caiu de joelhos. Outra pedra o acertou. Ele caiu ao chão, à beira do abismo. A machadinha caiu de sua mão, e, um momento depois, ouviu-se um distante esguichar de água. O Caminhante permanecia caído, sem se mexer. Renn nunca odiara tanto Eostra quanto naquele momento.

— Vejo Torak — sussurrou Treva. Puxando-a para o lado, ele apontou, e, finalmente, ela o viu.

Torak estava a meio caminho do topo da coluna redonda que a matilha espreitava. Estava amarrado pela cintura, a cabeça caída sobre o peito. Não se mexia.

— Torak! — gritou Renn.

Nenhuma resposta.

Ele devia estar desmaiado ou bancando o espírito errante. Ela se recusava a acreditar que ele estivesse morto. Apertando as mandíbulas, Renn se preparou para atirar. Quantos cães? Seis? Sete? E apenas três flechas.

Um animal malhado saltou para os pés descalços de Torak. O arco de Renn vibrou. O cachorro caiu com um latido gorgolejante e uma flecha atravessada na garganta.

A seu lado, Treva disparou sua funda. Uma fera cinzenta caiu ao chão e não se mexeu mais. Treva abateu outra com uma pedra que rachou seu crânio; Renn, mais uma no peito. A besta cambaleou para trás e caiu no abismo, seus uivos sumindo até morrerem.

Dois cães dispararam pela caverna, desaparecendo num túnel, como se tivessem farejado uma presa. O cão restante circundava o poleiro de Torak. Um tokoroth surgiu em sua base e começou a escalá-lo, uma faca presa nos dentes. Renn encaixou a última flecha e mirou. Suas mãos tremiam. A criatura era um demônio, mas tinha o corpo de uma criança.

Uma pedra assobiou pelo ar. O tokoroth caiu com um guincho, segurando uma canela quebrada. Inflexivelmente, Treva recarregou sua funda, mas o tokoroth arrastou-se para as sombras.

Observando a névoa, Renn procurou outro alvo. A fumaça era densa demais. As emanções alcançavam sua mente. Ela imaginou a Mascarada se vangloriando diante da opala de fogo. *Ninguém é capaz de impedir Eostra.*

Renn abaixou o arco. Certo. Aquilo não era para ser conquistado com flechas.

Algo na intransigente força de vontade de Saeunn fortaleceu sua determinação. Você é uma Maga, disse a si mesma. Pense como tal.

Seu encanto é defeituoso, dissera o Caminhante. *Ele contém o cabelo de um homem vivo.*

Renn ficou imóvel. Observou a corda que envolvia a opala de fogo. Parecia trançada com fios de cores diferentes. Ela notou reflexos de preto, vermelho, dourado...

Cabelo. Eostra enredara os espíritos dos Devoradores de Almas com seu próprio cabelo. Ela o tecera com o cordão que agora envolvia a opala de fogo, o cordão que ligava os Devoradores de Almas a ela — do mesmo modo que, com o cabelo de Torak, ela pretendia pegar sua alma-mundo e tomar seu poder.

— Torak! — gritou Renn. — *Corte o cordão!*



Preso na medula da Devoradora de Almas, Torak pelejava para se libertar. Seu espírito estava se exaurindo. Eostra era forte demais.

Ele ouviu alguém gritar de uma grande distância. Parecia Renn. Não podia ser.

Por um instante, o grito distraiu Eostra. Torak sentiu a vontade dela vacilar. Foi o suficiente. Ele aproveitou a chance.

Seus olhos abriram-se de repente. Ele estava de volta ao seu corpo. Alguém continuava gritando.

— Corte o cordão que envolve a opala de fogo! Torak! Corte-o e quebrará o encanto! Você os mandará embora para sempre!

Era Renn. Não conseguia vê-la, mas viu uma de suas flechas salientando-se da garganta do cachorro malhado.

O cordão. Uma força percorreu seu corpo. Ele sabia o que fazer.

Rapidamente, desamarrou-se e deslizou para baixo da coluna. Um cão saltou de dentro das trevas. Torak enfiou a faca em sua barriga e rasgou-a. Chutando a carcaça para o lado, penetrou na escuridão. Nada de tokoroths, nada de cães; embora ouvisse os rugidos de uma luta selvagem. Com a mão livre, agarrou uma pedra e cambaleou em direção à pilha de pedras. Renn estava certa, havia *mesmo* um jeito. O encanto podia ser quebrado, os Devoradores de Almas banidos para sempre. Por que, então, Eostra não se amedrontava?

Mais uma vez, o fogo foi abafado e seu canto cessou. Através da fumaça flutuante, ela abriu suas asas e convocou o último dos Mortos Inquietos.

Sábio como um lobo, o obstinado...

Não! Torak tentou gritar, mas sua língua ficou presa no céu da boca. Indefeso, ele ouviu a Devoradora de Almas chamar o adorado nome que, havia três verões, ele não pronunciara em voz alta.

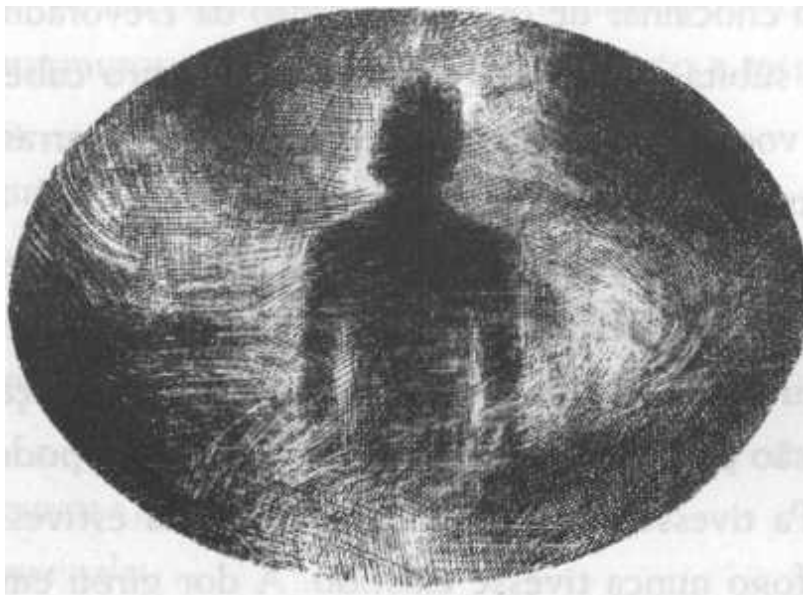
Por um momento, houve silêncio.

A caverna pareceu ecoar os uivos de lobos invisíveis. Atrás do altar, a fumaça dançou e se juntou. Uma figura alta começou a tomar forma.

Torak largou a faca com um estrépito.

— Pa.

TRINTA E SETE



A figura na fumaça era tênue como a sombra da lua numa noite nublada — mas Torak a reconheceu. Ele a reconheceu, ao olhar para seu pai.

— Pa... sou eu. Torak.

Os brancos olhos mortos olharam abaixo para ele, sem reconhecê-lo. O espírito de seu pai pertencia a Eostra.

Em algum lugar, Renn gritava.

— Corte a corda! Mande-os embora para sempre!

Mandar Pa embora? Embora para sempre?

Ele não podia fazer isso. Torak tinha doze verões: atônito, apavorado, via seu pai sangrar. Pa, não morra. *Por favor*, não morra.

Lágrimas escorriam pelas suas faces, enquanto cambaleava em direção à pilha de pedras.

— Corte a corda! — gritou Renn.

— Não posso — sussurrou Torak. — Pa... não posso te perder novamente.

Começou a escalar.

Ouvia o chocalhar de ossos e o canto da Devoradora de Almas. Sentiu uma súbita pontada de dor atrás do couro cabeludo, e viu a coruja alçar voo com um cacho de seus cabelos nas garras. Não importava. Nada importava, exceto alcançar Pa.

Ficou parado na névoa acre diante do altar. Atrás deste, a Mascarada cantava, cercada pela sombria aglomeração dos Mortos Inquietos. Ele estendeu a mão na direção do pai. A figura na fumaça não reagiu.

Uma visão percorreu a mente de Torak do que poderia ter acontecido, se Pa tivesse sobrevivido: se eles ainda estivessem juntos e a opala de fogo nunca tivesse existido. A dor girou em seu coração como uma faca.

Mas a opala de fogo *existia*. Ali estava ela, na maçã, latejando como um ferimento aberto.

Com um grito, Torak alcançou o altar, agarrou a maçã e levou-a na direção das chamas.

A mão da Devoradora de Almas que o agarrou era como pedra. Ele não conseguiu fazer isso. Com a outra mão, ela ergueu a lança para golpear. Torak atacou com sua pedra. A lança estrepitou no chão. Um tokoroth enfiou as mandíbulas no antebraço dele. A pulseira de Renn o protegeu. Novamente, ele arriou a pedra, esmagando o crânio da criatura como se fosse casca de ovo. Ainda segurando a maçã, ele lutou com a Devoradora de Almas ao lado das chamas. Captou o brilho de seus olhos atrás da máscara. Deu um puxão desesperado e lançou a maçã no fogo. Sufocando com o fedor do cabelo queimado, ele levantou a pedra — e despedaçou a opala de fogo, transformando-a em cacos cor de sangue.

Com um grito agudo, Eostra mergulhou ambas as mãos nas chamas, catou os fragmentos e os ergueu. Os últimos fragmentos de cabelo queimado se enroscaram e murcharam até se tornarem nada.

Os Mortos Inquietos começaram a se desintegrar. Através de uma neblina de lágrimas, Torak observou seu pai desaparecer.

Mas, no momento final, o rosto de fumaça se modificou. Tornou— se Pa como ele fora quando era vivo, e iluminou-se ao ver seu filho. "*Torak...* ", murmurou, tão silenciosamente quanto a respiração de um adormecido.

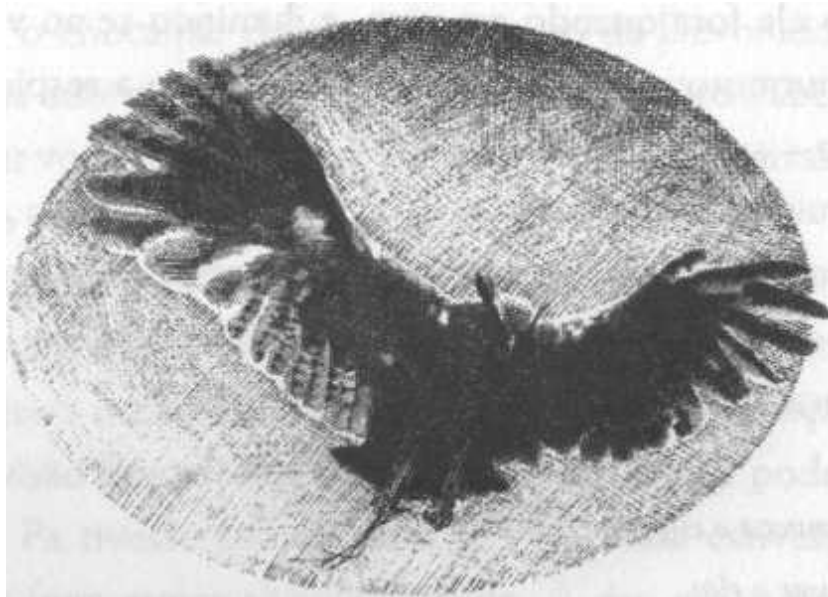
Em seguida, desapareceu.

Torak continuou parado diante do altar, tremendo. Parte dele sabia que Eostra ainda tinha os fragmentos da opala de fogo. Parte dele a ouvia começar a entoar.

Eostra convoca o espírito errante Eostra o une a ela!

Distante, Renn gritava um alerta: "*Torak! Atrás de você!*"

TRINTA E OITO



"Atrás de você!", gritou Renn. Ela estava pronta para disparar, mas o tokoroth continuava deslizando pelas sombras, arrastando sua perna quebrada.

Torak, finalmente, parecia ter voltado a si. Viu o tokoroth subir rastejando pela pilha de pedras. Viu Eostra brandindo os fragmentos da opala de fogo e erguer a mão livre para a coruja, que baixou na direção dela com um cacho do cabelo de Torak em suas garras.

Num piscar de olhos, o tokoroth saltou. Torak o agarrou pelos braços e arremessou o corpo dele por cima de sua cabeça. Ele veio novamente, incansável. Eles se atracaram, movimentando-se depressa demais para Renn conseguir um disparo certo. A seu lado, Treva apanhou sua funda. Torak jogou o tokoroth em cima do altar. Ele estrebuchou, com a espinha quebrada — e deslizou para fora, morto.

Duas formas negras vieram correndo das sombras e subiram a pilha de pedras em direção a Torak. Renn e Treva atacaram os cães.

Acertaram o mesmo alvo. A criatura atingida arrastou-se até a beira do abismo, e caiu uivando. Torak virou-se e pareceu sentir o abismo pela primeira vez. O outro cão saltou.

Renn não tinha mais flechas. Nervosamente, ela procurou pedras.

— Não restou nenhuma — ofegou Treva. Agarrando a machadinha dela, ele a arremessou com toda a força. Ela atingiu ali perto a pilha de pedras.

Torak estava de joelhos, lutando com o cachorro, as mãos no cangote, pelejando para manter as mandíbulas dele longe de seu rosto.

Renn batia as pedras com os punhos.

Uma flecha prateada riscou através da caverna: Lobo correndo para salvar seu irmão de alcateia. Suas laterais sangravam, suas presas brancas reluziam, e seu

olhar era o mais feroz que Renn já vira. Num salto volante, ele estava sobre os dois, enfiando os dentes no pescoço do cachorro, arrancando-o de cima de Torak. Lobo e o cão rolaram pedras abaixo, um emaranhado rosnante de preto e cinza. Lobo se pôs de pé e ficou arquejando, a pelagem manchada de sangue. O cão estava imóvel. Lobo rasgara sua barriga, fazendo despejar suas entranhas.

O bufo-real sobrevoou a caverna, voando baixo a fim de atraí-lo para longe de Torak. Baixo demais. Ao desaparecerem na escuridão, Renn viu Lobo morder sua asa, trazer a ave para baixo e fazê-la brutalmente em pedaços.

Torak estava apoiado no altar, totalmente exausto. Atrás dele, a Devoradora de Almas brandia em triunfo seu cacho de cabelo.

— *Eostra o une a ela!* — guinchou. — *Eostra vive para sempre!* — Enfiando o cabelo entre seus lábios de madeira, ela ergueu a lança e a enfiou no peito dele.

Torak caiu de lado. Eles circundaram o altar: Eostra estocando, Torak cambaleando, fora de alcance.

Do lado mais distante da caverna, uma sombra se mexeu.

Renn prendeu a respiração. Incrédula, ela viu o Caminhante de quatro, balançando a cabeça.

— Ocultos — grasniu.

Torak e a Devoradora de Almas continuavam circundando o altar.

— Povo Oculto da Montanha! O Caminhante os convoca! Livrem o mundo desse câncer!

A princípio, Renn nada sentiu.

Em seguida: um ligeiro tremor sob suas mãos.

O Caminhante ergueu os braços esqueléticos, sua voz ganhando força.

— O Caminhante os convoca! Deixem que as mandíbulas da Montanha se fechem!

Na caverna, os dentes de pedra estremeceram. Renn viu uma grande coluna saliente tombar e cair ruidosamente.

— Livrem-nos da Devoradora de Almas para sempre!

Uma coluna pendente desabou com um estrondo sobre o altar, quebrando-o em dois. Ainda segurando os fragmentos da opala de fogo, Eostra cambaleou para trás, afastando-se das ruínas. Ficou num vaivém, na beira do abismo. Com um terrível grito sobrenatural, ela perdeu o equilíbrio e caiu.

Ao cair, porém, sua lança colheu a barra da túnica de Torak.

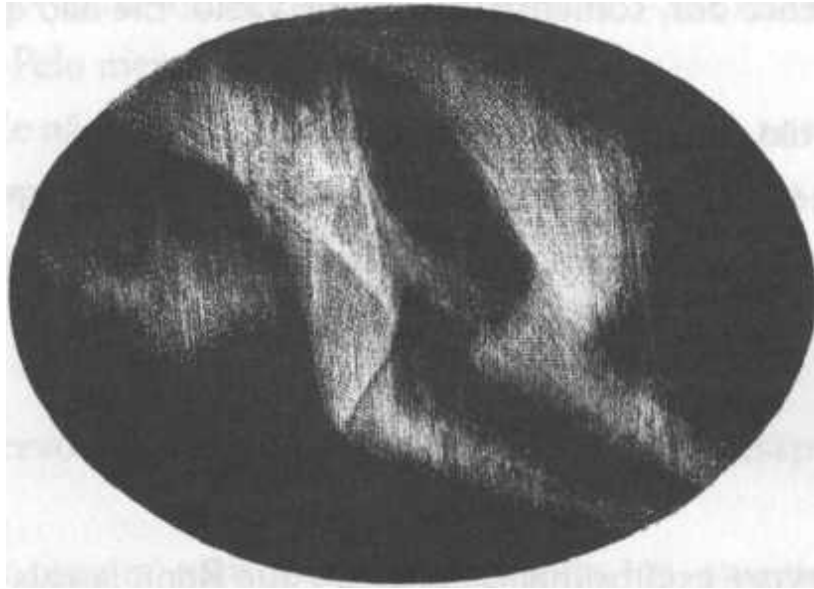
Horrorizada, Renn viu-o forçar o corpo para trás. O peso era grande demais. Ele não tinha faca para se livrar.

— *Torak!* — gritou Renn.

Torak caiu de joelhos.

A Devoradora de Almas arrastou-o consigo para o abismo.

TRINTA E NOVE



Ele está nas profundezas da terra. Faz frio e está escuro, e há um rugido nos ouvidos e um cheiro de podridão em suas narinas. Ele já está morto?

Alguém o carrega. Devem estar levando-o para os campos dos ossos.

Agora o deitam, passam mãos sobre seu rosto, murmurando um canto de morte. Deixam-no sozinho.

As estrelas giram acima. Luas saem e se põem e saem novamente. Tudo que foi, e é, e será, flui através dele. E um bebê no Covil, mamando em sua mãe loba. Corre da clareira onde Pa está à morte. Cai no abismo da Montanha de Fantasma.

Está de volta sob as estrelas. Gente pequena, indistinta, curva-se sobre ele. Olha acima, para os estranhos rostos cinzentos, pontudos, e olhos claros como a lua.

Onde está Renn? tenta perguntar. Onde está Lobo?

Os olhos pestanejam. Mais uma vez, ele está sozinho.

As estrelas ainda giram acima dele. *Mais fria de todas, a luz escurecida.* A última luz que uma pessoa vê antes de morrer.

Ele não sente dor; somente um grande vazio. Ele não quer morrer sozinho.

Mas está tão cansado.

Está de pé, olhando abaixo para seu corpo. Não quer ir embora, mas é preciso, está tão cansado. Relutando e com um suspiro, ele se vira e começa a escalar em direção às estrelas.



A Primeira Árvore está brilhando mais do que Renn jamais viu. O céu todo está vivo com um verde ondulado, reluzente, esperando para dar boas-vindas ao espírito de Torak.

O garoto de cabelos brancos estendeu os pingentes através da entrada de sua caverna e fez com que ela se sentasse junto à fogueira, onde envolveu seus ombros com um manto de lã e colocou uma caneca fumegante em suas mãos. Ela tremia tanto que derramou a maior parte do conteúdo. Torak e Lobo tinham sumido. Eles a tinham deixado para trás, no vazio.

Com indiferença, ela captou cada criatura de pedra branca que surgia de cada fenda. Nada era real. Nem aquela caverna, nem aquela corrida de pesadelo pelo túnel, com as pedras caindo e Treva arrastando-a para a segurança. Torak estava morto. Não era real.

Do outro lado da fogueira, os corvos — o branco e o preto — acordaram e, de modo irritado, bateram as asas.

— Foram os fantasmas que os acordaram — disse Treva, aquecendo as mãos ao fogo. — A maioria se foi, para ficar com seus clãs, mas uns poucos sempre são deixados para trás. — Ele continuou falando, algo sobre sua irmã não estar lá, portanto era provável que dessa vez ela tivesse encontrado paz no céu, mas Renn havia parado de escutar.

Noite das Almas. Ela imaginou os clãs da Montanha festejando com seus mortos; e o seu próprio clã, bem distante, na Floresta. Talvez já tivessem sentido que a ameaça de Eostra terminara.

— Renn — disse Treva, trazendo-a de volta. — Ele colocou as Marcas da Morte. Pelo menos suas almas ficarão juntas.

Mas ele não conseguira um guardião, pensou ela tristemente. Portanto, quem irá ajudá-lo e guiá-lo acima para a Primeira Árvore?



Lobo observou o último dos Bafos Caminhantes desaparecer na garganta.

Ele os seguira para fora da Montanha, na esperança de que o levassem a Alto Sem-Rabo. Não levaram. Agora estava parado no grande Escuro, com o vento garreando seu pelo e levando os cheiros embora.

Lobo estava amedrontado. Aquela ocasião era diferente das outras, quando ele e seu irmão de alcateia tinham se separado. Aquilo era como se um Molhado Ligeiro estivesse correndo entre eles: um Molhado que não podia ser atravessado.

Choramingando, Lobo corria de um lado a outro sobre o Frio Macio Brilhante.

Acima do uivar do vento e do Molhado, ele captou um ganido tão alto que foi como se fosse fácil ouvi-lo. Ele conhecia aquele ganido. Era a voz do osso de rena que Alto Sem-Rabo carregava em seu flanco: o osso de rena que tinha dentro o pó de terra com o qual às vezes ele lambuzava Lobo. O osso de rena que, uma vez antes, na Floresta, Lobo tinha ouvido cantar.

Ansiosamente, Lobo se apressou atrás do canto: desceu a encosta, passou por onde tinham lutado com os cachorros, em direção ao Molhado Ligeiro que borbulhava da Montanha.

Alto Sem-Rabo estava ao lado dele.

Lobo bateu em seu peito e lambeu seu nariz. *Acorde!*

Alto Sem-Rabo não se mexeu.

Lobo latiu em seus ouvidos. Cutucou e pateou, mordiscou o rosto frio. Nenhuma reação.

O mundo de Lobo se despedaçou. *Não. Não. Alto Sem-Rabo estava Sem-Bafo!*

Mas o chifre continuava cantando.

O canto penetrou fundo em Lobo e se tornou a estranha, clara certeza que às vezes lhe ocorria. Finalmente, ele soube o que fazer.

Dotado de um novo propósito, saiu à procura do cheiro. Ali: fraco, mas muito familiar. O cheiro de seu irmão de alcateia. Lobo trotou atrás dele.

Não tinha ido muito longe Montanha acima, quando o avistou. Tinha o mesmo tamanho e a forma de Alto Sem-Rabo, mas um pouco penugento nas extremidades: o Bafo-que-Anda.

Lobo sentiu que ele estava perdido e confuso. Diminuiu a velocidade para um trote, a fim de não assustá-lo, e sacudiu o rabo. Ele o viu e parou, oscilando e pestanejando. Lobo apoiou-se em suas pernas e deu um leve empurrão. O Bafo-que-Anda cambaleou. Cutucando-o, Lobo o guiou encosta abaixo. Quando, finalmente, alcançaram o corpo, ele o focinhou para que entrasse de volta.

Alto Sem-Rabo deu uma estremecida arfante — e respirou.

Lobo lambeu o rosto de seu irmão de alcateia para animá-lo, depois sentou-se em cima dele, para ter certeza de que, dessa vez, o Bafo-que-Anda permanecesse lá dentro.



Treva disse que ia pegar os pertences que Renn deixara na Montanha e sugeriu que ela deveria ir também, porque ver o sol nascer poderia fazer com que se sentisse um pouco melhor, pois isso às vezes o ajudava.

Tinha nevado durante a noite. O frio mortal de Eostra se fora. Os corvos perseguiam um ao outro pelo céu cintilante, e a nova neve cintilava dourada ao sol nascente.

Treva estava errado. Aquilo não ajudou. Era a primeira alvorada dela sem Torak!

Enquanto seguia esmagando o caminho ao longo da trilha de Treva, Renn pensava na longa jornada que teria pela frente, de volta à Floresta. Teria de contar a

todos o que acontecera. E, com Saeunn morta, eles iriam querer que ela se tornasse Maga Corvo. Uma vida de dolorosa solidão se estendia adiante. Ela não a suportaria.

Aproximaram-se do velho buraco na neve de Torak, e Treva entrou para apanhar os pertences dela.

— Uma coisa estranha — comentou, ao sair.

Renn não parecia se importar, mas, tendo em vista sua insistência, deixou que ele mostrasse o que havia encontrado.

Grandes e fundas pegadas na neve.

Ela pensou, então o Caminhante encontrou uma saída. Isso é bom.

Mas não conseguia sentir isso.

O corvo branco deu um grasnido ensurdecador, e guinou para oeste.

Treva apressou-se em perseguição. Renn permaneceu onde estava.

As asas do corvo reluziam como gelo à medida que voava para uma corrente que borbulhava de uma pequena caverna no campo de pedras. Instalando-se num pequeno monte coberto de neve, o corvo estufou as penas do papo e crocitou, exalando pequenas baforadas de bafo frio.

— Renn — chamou Treva.

Renn massageou as têmporas. O que foi agora?

O corvo branco levantou voo rapidamente, quando o pequeno monte se ergueu, e Lobo irrompeu, sacudiu a neve de sua pelagem e saltou na direção dela.

— *Lobo!* — A voz dela estridulou. Desceu a encosta aos tropeções. Lobo pulou em cima dela, derrubando-a de costas e cobrindo-a com seus melados beijos de lobo. Renn arremessou os braços para envolvê-lo, mas ele se livrou contorcendo o corpo e trotou de volta para Treva.

O corvo branco continuava crocitando, e agora Rip e Rek tinham se juntado a ele. Lobo sacudia o rabo enquanto corria em volta do montinho, com Treva ajoelhado ao lado, gritando:

— Renn! É Torak! Ele está *vivo!*

QUARENTA



O filhote acordou sobressaltado. Aqueles eram uivos de lobo!

Não, não eram. Era apenas os corvos fazendo ruídos de lobo. Eles faziam muito disso. Deram risadas, quando o filhote saiu correndo à procura de sua alcateia.

Zangado, ele desabou no chão e jogou o rabo para cima do focinho.

Mas não conseguiu voltar a dormir. Estava com muita fome. Saindo rastejando de baixo da pedra, ele parou na entrada do Covil e farejou o ar.

O Claro tinha vindo, mas os corvos não; portanto, nenhuma chance de qualquer carne. Estava mais quente, e o Frio Macio Brilhante estava mais fundo. De onde estava o filhote, a colina branca descia íngreme, depois se erguia novamente para formar a Montanha. Mesmo aquilo parecia mais agradável. Certa vez, o filhote tentara alcançá-la, mas os corvos o tinham forçado de volta. Ele ficara aborrecido. Então ouvira os latidos da Montanha: cães terríveis, furiosos, que soavam como se devorassem filhotes de lobo. E não tentou novamente.

Pestanejando na claridade, o filhote andou pelo Frio Macio Brilhante — e afundou até a barriga. Aflito, vasculhou o Alto atrás da terrível coruja. Nada. Talvez o grande sem-rabo a tivesse afugentado.

O grande sem-rabo viera no Escuro, quando o filhote — que tentara caçar lemingues — tinha caído num buraco e não conseguira sair. O filhote passara um longo tempo uivando, quando o grande sem-rabo fora olhar. Ele tinha um cheiro forte, reconfortante, por isso o filhote sacudira o rabo. O grande sem-rabo o tirara de lá de dentro, jogara-lhe uma tira de bela carne pegajosa e saíra bamboleando.

Estava muito silencioso na colina. Até o vento tinha ido embora. A tranquilidade era apavorante.

O filhote latiu. *Estou aqui!*

Ninguém respondeu. O filhote começou a choramingar. Sentia tanta falta de sua alcateia que isso doía.

De repente, parou de choramingar. A distância, ouviu os graves, ecoantes gritos de corvos. Girou as orelhas. Aqueles eram os *seus* corvos.

Uivou.

Eles não vieram.

Bem, então ele iria até eles.

Avidamente, saltou pelo Frio Macio Brilhante. Este quebrou debaixo de suas patas e ele saiu rolando colina abaixo.

Lá embaixo, pôs-se de pé e espirrou. O Covil estava bem no alto, alto demais para escalar. E agora, o que fazer?

Em alguma parte das colinas, um lobo uivou.

O filhote pulou atento. Aquilo não era um truque de corvo, era realmente um lobo. *Era sua mãe!*

Freneticamente, o filhote latiu. *Estou aqui! Estou aqui!*

Os uivos cessaram.

O filhote latiu e latiu enquanto seguia aos tropeções pelo Frio Macio Brilhante. *Estou aqui!*

Começava a se cansar, quando uma sombra negra surgiu correndo colina abaixo — e, de repente, sua mãe saltava sobre ele e os dois rolavam juntos no chão, e ela gania e o focinhava e ele miava e se enterrava em sua maravilhosa pelagem quente, fungando seu adorável, forte, carnudo cheiro de mãe. Então a loba regurgitou um pouco de comida e ele engoliu, enquanto ela lhe dava uma completa lambida por todo o corpo. Depois disso, um se apoiou no outro e uivaram sua felicidade para o Alto.

O filhote ainda uivava, quando sua mãe ganiu e saiu em disparada.

O filhote parou no meio de um uivo e abriu os olhos.

E ali estava seu pai, correndo pelo Frio Macio Brilhante na direção deles.

QUARENTA E UM



É verão e Renn caminha com Torak debaixo de árvores murmurantes.

— Não vá — diz ela.

Torak se vira para ela e sorri, e ela vê as pequenas manchas verdes em seus olhos.

— Mas Renn — diz ele. — A Floresta continua para sempre. Eu vi lá da Montanha.

— Por favor. Não aguento isso.

Ele toca sua face e se afasta.

Renn mordeu o nó do dedo e se enroscou ainda mais no seu saco de dormir.

Era como se não tivesse acontecido, disse a si mesma. Tudo está bem.

Deitada de lado, ela observou a luz da fogueira se agitar nas vigas. Estava de volta à Floresta, no grande abrigo onde o Clã do Corvo vivia junto no inverno. Tudo era familiar: as paredes de troncos de árvores tapadas com musgo, o telhado de couro de rena aberto para as estrelas em cima da fogueira. Ela sentiu cheiro de fumaça de lenha. Ouviu o crepitar das chamas e o baixo murmúrio de vozes.

Você está em segurança com o seu clã, disse a si mesma. O Tempo Sombrio passou, o sol retornou. Os Veados-Vermelhos estão acampados ali perto, e Torak está...

Sentou-se. Na penumbra, não conseguiu vê-lo.

Mas isso não era incomum. Com os dias ainda muito curtos, a maior parte das caçadas era feita à noite, à luz da lua e da Primeira Arvore.

À sua volta, pessoas estavam calmamente sentadas, cerzindo ou lascando sílex. Três luas haviam se passado desde a Noite das Almas. Para os clãs da Floresta Aberta, Eostra e a doença da sombra eram apenas uma lembrança.

Vestindo suas roupas, Renn foi atrás de Treva.

Seu cabelo branco reluzia do outro lado do abrigo, onde ele estava sentado na beirada da plataforma de dormir, concentrado em entalhar. Durrain, a Maga Veado-Vermelho, conversava com ele, enquanto desenhava um gibão num couro de rena com um pedaço de carvão.

Renn perguntou se tinham visto Torak. Treva disse que achava que ele tinha ido procurar os lobos. Abruptamente, Renn deu-lhe as costas e fingiu aquecer as mãos na fogueira.

— O que há de errado? — perguntou Durrain.

— Nada — mentiu Renn.

Ela não teria achado possível que pudesse sentir falta das Montanhas, mas sentia. Sentia falta daqueles primeiros dias na caverna de Treva; e depois, com os Cisnes e o Clã da Lebre da Montanha. Torak tinha se curado lentamente de corpo e espírito, mas ela estivera junto. Ele lhe contara como Lobo o trouxera de volta da morte, e sobre seu pai. Ela lhe contara sobre o Caminhante, e o último presente de Saeunn para ela na Montanha. Discutiram sobre a Magia de Eostra e concluíram que tinha sido o sangue da terra do chifre de remédios da mãe dele que protegera sua alma-mundo. Estavam juntos quando ele deixou o amuleto foca de seu pai como uma oferenda ao Povo Oculto; quando ela ajudou os Magos da Montanha a forçarem os demônios de volta ao Outro Mundo — e então ficou para realizar um ritual pelas almas das crianças tokoroths; porque, se as coisas tivessem sido diferentes, ela também teria sido um tokoroth.

Através de tudo aquilo, eles tinham estado lado a lado. Mas, desde que tinham voltado à Floresta, isso mudara.

— Renn? — chamou Treva.

— O que foi? — vociferou ela.

— Devemos ir à procura dele?

— Ora, me deixe em *paz*.

Ignorando o sorriso magoado de Treva e o olhar repreensivo de Durrain, ela saiu pisando forte para ir apanhar seu arco.

— Ah, Renn. — Fin-Kedinn estava do outro lado da fogueira, fazendo flechas.

— Ajude-me com isso, sim?

— Estou indo caçar.

— Faça isso primeiro.

Bufando longamente, ela largou o arco no chão.

Seu tio já alisara as hastes de madeira de amieiro e prendera as pontas de sílex com tendão. Pilhas de penas de tetraz divididas ao meio estavam ali perto, separadas em asa esquerda e asa direita, e ele amarrava três metades em cada haste. Amistosamente, um enorme cachorro apoiava-se em sua panturrilha.

Fin-Kedinn perguntou por que Renn estava irritada, e ela respondeu que não estava.

Ora, pensou ela, o que ele quer que eu diga? Ele sabe o que há de errado. Torak nunca parece estar por perto. E as pessoas ficam me reverenciando como se eu fosse a nova Maga Corvo — o que eu *não* sou, não até eu concordar.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Fin-Kedinn disse:

— Você já voltou há algum tempo, mas nunca perguntou como a antiga morreu.

Ignorando-o, Renn desbastou uma flecha com sua faca, deixando penas somente o suficiente para ela voar reto.

— Foi logo após eu ter voltado das colinas — começou o Líder Corvo. — Ela esperou até saber que eu tinha voltado para juntar os clãs. Escolheu um dia frio, tranquilo; um bosque de azevinhos a meio dia de caminhada do acampamento. Nós a deitamos ali, em seu saco de dormir, e ela bebeu a poção que havia preparado para deixá-la sonolenta. Cantamos aos ancestrais para lhes dizer que ela estava indo, então ela mandou que fôssemos embora. Saeunn teve uma boa morte.

Renn pousou a faca.

— Eu sei por que está me contando isso. Pelo mesmo motivo por que pediu para Durrain ficar. Para garantir que eu tome o lugar dela.

Fin-Kedinn olhou-a firmemente.

— É por isso que está com medo?

— Não estou com medo — rebateu.

O cachorro achatou as orelhas e pressionou o corpo contra Fin-Kedinn.

Renn ficou vermelha diante do fogo.

— Não é justo! — explodiu. — Eles me fazem reverência e me chamam de Maga, mas têm medo dele. Alguns até mesmo fazem o sinal com a mão para se precaver.

— Ele voltou dos mortos, Renn. Claro que estão intranquilos. Mas sabem o que devem a ele.

— Ah, sim — disse ela secamente. — Até mesmo já começaram a contar histórias sobre ele: o Ouvinte que fala com lobos e corvos. Simplesmente não o querem vivendo com eles.

— E Torak. O que ele quer?

Como sempre, ele sentiu o que realmente a perturbava.

— Não sei — disse ela miseravelmente.

Fin-Kedinn passou o polegar ao longo de uma haste.

— Dizem que, no Começo, todas as pessoas eram como Torak, e conheciam as almas de outras criaturas. Agora só existe ele. Durrain acha que deve ser o último. E que, em tempos vindouros, não haverá mais espíritos errantes; e tudo o que restará

será a amizade entre homem e cachorro: uma lembrança do que foi outrora. — Fez uma pausa. — Torak é fora de série, Renn. O clã sabe disso. Ele sabe disso.

Renn pôs-se de pé com um salto.

— Até *você*? Quer que ele vá embora?

— *Quero*? — Os olhos azuis de Fin-Kedinn resplandeceram. — Você acha que eu *quero* que ele vá?

— Então mande ele ficar!

— Não — disse o Líder Corvo. Ele tem de encontrar seu próprio caminho.



Fin-Kedinn alcançou Torak quando este saía para procurar Lobo, e disse-lhe que fossem juntos, vale acima, a fim de verificar as armadilhas. Torak ia protestar, mas algo na voz de seu pai adotivo fez com que pensasse melhor.

A alvorada ainda estava distante, mas a lua brilhava e as árvores lançavam longas sombras azuis através do rio congelado. Torak e Fin-Kedinn iam esmagando o gelo com os pés, em meio a uma névoa de respiração congelada. Na margem oposta, uma rena parou de patear a neve para observá-los passar, depois voltou a mastigar líquen.

Tardiamente, Torak notou que Fin-Kedinn levava uma bolsa de comida e material para leito; perguntou se deveria ter trazido o dele. Fin-Kedinn disse que não. Algum tempo depois, ele entrou numa vala lateral.

— Mas as armadilhas estão rio acima — disse Torak.

Fin-Kedinn continuou a subir.

A neve era mais funda na vala. Árvores tinham sido derrubadas na tempestade de gelo, e o luar projetava estranhas sombras corcovadas.

O Caminhante estava sentado debaixo de um azevinho quebrado, ajeitando as ataduras de seus pés.

Torak parou. Parecia impossível que aquela esfarrapada ruína de um homem tivesse sido outrora um grande Mago. Apenas Fin-Kedinn vira bem no fundo do coração do Caminhante e percebera que ele ainda possuía a habilidade e a centelha de sanidade que o levara a atravessar as colinas e encontrar o covil de Eostra. A confiança do Líder Corvo não fora equivocada.

Fin-Kedinn colocou o punho no peito, em sinal de amizade.

— Narrander — disse ele baixinho.

O Caminhante o ignorou.

Cautelosamente, Torak foi se acocorar perto dele.

— Caminhante — disse ele. — Você salvou a minha vida. Obrigado.

— O quê? O quê? — bradou o velho.

— Você me carregou para fora da Montanha. Cobriu minhas mãos e meus pés para que não sofressem ulceração.

O Caminhante arrancou um piolho da barba, esmagou-o entre o indicador e o polegar e o comeu.

— Os Escondidos salvaram o menino-lobo. O Caminhante apenas o tirou de lá. — Mastigando outro piolho, ele soltou uma ruidosa gargalhada. — Uma pedra cortou a Mascarada em dois, como uma vespa! E onde está Narik?

Fin-Kedinn se aproximou.

— Venha com a gente para o acampamento, Narrander. Vai ficar aquecido. Nós cuidaremos de você.

O Caminhante envolveu-se em suas peles deterioradas e gesticulou para que o Líder Corvo fosse embora.

— Narik e o Caminhante estão fora de seu lindo vale. Eles cuidam deles mesmos.

Fin-Kedinn suspirou e pousou seus fardos.

— Roupas. Comida. É tudo seu, velho amigo.

— Roupas, comida — imitou o Caminhante. — Mas onde está Narik?

Fin-Kedinn hesitou.

— Narik morreu no grande incêndio — disse delicadamente. — Você se lembra. Seu filho morreu.

Torak fitou-o.

— Ah, *aqui* está Narik — berrou o Caminhante, puxando de sua capa um rato silvestre de aparência sonolenta.

Torak falou lentamente.

— Caminhante. Certa vez, você me contou que perdeu o olho num acidente, lascando sílex. Mas você o perdeu no grande incêndio, quando meu pai quebrou a opala de fogo?

O velho alisou o rato com o dedo imundo.

— Ele saltou fora — cantarolou — e um corvo o comeu. Corvos gostam de olhos.

Fin-Kedinn olhou-o com gravidade.

— Você vingou a morte de Narik. Ajudou a acabar com o terror da Maga Bufo-Real. Venha com a gente. Fique em paz.

O velho continuou cantarolando, como se não tivesse ouvido.

Fin-Kedinn indicou para Torak que deveriam ir embora. Para o Caminhante, disse:

— Adeus, Narrander. Que o guardião nade com você.

Quando se levantaram para ir, a garra do Caminhante segurou Torak repentinamente e o puxou de volta. Seu aperto era forte. Torak sentiu uma lufada de

bafo podre, e viu algo tremeluzir no único olho, como um vairão numa lagoa turva.

— O menino-lobo está preocupado, hein? Pedacos de almas estão presas em seu espírito? O Grande Perambulador, a Floresta, a Mascarada? Ele é como o Caminhante, sim, chegou perto demais, por isso tem de continuar andando!

Com um grito, Torak se soltou. O Caminhante soltou uma risada borbulhante que terminou numa tosse.

Deixaram-no ao luar entre as árvores quebradas, apertando o rato silvestre contra o peito.

Nenhum dos dois falou durante o caminho até as armadilhas. Quando chegaram lá, encontraram três tetrazes e duas lebres endurecendo na neve. Fin-Kedinn depenou uma das tetrazes, enquanto Torak acordava um fogo e colocava uma pedra achatada para esquentar. Fin-Kedinn dividiu a tetraz e a colocou sobre a pedra. Depois de comerem, ele pegou uma ponta de galhada do cinto e começou a amolar sua faca.

Após algum tempo, ele falou:

— Certa vez, eu lhe disse que o sétimo Devorador de Almas tinha morrido no incêndio. Eu lhe disse isso porque havia jurado a Narrander não revelar que ele tinha sobrevivido.

Torak ouviu isso em silêncio. Então disse:

— Narik. O *filho* dele?

Fin-Kedinn fez uma pausa. Então contou a história que o pai de Torak lhe contara na noite seguinte ao acontecido.

— Narik tinha oito verões, quando Narrander entrou para os Curandeiros. Mas ele logo quis sair. Os outros não deixaram. Ele se manteve inflexível. Para fazê-lo obedecer, a Maga Bufo-Real pegou Narik. — Ele sacudiu a cabeça. — A Noite das Almas. Seu pai os convocou para o que se tornaria a Colina Queimada. Ele despertou grande fogo. Quebrou a opala de fogo. O Mago Foca ficou terrivelmente queimado. O Caminhante perdeu um olho. Todos escaparam com vida... exceto Narik. Amarrado, escondido pela Mascarada. O pai dele encontrou o corpo. Enlouqueceu de dor.

Brasas crepitaram. Uma coruja cinzenta passou voando baixo a caminho de sua caçada.

Erguendo a cabeça, Torak observou as luzes da Primeira Árvore sumirem com a aproximação da alvorada. Pensou em Narik e Narrander, e em seu pai e sua mãe, e nos brilhantes, imperfeitos Magos que se tornaram Devoradores de Almas. Tanto sofrimento. E para quê?

— Acabou-se, Torak — disse baixinho Fin-Kedinn.

— Eu sei. Mas pensei... pensei que me sentiria melhor.

— Leva tempo.

— Quanto?

O Líder Corvo abriu os braços.

— Após a morte de sua mãe, demorou muitos invernos para o meu espírito sarar.

— O que o trouxe de volta?

— A preocupação com o meu clã. Cuidar de Renn.

O nome dela ficou pendendo entre eles no ar gelado.

Torak levantou-se, saiu caminhando, mas logo voltou.

— Eu sei que ela tem de ficar. E talvez o Caminhante tenha razão, talvez eu serei sempre um perambulador. Mas não posso... não quero perdê-la.

Ele precisava de Fin-Kedinn para ajeitar as coisas; mas o rosto do Líder Corvo permaneceu inflexível enquanto este embainhava sua faca.

— Eu levarei a presa de volta para o acampamento — disse bruscamente. — Você põe o fogo para dormir e recolha as linhas de pesca no rio.



Renn se esquecera de levar comida, portanto, ao amanhecer, estava faminta e de mau humor. Não encontrara Torak, embora tivesse visto uma porção de pegadas de lobos; e se sentia terrível com relação a Treva.

Os clãs da Montanha só o tinham tolerado porque ele estava com Torak, e o fizeram dormir num abrigo separado, na beira do acampamento deles. O Clã do Corvo, a princípio, também ficara cauteloso, embora tivesse mudado ao ver Ark; um garoto com um corvo branco merecia respeito. O próprio Treva fora aceito instantaneamente pela Floresta, e adorava estar entre pessoas. Mas, no dia anterior, Renn o encontrara aflito, apalpando o pequeno boi-almiscarado de ardósia que trouxera de sua caverna. Ela lhe lembrou que Fin-Kedinn tinha dito que ele poderia ficar o tempo que quisesse, e ele confirmou educadamente com a cabeça; mas ela pôde perceber que ele não acreditava realmente naquilo e tinha medo que o mandassem embora.

E você foi má com ele, repreendeu-se Renn, ao caminhar em direção ao acampamento. Muito esperta, Renn. Exatamente do que ele precisava.

Torak estava no rio, abrindo buracos no gelo com uma picareta de galhada e recolhendo as linhas de pesca. Uma pilha de peixes-brancos estava a seu lado, congelando rapidamente, e Rip e Rek caminhavam por ali, fingindo que não estavam interessados.

Torak olhou para Renn, enquanto ela se aproximava, e então retomou o trabalho.

Diferentemente dela, ele ainda usava sua túnica Lebre da Montanha, presa na cintura pelo cinto que Krukoslík lhe dera de presente de despedida: uma larga tira de couro de gamo, costurada com muitas fileiras de dentes de rena. Renn achava que ele ficava com boa aparência, mas diferente de qualquer um na Floresta Aberta. Ela lhe perguntou se ele não se importava em parecer tão diferente de todo mundo.

— Por que deveria? — perguntou com um dar de ombros. — Isso é o que eu sou.

Ela pegou a galhada e arranhou o gelo.

— Você nem mesmo se importa?

— Qual é o problema? Não posso mudar isso.

Por um momento, ele lhe pareceu realmente um estranho: um jovem alto vestido com peles de terras distantes, com uma tatuagem de desterrado na testa e inquietantes olhos cinzentos. Ela pensou, Fin-Kedinn tem razão, ele *é* fora de série. E sempre será.

Em voz alta, ela disse:

— Preciso que me prometa uma coisa.

Ele lhe lançou um olhar cauteloso.

— O quê?

Ela pretendia lhe pedir que não deixasse o clã, mas, em vez disso, falou sem pensar:

— Nunca aja como espírito errante em mim.

— *O quê?* — Ele ficou da cor do fruto da faia. — Mas... eu nunca... isto é... por que eu faria isso? Eu já sei o que você pensa.

Renn o encarou.

— Você... *sabe* o que eu penso?

Ele engoliu em seco.

— ... Sei. De certo modo.

Ela jogou fora a galhada e saiu a passos largos.

— Renn...

A bola de neve o atingiu em cheio no rosto.

— Viu? — gritou ela. — Você não sabia que eu faria isso, sabia?

Torak piscava e cuspiam neve. Sua expressão era de preocupação.

Renn decidiu que era melhor fugir.

Quando subiu apressada a ribanceira, Renn ouviu-o vir atrás dela. Abaixou-se. A bola de neve dele errou-a e atingiu Treva, que estava vindo investigar a gritaria.

Treva ficou pasmado.

— O q-que...?

— É um jogo! — ofegou Renn, ao passar correndo por ele, com um gritinho, quando o míssil seguinte de Torak atingiu-a com força no ombro.

Treva entendeu de imediato, e, em pouco tempo, o ar estava carregado de bolas de neve. A pontaria de Renn era boa, a de Treva, melhor. A de Torak era a pior, mas ele compensava isso com uma incansável bateria de disparos. Os grasnidos nervosos dos corvos atraíram os lobos, que vieram saltitando da Floresta. Lobo torcia o corpo em grandes saltos e mordia as bolas de neve em pleno ar; Pelo-Escuro ficou toda respingada, tendo em vista que era um alvo fácil; e Seixo corria de um lado para outro, latindo e se enfiando debaixo dos pés de todo mundo. Finalmente, Torak e Renn se uniram contra Treva e o bombardearam até ele cair no chão de tanto gargalhar. Ofegantes e com as mãos nos quadris, Torak e Renn desabaram ao lado dele, Lobo e Pelo-Escuro se jogaram em cima deles, e Seixo escalou até o topo.

Ficaram deitados ali, olhando o céu, mastigando bolos de avelã que Treva trouxera e jogando migalhas para os corvos. Em seguida uma nuvem passou encobrendo o sol, e subitamente fez frio.

Seixo saiu perambulando e se enroscou numa linha de pesca. Treva foi ajudá-lo, seguido por Lobo e sua companheira.

Renn virou-se, ficou deitada de barriga e olhou para Torak.

— Se você vai embora — disse ela rapidamente —, é melhor ir logo.

Torak sentou-se.

— Renn...

— E aí?

Ele franziu a testa.

— Renn.

Ela se pôs de pé e foi embora.



Os lobos foram caçar na Floresta e os outros voltaram para o acampamento: as roupas sujas, cobertas de neve, e esqueceram os peixes— brancos no gelo.

Fin-Kedinn olhou de Torak para Renn, então mandou que Torak fosse apanhar os peixes, e que Renn procurasse Durrain, que estivera perguntando por ela.

— Treva, fique comigo — disse ele bruscamente. — Preciso falar com você.

Essa não, pensou Renn. Ela viu Torak se demorando, preocupado com seu amigo.

— Vou pegar as minhas coisas — disse Treva, frustrado.

— Por quê? — perguntou Fin-Kedinn prontamente. — Você vai embora?

— Hã. Mas eu pensei que...

— Você quer ir?

Treva sacudiu a cabeça.

— Então fique.

— Q-Quer dizer para sempre?

— Você nos pertence. Não é?

Timidamente, Treva concordou com a cabeça.

— Bem, então fique. — Sem esperar resposta, Fin-Kedinn girou nos calcanhares e foi embora.

Aturdido, Treva observou-o ir embora. Torak sorriu e deu-lhe um tapinha no ombro. Renn ficou imaginando por que seu tio não estava sorrindo.

Naquela noite, ela acordou e o viu sentado, encurvado diante da fogueira. Surpreendentemente, ele não estava fazendo nada; simplesmente olhava as chamas.

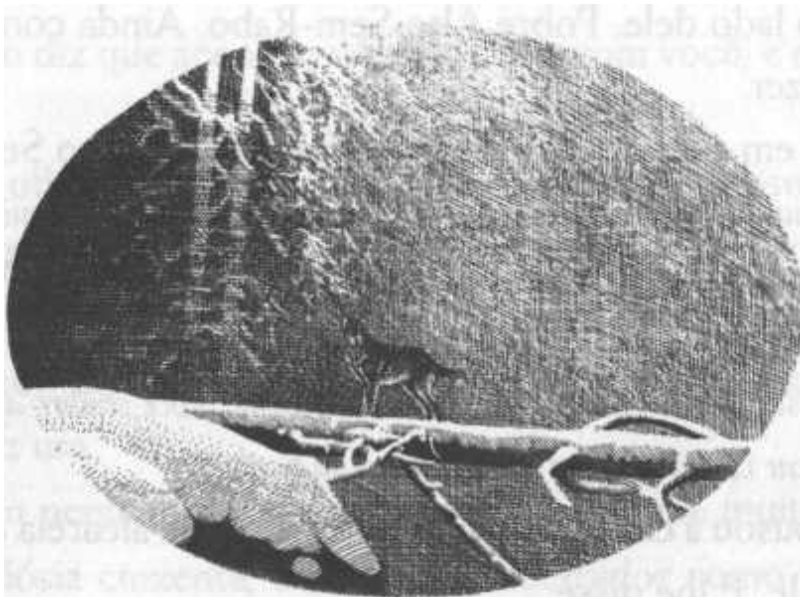
Na Floresta, os lobos uivaram. Renn distinguiu a forte, feliz canção de Lobo e os uivos musicais de Pelo-Escuro, e o berro cada vez mais melhorado de Seixo.

Ela observou Fin-Kedinn virar a cabeça para ouvir. Sua expressão era triste: como se os lobos lhe dissessem alguma coisa que ele não queria ouvir.

Após algum tempo, ele sentou-se mais aprumado e endireitou os ombros.

E assentiu uma vez.

QUARENTA E DOIS



O Escuro se reunia debaixo das árvores, enquanto Lobo trotava sobre o Frio Macio Brilhante para esperar seu irmão de alcateia. Ele chegou à colina acima do grande Covil dos sem-rabo e pulou para um tronco, a fim de captar os cheiros. Viu alguns da matilha que cheira a corvo emergirem da Floresta com montes de galhos em suas patas dianteiras. O corvo branco pousou no topo do Covil e o bondoso sem-rabo com o pelo desbotado na cabeça saiu e mandou ele descer.

Os corvos negros passaram voando por Lobo e o cumprimentaram com suaves grou-grous. Como ele estava de bom humor, devolveu o cumprimento com uma levantada de focinho. Ele tinha abatido um corço e sua barriga estava cheia. Quando deixou Pelo-Escuro e o filhote, eles estavam animadamente roendo ossos.

Um forte esmagar do Frio Macio Brilhante disse a Lobo que seu irmão de alcateia estava vindo. Tão barulhento, pensou Lobo afetuosamente.

Para cuidar que o Alto Sem-Rabo o visse, ele deixou as árvores e saiu para céu aberto, sacudindo o rabo. O cumprimento do Alto Sem-Rabo foi contido. Sentou no tronco e olhou para o nada, e Lobo se sentou ao lado dele. Pobre Alto Sem-Rabo. Ainda confuso sobre o que devia fazer.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Então Alto Sem-Rabo disse: Seu *Bafo-que-Anda*. *Eu o vi na Montanha. Ele tem um brilho muito forte.*

Pelo menos foi o que Lobo achou que ele disse. Às vezes, era difícil saber.

Você é sensato, continuou Alto Sem-Rabo. *Você sempre ajuda. Ajude-me agora. Devo ficar com a matilha dos corvos? Ou partir?*

Lobo pousou a cabeça no joelho do irmão de alcateia e fez contato visual com ele. E lhe disse.

Na manhã seguinte, Torak amarrava seu saco de dormir, quando Treva apareceu na porta do abrigo. Trocaram olhares, e Torak percebeu aliviado que não teria de se explicar para o amigo.

— Sentirei sua falta — disse Treva.

Torak tentou sorrir.

— Meu pai costumava dizer que a melhor coisa na vida é se mudar para o local seguinte de acampamento. — Fez uma pausa. Claro que isso é um ditado do Clã do Lobo, e eu não sou Clã do Lobo.

— Bem. Eu não sou Clã do Corvo. Eles não parecem se importar.

— Você sabia que algumas pessoas já o estão chamando de o Corvo Branco?

Treva sorriu. Recentemente, ele tivera sua confiança renovada. Torak achava que isso combinava com ele.

— O que você vai fazer? — perguntou Treva.

— Ora... caçar. Visitar partes da Floresta onde eu nunca estive antes. Encontrar com Lobo e Pelo-Escuro e Seixo. — Ele pensou por um momento. — Estou cansado, Treva. Quero ficar em paz em meio às árvores.

Treva assentiu.

— Renn diz que aconteceu muita coisa com você; e não o suficiente comigo.

Torak olhou abaixo para seu saco de dormir e pensou: "Espero que Renn entenda." Fechando a cara, ele deu um forte puxão, ao fazer o último nó.

— Tome — disse Treva, estendendo a mão. — Você não tem amuleto, e eu lhe fiz um.

Era um pequeno lobo de pedra numa correia: muito bem esculpido em ardósia cinzenta, os olhos semicerrados como se fosse erguer seu pequenino focinho para uivar.

— Eu gravei a marca da Floresta na barriga dele — disse Treva — e a pintei de vermelho com seiva de amieiro. Isso é muito importante. O vermelho é o fogo e as Montanhas, e é a amizade. É preciso renová-la de vez em quando. Isto é, a seiva de amieiro.

Torak pegou o amuleto e o colocou em volta do pescoço.

— Obrigado — disse ele. — Eu farei isso.

Ele encontrou Fin-Kedinn sentado junto ao rio, consertando redes de pesca. O Líder Corvo parou de trabalhar e o observou aproximar-se.

— Eu gostaria que você não fosse embora — disse ele baixinho.

— Eu também. Mas meu irmão de alcateia me lembrou uma coisa. Que um lobo não pode pertencer a duas alcateias.

Fin-Kedinn concordou pensativamente com a cabeça.

— Sabe, quando você era pequeno e seu pai procurou a anciã na reunião de clãs junto ao Mar, ele disse a ela: *Embora meu filho não seja Clã do Lobo, creio*

que ele é verdadeiramente um lobo. Finalmente entendi o que ele quis dizer.

Torak sentiu um nó na garganta.

— Fin-Kedinn. Eu não... não sei como lhe agradecer por tudo que fez.

O Líder Corvo franziu a testa.

— Não me agradeça. Apenas lembre-se, Torak. Aonde quer que você vá, encontrará amigos entre os clãs. E espero... tenho a esperança de que um dia você voltará.

— Eu voltarei. Eu o verei novamente, prometo. Meu pai adotivo.

Fin-Kedinn se pôs de pé. Seus olhos azuis reluzindo, quando ele colocou a mão na nuca de Torak. Eles tocaram as testas.

— Adeus, meu filho — disse o Líder Corvo. — Que o seu guardião corra com você.

Torak deixou-o e caminhou cegamente para fora do acampamento.

Era um dia calmo, ensolarado da Lua de Tetrax, e, embora a primavera ainda não tivesse chegado, a Floresta começava a se agitar. Um pica-pau tamborilava a distância. Um pequenino e vigoroso pisco-chilreio, empoleirado num pé de freixo, quebrava sementes com o bico. Uma lebre branca, apoiada nas patas traseiras, mordiscava enegrecidos frutos congelados de espinheiros.

Torak não tinha ido muito longe, quando Lobo apareceu e trotou a seu lado. A pele dele reluzia com os flocos de neve, e os olhos cor de âmbar brilhavam. Torak perguntou onde estava a irmã de alcateia, e Lobo o conduziu até a metade do caminho acima da lateral do vale.

Renn estava sentada numa pedra em um trecho de sol, encordoando novamente seu arco. Pelo-Escuro estava a seu lado, percorrendo com as mandíbulas um ramo de arbusto espinhoso para limpá-lo, enquanto Rip e Rek se encontravam empoleirados num galho, jogando pinhas em Seixo.

Saltitantes, Pelo-Escuro e o filhote foram saudá-los. Renn nem sequer virou a cabeça. Seu capuz estava jogado para trás e os cabelos ruivos flamejavam. Torak parou para fixar aquela imagem em sua memória.

— Eu vim dizer adeus — disse ele finalmente.

Ela olhou-o de relance, então voltou a atenção para o arco.

— Para quem?

— Renn. Eu não posso ficar. E você não pode ir embora.

— E, se eu pudesse, você iria querer me poupar da escolha.

Ele não respondeu.

Renn levantou-se e o encarou, muito pálida e tranquila.

— A escolha não é sua. É minha.

Algo no modo como ela disse isso fez seu coração pular uma batida.

— Mas... você vai ser a Maga do Clã.

— Não. Treva será o Mago.

Treva.

— Fin-Kedinn percebeu antes de todo mundo — disse Renn com uma falha na voz. — Foi por isso que pediu que Durrain ficasse. Não por minha causa, mas por causa de Treva. Ela diz que tem habilidades espantosas. E quer ser isso, quer de verdade. — Duas manchas de cor surgiram em suas faces. — Fin-Kedinn percebeu tudo isso. Ele... — engoliu em seco. — Ele deixou que eu escolhesse.

Foi então que Torak viu o resto das posses dela empilhadas atrás da pedra.

— Torak — disse Renn firmemente. — Você já tentou antes me deixar para trás. Esta é a *última vez*. Quer que eu vá com você ou não?

Torak tentou falar, mas não conseguiu. Ele concordou com a cabeça.

— Diga — ordenou Renn.

—... Sim. Sim, eu quero que venha comigo.

Ela começou a sorrir.

— *Sim!* — berrou ele, erguendo-a em seus braços e girando-a no ar, fazendo seu cabelo voar, enquanto os corvos irrompiam no espaço numa agitação de asas, e os lobos sacudiam o rabo e uivavam.

Lá embaixo, no vale, Fin-Kedinn ouviu-os, pôs-se de pé e ergueu o bastão em despedida.

Torak e Renn saltaram para cima da pedra, para que Fin-Kedinn pudesse vê-los, e agitaram seus arcos acima da cabeça.

Em seguida juntaram as coisas de Renn e partiram manhã adentro, com os lobos trotando atrás deles e os corvos dançando nas alturas do céu.

As Crônicas das Trevas Antigas relatam as aventuras de Torak na Floresta e mais além, em sua missão de derrotar os Devoradores de Almas. *Irmão Lobo* é o primeiro livro; *Espírito Errante*, o segundo; *Devorador de Almas*, o terceiro; *Desterrado*, o quarto; e *Perjuro*, o quinto. *Caçador de Fantasma*s é o sexto e último livro.

NOTA DA AUTORA

O mundo de Torak é o de seis mil anos atrás: após a Idade do Gelo, mas antes da expansão da agricultura em sua parte do noroeste da Europa, quando a Terra era apenas uma vasta Floresta.

As pessoas do mundo de Torak pareciam exatamente como você ou eu, mas seu modo de vida era muito diferente. Elas não tinham escrita, metais ou a roda, mas não precisavam disso. Eram esplêndidos sobreviventes. Conheciam tudo sobre animais, árvores, plantas e pedras da Floresta. Quando queriam algo, sabiam onde encontrar ou como fazer.

Viviam em pequenos clãs e muitos deles se movimentavam bastante: alguns ficavam em acampamentos por apenas poucos dias, como o Clã do Lobo; outros, por toda uma lua ou uma estação, como os Clãs do Corvo e do Salgueiro; ao passo que ainda outros permaneciam parados um ano inteiro, como o Clã da Foca. Portanto, alguns dos clãs mudaram de lugar desde os acontecimentos de *Perjuro*, como você verá no mapa ligeiramente modificado.

Quando pesquisava para *Caçador de Fantasma*s, visitei a Lapônia finlandesa em pleno inverno. Ali, no Parque Nacional Urkho Kekkonen (parte do deserto Saariselkä), caminhei por quilômetros com sapatos para neve, seguindo o rastro de um alce, e vi renas alegremente pateando a neve atrás de líquen a uma temperatura de -18°C.

Também passei algum tempo nas montanhas de Dovrefjell, na Noruega, onde, em muitas caminhadas sozinha, tive a sensação das colinas rochosas, e vivenciei aquela estranha, assombrosa sensação de estar sozinha nas montanhas. Em várias ocasiões, observei bois—almiscarados, que se parecem extremamente com bisões peludos, mas que, na verdade, são parentes das ovelhas. Juntei fragmentos de sua lã incrivelmente quente, que deixaram para trás presos em galhos; e várias vezes tive de alterar a rota de minhas caminhadas, quando uma manada de bois-almiscarados bloqueava o caminho. Também escalei as encostas do monte Snohetta (2.286m). Suas repentinas neblinas, sinistros penhascos e traiçoeiros campos de pedra me forneceram muita inspiração para a Montanha de Fantasma.

Finalmente, mantive, é claro, minha amizade com os lobos do UK Wolf Conservation Trust, que continuaram a me inspirar. Foi um privilégio passar algum tempo com lobos que conheci ainda filhotes, e que agora são jovens adultos felizes, saudáveis e turbulentos, graças a seus dedicados criadores.

Gostaria de agradecer a todos do UK Wolf Conservation Trust por me deixarem fazer amizade com os lobos; ao sr. Derrick Coyle, o (hoje aposentado) Yeoman Ravenmaster da Torre de Londres, cujo extenso conhecimento e extensa experiência com corvos tem sido uma constante inspiração; ao amigável e prestativo povo do

distrito de Ivalo, Finlândia; a Ellen e Knut Nyhus, do Kongsvold Fjeldstue, Dovrefjell, particularmente por me levarem através do limite da linha de exercício de tiro do Exército até o sopé do Snohetta, permitindo que eu o escalasse (quase) até o topo.

Quero agradecer a todos de minha editora, o Orion Publishing Group, pelo apoio sincero, desde o início, a estes livros. Também sou extremamente grata a Geoff Taylor por criar as deslumbrantes ilustrações dos capítulos e mapas evocativos; e a John Fordham, por captar a essência de cada história em suas belas e inconfundíveis capas.

Como sempre, meu agradecimento ao meu agente, Peter Cox, por incentivar a ideia desde o começo, e por apoiá-la de modo tão incansável e completo desde então.

Por último, meu agradecimento especial a Fiona Kennedy, que me incentivou a escrever estes livros com tamanha imaginação, talento, paciência, empenho e compreensão sem limites. Eu não podia querer uma *publisber* e editora melhor.

Michelle Paver
2009



Table of Contents

<u>UM</u>	
<u>DOIS</u>	
<u>TRÊS</u>	
<u>QUATRO</u>	
<u>CINCO</u>	
<u>SEIS</u>	
<u>SETE</u>	
<u>OITO</u>	
<u>NOVE</u>	
<u>DEZ</u>	
<u>ONZE</u>	
<u>DOZE</u>	
<u>TREZE</u>	
<u>CATORZE</u>	
<u>QUINZE</u>	
<u>DEZESSEIS</u>	
<u>DEZESSETE</u>	
<u>DEZOITO</u>	
<u>DEZENOVE</u>	
<u>VINTE</u>	
<u>VINTE E UM</u>	
<u>VINTE E DOIS</u>	
<u>VINTE E TRÊS</u>	
<u>VINTE E QUATRO</u>	
<u>VINTE E CINCO</u>	
<u>VINTE E SEIS</u>	
<u>VINTE E SETE</u>	
<u>VINTE E OITO</u>	
<u>VINTE E NOVE</u>	
<u>TRINTA</u>	
<u>TRINTA E UM</u>	
<u>TRINTA E DOIS</u>	
<u>TRINTA E TRÊS</u>	
<u>TRINTA E QUATRO</u>	
<u>TRINTA E CINCO</u>	
<u>TRINTA E SEIS</u>	

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

NOTA DA AUTORA